

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

A PARTILHA DO *ERA UMA VEZ*: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA
PARA A AMPLIAÇÃO DAS CAPACIDADES LINGUÍSTICAS

Camila Gabriela Pollnow

Mariana Hoffmann

FLORIANÓPOLIS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

A PARTILHA DO *ERA UMA VEZ*: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA
PARA A AMPLIAÇÃO DAS CAPACIDADES LINGUÍSTICAS

Camila Gabriela Pollnow

Mariana Hoffmann

Prof. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott

MEN 7001 – Estágio Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

FLORIANÓPOLIS

2011

Pela necessidade de respeitar espaços e padrões estabeleci uma ordem (que não precisa ser seguida a risca, exceto pelos dois primeiros) e dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, que ilumina todos os caminhos e com certeza contribuiu na feliz realização deste semestre de trabalho. Dedico-o também aos meus pais: Almir e Iara, durante todo este tempo foram vocês os que mais me encorajaram, apoiaram, fortaleceram. Apesar do fator distância, corajosamente enfrentado, ambos nunca me deixaram pensar em desistir e estiveram ao meu lado todo o tempo. Vocês são a minha maior força! Minha base, meu tesouro. Mariana, fiel escudeira de manhãs, tardes e noites de trabalho e amizade, minha dupla de estágio. É claro que tu mereces um parecer nesta dedicatória! Também aos meus familiares e amigos eu dedico este trabalho: vocês me acompanharam, me fizeram rir e chorar. Me fizeram ser mais eu. Meu querido Diego não poderia faltar neste registro. Ele, que esteve ao meu lado em todos os momentos e muitas vezes, quando eu já não via mais como, me ajudou a respirar. Isabelle, Otto, Tetê e Miros, amores do meu coração, *born to be fluffy*. Também dedico a vocês, pequenos, este trabalho. Por terem me ouvido tantas vezes, mesmo que em silêncio. Já dizia alguém que a palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro! Em suma, eu gostaria de dedicar este trabalho, de todo o meu coração, a todos aqueles que seguraram a minha mão e me apoiaram nesta caminhada.

Camila Gabriela Pollnow

Nada na vida devo fazer se não for por Deus, e este trabalho não é diferente. É de Deus e por Deus cada página desse trabalho e cada segundo desse semestre que passamos. E por ter alcançado essa conquista, dedico também o resultado do trabalho que fizemos aos meus pais, Valmir e Leônia, a quem agradeço por toda a força recebida, todo o carinho e dedicação, e peço desculpas por toda a minha ausência durante esse tempo. Às minhas irmãs, Andresa e Maria Eduarda, por todos os momentos em que elas tentaram me distrair e alegrar, por ouvir meus ensaios e me aguentar durante essa caminhada. Dedico à minha outra irmã, essa de coração, chamada Camila, companheira de curso, de estágio e de vida, que me acompanhou em cada momento de nervosismo, alegrias, tristezas e madrugadas insones. Ao meu noivo Maicon, dedico este trabalho como forma de agradecer por toda compreensão, apoio e força recebidos durante esse tempo, sem os quais tornariam insuportáveis todos os esforços. Enfim, aos amigos e familiares que acompanharam a nossa trajetória e torceram para que tudo desse certo.

Mariana Hoffmann

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos que contribuíram de alguma forma para que o nosso trabalho se concretizasse, especialmente:

A todos os professores da Universidade Federal de Santa Catarina que nos acompanharam no decorrer da nossa vida acadêmica, fazendo-nos, desde a primeira fase, acumular todo o capital de conhecimento aplicado neste semestre.

À professora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, nossa orientadora no processo de transformação de alunos para professores, por sua ajuda nos momentos de decisão, de apoio e de desespero.

À Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, em nome de todos os seus colaboradores, direção e professores, que nos acolheu de forma tão especial, o que contribuiu diretamente para os resultados do nosso trabalho.

À professora regente Ângela Beirith, pelo exemplo de comprometimento, pela ajuda na nossa caminhada e pelo carinho e atenção conosco.

À equipe da Pedagogia Hospitalar do Hospital Infantil Joana de Gusmão (Florianópolis) pela acolhida do nosso projeto com tanto carinho e disponibilidade, possibilitando que o projeto se tornasse realidade.

Ao jornalista Rafael Martini, colunista do Jornal Diário Catarinense, que acreditou e apoiou o nosso projeto, contribuindo de maneira inestimável para o engrandecimento das atividades planejadas.

Aos nossos colegas de classe com os quais, mesmo estando um pouco mais afastados nesse semestre, pudemos compartilhar experiências, alegrias, dificuldades e realizações.

Em resumo, a todos aqueles que nos acompanharam e torceram por nós.

*“O leitor atento, verdadeiramente ruminante,
tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar
e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou
parecia estar escondida.” Machado de Assis*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CAMPO DE ESTÁGIO	11
2.1	DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	11
2.2	HISTÓRICO DA ESCOLA.....	11
2.3	ESPAÇO ESCOLAR.....	12
2.4	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	14
2.5	PROFESSOR.....	19
2.6	TURMA 81 / 2011	21
2.7	REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES DE AULA	24
2.7.1	Observação 1 e 2 - Camila.....	24
2.7.2	Observações 3 e 4 - Camila	27
2.7.3	Observações 5 e 6 - Camila	31
2.7.4	Observações 7 e 8 - Camila	34
2.7.5	Observações 9 e 10 - Camila	38
2.7.6	Reflexão Crítica - Camila.....	41
2.7.7	Observações 1 e 2 – Mariana	45
2.7.8	Observações 3 e 4 – Mariana	48
2.7.9	Observações 5 e 6 – Mariana.....	51
2.7.10	Observações 7 e 8 – Mariana.....	53
2.7.11	Observações 9 e 10 – Mariana.....	58
2.7.12	Reflexão Crítica – Mariana	60
3	PROJETOS DE ATUAÇÃO	64
3.1	PROJETO DE DOCÊNCIA	64
3.1.1	Apresentação	64
3.1.2	Escolha do tema	65
3.1.3	Ensino de Língua Portuguesa: algumas vozes	67
3.1.4	Objetivos.....	71
3.1.4.1	<i>Conceituais</i>	<i>71</i>
3.1.4.2	<i>Procedimentais</i>	<i>71</i>
3.1.4.3	<i>Atitudinais.....</i>	<i>72</i>
3.1.5	Metodologia	72

3.1.6 Recursos	73
3.1.6.1 <i>Recursos materiais</i>	73
3.1.6.2 <i>Recursos bibliográficos</i>	73
3.1.7 Avaliação	73
3.1.8 Planos de aula	75
3.1.8.1 <i>Aula 1</i>	75
3.1.8.2 <i>Aula 2</i>	78
3.1.8.3 <i>Aula 3</i>	81
3.1.8.4 <i>Aula 4</i>	84
3.1.8.5 <i>Aula 5</i>	86
3.1.8.6 <i>Aula 6</i>	88
3.2 PROJETO EXTRACLASSE	90
3.2.1 Apresentação	90
3.2.2 Justificativa	91
3.2.3 Referencial Teórico	91
3.2.3.1 <i>A linguagem como objeto de ensino e suas implicações</i>	92
3.2.3.2 <i>O jornal escolar como estratégia para o ensino de língua</i>	97
3.2.4 Objetivos	99
3.2.5 Metodologia	99
3.2.6 Recursos	100
3.2.7 Avaliação	100
3.2.8 Planos de Aula	101
3.2.8.1 <i>Encontro 1</i>	101
3.2.8.2 <i>Encontro 2</i>	103
3.2.8.3 <i>Encontro 3</i>	105
3.2.8.4 <i>Encontro 4</i>	107
3.2.8.5 <i>Encontro 5</i>	109
4 EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA	111
4.1 RELATOS E OBSERVAÇÕES	111
4.1.1 Docência – Observação Aulas 1 e 2	111
4.1.2 Docência – Observação Aulas 3 e 4	113
4.1.3 Docência – Observação Aulas 5 e 6	116
4.1.4 Docência – Observação Aulas 7 e 8	118
4.1.5 Docência – Observação Aulas 9 e 10	120
4.1.6 Docência – Observação Aulas 11 e 12	121
4.1.7 Descrição da atividade de contação de histórias – finalização do projeto	123
4.1.8 Extraclasse – Observação Encontro 1	124

4.1.9	Extraclasse – Observação Encontro 2	126
4.1.10	Extraclasse – Observação Encontro 3	128
4.1.11	Extraclasse – Observação Encontro 4	129
4.1.12	Extraclasse – Observação Encontro 5	131
4.2	PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	131
4.3	ENSAIOS E DEPOIMENTOS	134
4.3.1	Um ensaio de como ser no mundo docente	134
4.3.2	Do treinamento fora d'água, da adaptação com boias até o mergulho!	138
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
6	REFERÊNCIAS	143
7	ANEXOS	145
7.1	TERMOS SIARE	145
7.2	FICHAS DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES	147
7.3	MATERIAL DE APOIO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO	149
7.4	PLANEJAMENTO DA PROFESSORA	157
7.5	MATERIAIS UTILIZADOS EM SALA NA OBSERVAÇÃO	162
7.6	QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	164
7.7	AMOSTRA DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS	165
7.8	MATERIAIS UTILIZADOS NA DOCÊNCIA	168
7.9	AMOSTRA DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS	187
7.10	JORNAL PRODUZIDO NO PROJETO EXTRACLASSE	191

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, apresentado pelas acadêmicas estagiárias Camila Gabriela Pollnow e Mariana Hoffmann, trata-se do Relatório Final resultante das práticas exigidas pela disciplina MEN 7001 – Estágio Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, ministrada pela professora D^{ra}. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott. O mesmo é ostentado ao curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, sendo parte do estágio obrigatório do curso de Letras Português – Língua e Literatura Vernáculas.

O estágio se dividiu em três grandes e principais partes, conforme tentamos representar na composição do relatório. A primeira seria referente à etapa de introdução e adaptação dos estagiários no ambiente escolar, na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito (localizada no bairro Pantanal, no município de Florianópolis), compondo-se de estágio de observação, reconhecimento do histórico da escola, coleta de dados e informações técnicas a respeito do campo de estágio. A segunda parte, também ocorrida na Escola Beatriz, refere-se à elaboração dos projetos de atuação no ambiente escolar, a saber: o projeto de docência e o projeto extraclasse. A terceira parte contempla a execução dos projetos planejados, bem como a análise crítica da atuação por parte das estagiárias e os depoimentos sobre a experiência.

O projeto de docência foi elaborado e executado na turma que foi observada pelas estagiárias no período de 18 de Agosto a 2 de Setembro de 2011. Já o projeto extraclasse foi pensado para atender aos alunos vindos do contraturno do período vespertino, adequando-se à realidade da escola, tanto cultural quanto socioeconomicamente.

Na execução do projeto de docência, que aconteceu 11 e 26 de Outubro de 2011, os alunos encontravam-se numa faixa etária localizada, em geral, entre 14 e 15 anos de idade, trazendo em si todas as características reconhecíveis e marcadas pelas profundas mudanças que ocorrem neste período da vida, em que o desenvolvimento do sujeito é marcado por uma reconstituição da identidade.

Para a realização do projeto extraclasse, as estagiárias não contavam com uma faixa etária fixa: contemplaram o projeto todos os alunos interessados do período vespertino da escola (já que o projeto foi realizado no contraturno – matutino) de 6º a 9º ano, ou seja, de 12 a 15 anos.

Por último, mas não menos importante, são apresentados os anexos, que contém alguns itens necessários e obrigatórios para a validação do referido estágio¹, quesito para a aprovação e conclusão da disciplina e do curso, bem como alguns materiais necessários para que o leitor possa acompanhar o andamento das atividades observadas, materiais produzidos pelos alunos e utilizados pela professora e estagiárias no estágio de observação e realização do projeto de docência e extraclasse, bem como o jornal resultante do projeto extraclasse.

¹ Vide Anexos 7.1 Termos SIARE e 7.2 Fichas de Registro das Observações

2 CAMPO DE ESTÁGIO

2.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

INSTITUIÇÃO: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

NÚCLEO: Pantanal

MUNICÍPIO: Florianópolis

NUMERO DE ALUNOS: 500²

2.2 HISTÓRICO DA ESCOLA

Segundo o histórico de CABRAL FILHO (1998), o bairro Pantanal, em Florianópolis, teve sua primeira escola no início do século XX. Era uma escola masculina, isolada, destinada a receber os filhos dos moradores locais, que eram, em sua maioria, descendentes de açorianos e negros. Esta escola, mais tarde, foi transformada em escola mista, mas contava ainda com um único professor em sala para atender a todas as quatro séries do nível de escolaridade oferecido. Após completar as quatro séries, as crianças eram obrigadas a optar entre encerrar os estudos ou encaminhar-se para escolas dos bairros vizinhos, como o Grupo Escolar Getúlio Vargas (Saco dos Limões) ou o Grupo Escolar Olívio Amorim (Trindade). Esse fato, juntamente com a idade avançada da única professora da escola, foi determinante para o fechamento da instituição.

No fim da década de 1950, o grande número de crianças que moravam no bairro Pantanal e nas redondezas obrigou não só a reativação, mas a ampliação da escola, que começou como uma casa-escola, funcionando em três turnos de três horas cada, expandida para quatro casas-escola e oficializada como Escola Isolada do Pantanal, em 1958.

Com a fundação da Universidade Federal de Santa Catarina no bairro Trindade em 1960, que gerou muitos empregos para a região, e a implantação da ELETROSUL no Pantanal em 1968, que trouxe muitos moradores, o perfil do bairro Pantanal mudou. Isso

² Dado obtido em setembro de 2011.

exigiu a melhoria do serviço educacional, o que levou à elevação da Escola Isolada do Pantanal a Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito. O Grupo Escolar passou a funcionar em um único local, contando com quatro salas de aula, sala de direção, cozinha, banheiros e pátio coberto. As professoras normalistas efetivas que trabalhavam no Grupo Escolar, juntamente com a direção, participavam de reuniões promovidas pelo Departamento de Educação da Prefeitura, em que eram discutidas as necessidades da escola, o rendimento dos estudantes e as experiências adquiridas.

Em 1986, o Grupo Escolar foi transformado em Escola Básica, passando a oferecer o estudo posterior à 4ª série do Ensino Fundamental. Neste mesmo ano, aconteceu a primeira eleição direta para a direção da escola, que elegeu a professora Catarina Maria Silveira dos Santos, que já exercia este trabalho havia 17 anos.

Devido à instabilidade econômica, política e social no Brasil no início da década de 1990, que abalou o poder aquisitivo da classe média, muitos funcionários da ELETROSUL e da UFSC transferiram seus filhos das escolas particulares para as instituições públicas de ensino. Esse fator causou uma mudança importante no cenário socioeconômico da Escola Beatriz, que recebeu muitos desses alunos e também os pais deles, cobrando uma educação de qualidade e reativando a Associação de Pais e Professores e o Grêmio Estudantil.

Hoje, com a matrícula eletrônica aberta, sem cotas por localidade, o público alvo da escola é originário de todo o município, além de alunos que vem de municípios vizinhos, como Palhoça e São José.

2.3 ESPAÇO ESCOLAR

Ao chegar à escola, que é escondida da visibilidade da rua geral por seu ginásio de esportes, e cuja entrada se encontra em uma rua estreita, ao pé de um morro, a primeira visão é a de um muro razoavelmente alto, com um portão eletrônico de ferro para carros, abrindo para o estacionamento dos professores, e um menor para os alunos, ambos devidamente vigiados por um segurança sentado em uma cabine ao lado do portão.

Ao entrar na escola, vemos um pátio calçado com paralelepípedos, com vários banquinhos espalhados. O espaço tem bastante verde e serve de pátio para as entradas da creche Nossa Senhora Aparecida, para a quadra de esportes e para a entrada do prédio

principal da escola. Tendo em vista que a construção da escola se deu em um terreno acidentado, os prédios são construídos como que em patamares, tendo escadas e rampas (algumas cobertas, outras não) que dão acesso aos diversos níveis. Entre um patamar e outro há bastante área verde, com árvores, flores e gramados.

No primeiro nível (do mais baixo para o mais alto), encontram-se as instalações da secretaria, sala dos professores, sala de espera, apoio e coordenação pedagógicos e salas das turmas de 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. No segundo patamar estão a cozinha, o refeitório, a sala informatizada, a biblioteca e uma sala de aula. As salas de 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries encontram-se no terceiro patamar, juntamente com os banheiros maiores (masculino, feminino e para cadeirantes). No quarto patamar estão as salas de planejamento, a Sala dos Projetos³, a Sala multimeios⁴, a Sala multiuso⁵ e auditório. Acima do quarto patamar existe uma quadra de esportes e um cômodo para os materiais dos funcionários.

A escola tem, no total, 500 alunos em dois turnos. Cada turno (matutino e vespertino) é dividido em cinco aulas de 45 minutos cada, com um intervalo de 15 minutos. No início da aula, às 07h45min e às 13h30min, e na volta do recreio, há o toque do sinal. A escola havia tentado abolir o uso, mas acabou adotando-o somente nesses horários.

A mudança do padrão série para ano está acontecendo na escola, sendo que as novas turmas todas já seguem o sistema de anos. As sétimas e oitavas séries são as últimas turmas a seguirem o esquema seriado. Como uniforme, os alunos possuem uma camiseta personalizada, embora o uso não seja obrigatório. A escola não possui cantina, oferecendo merenda a todos os alunos no intervalo que acontece entre 10h00min e 10h15min no período matutino e entre 15h45min e 16h00min no período vespertino. Alguns alunos que moram longe e ficam na escola para atividades no contraturno, almoçam na escola.

O quadro de funcionários da escola é composto por 1 diretor, 1 secretária, 3 pessoas atuando na equipe pedagógica, 8 professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental, 12 professores nos anos finais do Ensino Fundamental, 5 auxiliares de sala, sendo que 2 deles atendem alunos com necessidades especiais, 2 bibliotecários, 11 funcionários terceirizados para serviços gerais, 4 professores readaptados e 1 vigia por turno.

O ano letivo da escola é dividido em quatro bimestres, encerrados por conselhos de classe, conforme Calendário Escolar aprovado anualmente em Assembleia Geral.

³ Sala utilizada para o atendimento aos alunos no contraturno.

⁴ Sala para atendimento dos alunos que participam de projetos de inclusão.

⁵ Sala com estrutura para funcionar como sala de artes e laboratório.

A explicitação da avaliação acontece de forma descritiva nos 1º e 2º anos do ensino fundamental e quantitativa nos demais anos. Aliada aos conselhos de classe, a avaliação considera aspectos referentes à apropriação não somente de conteúdos factuais e conceituais, mas também procedimentais e atitudinais. São feitas recuperações bimestrais dos conteúdos vistos, segundo as quais avisos de reprovação são enviados aos pais no terceiro bimestre, caso seja esta a situação.

Os projetos desenvolvidos atualmente no espaço escolar são “Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas”, projeto que norteia as escolhas político-pedagógicas da escola, conforme será visto posteriormente, os projetos de pesquisa, que anualmente são definidos e assumidos pelos professores, as atividades de extensão oferecidas pela participação dos PIBID⁶ Matemática e PIBID Música, coral, teatro e grupos de estudo para os testes de seleção para instituições de ensino médio como o Colégio Catarinense, Energia e Instituto Federal de Santa Catarina.

A APP, juntamente a órgãos privados – como a ELETROSUL –, desenvolve projetos para a aquisição de livros em grande quantidade, para que todos os alunos leiam um mesmo título e este seja trabalhado e discutido em sala de aula, conforme preveem as concepções da escola. Projetos como este também são feitos para financiar as saídas de campo com os alunos, já que a escola conta com uma tradição bastante interessante de promover, a cada ano, uma saída para cada série. Resultados bastante interessantes e positivos são obtidos, desde as turmas dos primeiros anos, que saem para conhecer os recursos do bairro⁷, até as turmas de sétimas e oitavas séries, que saem para a Bienal de Artes Plásticas, em São Paulo, ou o Museu de Ciências e de Tecnologia da PUC / RS.

2.4 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Apesar de a escola não ter um documento estruturado chamado Projeto Político-Pedagógico, vulgo PPP, a proposta pedagógica da escola envolve e remolda todos os

⁶ Programa de Iniciação à Docência, em parceria com as universidades da região.

⁷ Devido à necessidade de autorização dos pais junto ao juizado de menores para que as crianças de até 12 anos de idade saiam do município sob supervisão dos professores, as saídas, com esses alunos, são feitas dentro do bairro ou do município. Quando os alunos são maiores de 12 anos, a autorização por escrito dos pais já basta.

ambientes da escola, estando presente desde as formações continuadas, passando pelos conselhos de classe e indo até a inspiração das reformas de currículo.

A história é a seguinte: partindo de uma situação problema vivenciada na escola, de uma prática corrente dos professores em mandarem seus alunos fazerem trabalhos de pesquisa na biblioteca sem articular essas pesquisas com o planejamento, ou sem dar instrumentos para que os alunos as fizessem, em 1996, as reuniões pedagógicas da escola começaram a pensar em propostas para solucionar esse problema. Esse problema era tão grave que acabava levando, de modo geral, a um mau desempenho dos alunos em todas as áreas do conhecimento.

Para resolver o problema, foi necessário que acontecesse uma verdadeira inserção nas práticas de sala de aula. Para tanto, foi desenvolvido o projeto de “Pesquisa Bibliotecária Orientada”, que tinha como objetivo regulamentar e instrumentalizar duas grandes pesquisas por ano com os alunos, fazendo com que as pesquisas passassem a valer tanto como metodologia, como competência a ser desenvolvida pelos alunos. É consenso entre todos os que acompanham a trajetória escolar de que alguns conteúdos conceituais devem ser recortados para dar lugar aos procedimentais. A pesquisa, então, deixava de ser a parte “menor” do trabalho, em detrimento do resultado final, mas parte integrante dele, estudada e trabalhada em sala de aula como conteúdo.

Algum tempo mais tarde, após várias discussões sobre os resultados dos projetos de pesquisa, foi se percebendo a importância da linguagem como fator integrante de todas as áreas, e que precisa ser trabalhado por e com todos, assim como a metodologia da pesquisa. Assim como o aluno não aprende a fazer as etapas da pesquisa científica sem ser instruído em sala pelo professor, do mesmo modo acontece com a leitura e escrita, que se não for trabalhada como conteúdo procedimental em todas as áreas, gera problemas de aprendizagem. Foram feitas, então, diversas oficinas de leitura e produção de redações dissertativas – já que ainda não havia a discussão sobre gêneros – com o intuito de melhorar o desempenho dos alunos em leitura e escrita.

É interessante pensar que, a partir dessa motivação inicial de trabalhar a linguagem na sala de aula com todos os professores, surgiria alguns anos mais tarde o projeto que dá identidade para a escola atualmente, o projeto “Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas”. Em 2003, a palestrante Terezinha Bertin vem fazer, através da parceria com a Editora Ática, o complemento para o desenvolvimento desta ideia: a formação continuada. Por meio dos recursos da escola e da APP (Associação de Pais e

Professores), a palestrante é chamada, desde então, para duas etapas de formação, uma no primeiro e outra no segundo semestre.

Começa aí a caminhada da escola em direção a um projeto pedagógico unificado, que, sob a orientação de Terezinha Bertin, marcha no objetivo de concretizar a concepção de escola assumida pela instituição: escola como espaço de desenvolvimento das capacidades linguísticas, de ampliação do conhecimento e do crescimento para a cidadania.

A formação continuada, neste primeiro momento, acontecia com todos os professores da unidade. Acontecia ali o primeiro contato com novas concepções de linguagem, de leitura, gêneros do discurso e de construção de sentido. A palestrante, ao trazer leituras que abarcavam a formação geral do professor, independentemente da área, unificava e trazia todos para o ideal da escola como espaço articulado para a produção do conhecimento. Dentro do curso de formação “Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas”, são discutidos os temas que conduzem a evolução da escola dentro das concepções acatadas, aos quais tivemos acesso. Segue abaixo um breve histórico dos pontos centrais de cada ano de formação⁸:

2004 – competências envolvidas na interpretação de textos

2005 – gêneros do discurso / sequências didáticas

2006 – conselhos de classe

2007 – a leitura como metacompetência (chave para novas aprendizagens) / eixos articuladores do currículo

2008 – o papel do gênero na formação do leitor proficiente / o conteúdo curricular conceitual, procedimental e atitudinal

2009 – sequências didáticas / aprendizagem memorística e significativa

A partir destes cursos, foram definidas algumas metas para o ano de 2010, sendo a principal delas a de fortalecer o mote da escola: todos os professores, de todas as disciplinas, devem estar envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita – lendo e escrevendo em todas as áreas. Isso implica articular o planejamento dos conteúdos a serem trabalhados do 1º ao 9º ano, dando ênfase para conteúdos procedimentais que envolvem

⁸ Em anexo estão algumas amostras do material utilizado nos cursos de formação continuada (Anexo 7.3 Material de apoio dos cursos de formação).

a leitura e a escrita, como estratégias de leitura que sejam específicas para cada área do conhecimento.

É interessante destacar que as formações continuadas e as intervenções da palestrante alteraram até mesmo a forma de fazer o conselho de classe. A coordenação havia tentado fazer o conselho de todas as maneiras (participativo, representativo, etc.), mas este sempre terminava como uma maneira de falar mal dos alunos ou de colocar os alunos contra os professores, criando um ambiente que não era, de forma alguma, adequado ao crescimento da prática docente. A coordenadora pedagógica Márcia relata que o conselho de classe era uma forma de fazer o aluno dizer, com seus meios, algo que a coordenação ou que os próprios professores não conseguiam dizer para tentar modificar a prática do colega de docência. Após as intervenções da formação continuada, por própria iniciativa dos professores, o espaço dos conselhos de classe foi usado para que os professores mostrassem as atividades que fizeram de acordo com as propostas estudadas e que deram certo. A escola acatou tal iniciativa, fazendo desta mostra um critério obrigatório a todos os professores da unidade, principalmente nos primeiros dois bimestres.

Com a articulação entre a formação de professores e os conselhos de classe, os problemas que são vistos no conselho são retrabalhados na segunda etapa da formação. Para auxiliar os professores que vão ingressando na escola, são feitos trabalhos com as atas das formações anteriores e com a própria coordenação pedagógica.

Os trabalhos interdisciplinares também são discutidos com a formadora, de modo a articular leituras, planejamentos e objetivos em cada uma das etapas do desenvolvimento escolar. Para tanto, as áreas de informática e a biblioteca não medem esforços para colaborar nos projetos.

A cada ano de formação, a profundidade dos temas trabalhados aumenta. Com isso, foi necessário, a partir do ano de 2008, separar as formações entre os primeiros anos do ensino fundamental e os anos finais, visto que as particularidades das discussões já precisavam de espaços próprios para acontecer. Se nos anos finais a preocupação primeira é com a eficiência e eficácia da alfabetização e dos projetos de letramento, nos anos finais essa preocupação se desvia um pouco para os modos de unificar, na mesma proposta, todas as áreas do conhecimento, em torno de eixos curriculares e de como trabalhar os gêneros do discurso em todas as disciplinas sem fazer com que todas as áreas adentrem nas especificidades da disciplina de Língua Portuguesa e sem perder de vista os objetivos e conteúdos de cada ciência.

A principal concepção acatada pela escola durante o curso de formação foi a de domínio dos gêneros discursivos, o que contribui imensamente para que efetivamente se realize o objetivo da escola: a formação do leitor proficiente. A contribuição de Terezinha Bertin na formação dos professores foca na abordagem dos textos sob a ótica dos gêneros do discurso, que são caracterizados por três elementos básicos: conteúdo temático; construção composicional e estilo. A escola utiliza os seguintes critérios para a seleção dos gêneros: priorizar os gêneros de esfera pública; levar em conta o projeto da escola; fornecer o conhecimento dos gêneros que garantam certo sucesso escolar (necessários para a vida escolar e acadêmica); gêneros utilizados frequentemente em outras áreas e também os gêneros que sejam necessários para que o indivíduo exerça sua atividade como cidadão.

A leitura, de acordo com o projeto da escola, deve ser sempre trabalhada como metacompetência, com a participação efetiva de todos os professores da escola, para que ela seja cada vez mais presente em todas as disciplinas, em todas as áreas do conhecimento. É importante que cada professor, para a leitura competente do texto, faça com os alunos a ativação dos conhecimentos prévios, compreensão imediata (ou literal) logo após a primeira leitura, a interpretação e a extrapolação do texto – o ir além do texto –, estabelecendo todo o tipo de relações, elaborando raciocínios a partir do referencial e interpretação do texto. Além disso, a produção de textos deve ser sempre contextualizada, gerando e considerando as atitudes responsivas, e base a partir da qual serão feitos os estudos de análise linguística.

Deste modo, a leitura não é mera estratégia para a realização do Plano da escola, mas também um conteúdo de ensino, um espaço de estabelecimento de relações.

A proposta é que a escola reflita um pouco mais sobre como os conteúdos escolares do currículo se articulam com os estudos realizados sobre gêneros textuais, sempre conciliando as propostas e escolhas da escola e do professor. Para tanto, os conteúdos curriculares devem ser definidos, integrando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, a partir de eixos articuladores de acordo com as concepções assumidas, como a leitura como compromisso de todas as áreas; compromisso com o letramento; interdisciplinaridade; contextualização dos conteúdos; domínio de formas, códigos e convenções dos diversos sistemas de representação; leitura como conteúdo de ensino; formulação de estratégias de leitura; acesso a informações relativas à sua área do conhecimento; ordenação e sistematização de conhecimentos e informações.

As formas finais de um Projeto Político Pedagógico, que leve esse projeto de escola como eixo articulador de todas as atividades da escola, desde objetivos, filosofia,

planejamento, avaliação, até a estruturação de currículos, estão sendo construídas em parceria com a formadora Terezinha Bertin, que revê com a equipe pedagógica cada conceituação que entra em questão no documento.

2.5 PROFESSOR

A professora Ângela Beirith, que leciona na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito desde 1998, tem uma carreira profissional baseada em 23 anos e 8 meses de sala de aula.

O atual contrato da professora, que é efetiva, em regime de dedicação exclusiva da Prefeitura Municipal de Florianópolis, é de 40 horas semanais: 20 aulas dadas (entre 5ª e 8ª séries), o que resulta em 24 horas de aulas dadas – incluindo os projetos⁹ com os quais a professora se envolve. O teto salarial é de 28 horas aula dadas. Além dos anos que passou empregada pela prefeitura, Ângela também trabalhou durante um ano e meio pelo Estado, como professora substituta, com uma carga horária de 10 horas, no período noturno, além de já ter trabalhado na Enseada do Brito, com a carga horária de 10 horas.

Segundo a professora, a progressão salarial do seu contrato de trabalho varia de acordo com o tempo de serviço e a formação do professor (sendo que cada especialização, mestrado ou doutorado em muito influenciam o fator). Mesmo com o mestrado em si, o que realmente faz o aumento do salário são as formações continuadas, por exemplo. Durante todos esses anos ela trabalhou em diferentes instituições de ensino do município.

Formada em Letras – Português pela Universidade Federal de Santa Catarina, A professora realizou o mestrado em historiografia, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) entre os anos de 2007 e 2009. Em sua dissertação, Ângela estudou o ensino da leitura em Florianópolis, no período de 1946 a 1956. Em 1996 fez uma especialização no Centro de Ciências da Educação (CED) da UFSC, resultado de um projeto piloto de parceria entre os cursos de Letras e Pedagogia, para a formação dos professores em exercício.

⁹ Projetos estes referentes a trabalhos realizados no contraturno com as duas turmas de 8ª série (a 81, do período matutino e a 82, do período vespertino). Tais trabalhos consistem principalmente na preparação dos alunos para a realização de provas exigidas para o ingresso em determinadas instituições de Ensino Médio, já anteriormente mencionadas.

A professora Ângela sempre foi muito participativa com o projeto, preocupando-se sempre em trabalhar com os colegas de profissão – mesmo que sempre haja alguns menos interessados na realização e exposição do projeto – em termos de interdisciplinaridade, realizando oficinas de produção textual e planejando algumas atividades com outros professores, como, por exemplo, numa parceria que foi realizada com a professora de história: a produção de um resumo. Todo professor, ao ensinar, utiliza a língua como instrumento. E foi assim que se deu início o projeto que move a escola; a partir das ideias da Língua Portuguesa, já que todo professor utiliza a língua portuguesa para ler e escrever textos. Assim a professora de Língua Portuguesa teve a possibilidade de trabalhar todo o gênero resumo, de acordo com o Projeto da escola, e os alunos aplicaram-no na disciplina de História.

Em relação ao material, o livro didático¹⁰ utilizado pela professora procura atender o projeto da escola: criar condições para os alunos lerem e escreverem com prioridade e proficiência, através da linguagem como interação, como lugar no diálogo que pressupõe um outro. Isto os livros utilizados dos autores Cereja e Terezinha (a palestrante que rege o curso de formação continuada dos professores da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito é também autora do livro Tudo é linguagem, utilizado pela professora Ângela) trazem de sobra para os alunos, pois além de a coleção da autora trazer um CD com mais atividades, diálogos, entrevistas e a análise linguística contextualizada, foca os gêneros textuais – indicados, inclusive, para cada série do ensino Fundamental. Como o curso de formação dos professores é muitas vezes regido pela autora Terezinha Bertin, a sistemática do livro está de acordo com ele; é o mais complexo em termos de gênero.

Ainda tratando do livro didático referenciado, Ângela relata uma das críticas que giram em torno do material: a crítica é de que haja pouca sociolinguística no livro. A professora, porém, defende que há sim sociolinguística, o suficiente para ser abordado em sala de aula, trazendo língua e diversidade cultural (de início), bem como os cordéis – tanto que, se trabalhasse somente de acordo com o livro, não chegaria a dar conta de todo o conteúdo. A professora coloca a importância da sociolinguística, porém destaca que a função principal da escola é estudar a variedade padrão, entendendo seu prestígio social e que para que o indivíduo seja ouvido, em certas situações, ele deve ser portador desta linguagem, já que o conhecimento geral da vida do indivíduo está refletido nela – onde percebemos várias características do indivíduo, além das culturais: o domínio sobre a leitura, artes, etc.

¹⁰ Que se localiza entre a lista dos livros indicados pelo MEC.

Há, entre os professores, a tentativa de adotar uma gramática para ser utilizada por todos em sala de aula – a Gramática Nova (2010), de Faraco, Moura e Maruxo Jr. –, o que facilitaria o convívio dos alunos com a mesma (inclusive dos professores). Existe uma parceria entre a escola e a Editora Ática (editora também dos livros didáticos utilizados pela escola), que proporciona aos professores e associados da escola adquirir as obras por menor preço – inclusive grandes quantidades de mesmos títulos de literatura e adaptações, quando os alunos realizam leitura e análise conjunta como atividade em sala de aula.

Quanto aos hábitos de leitura, a professora Ângela acredita que todo leitor proficiente deve estar sempre se atualizando, não só para fruição, mas também contribuindo com todas as leituras possíveis para o aprofundamento interdisciplinar, comprando desde novos livros até a releitura sempre realizada dos clássicos necessários para o desenvolvimento da aula planejada (para a própria disciplina de Língua Portuguesa ou mesmo para a interdisciplinaridade). Não é possível que o professor exija do aluno qualquer leitura sem que também ele a realize. Com todos os afazeres escolares, a professora, muitas vezes, acaba realizando sua leitura por fruição (em casa) a prestações. Ela comenta gostar muito dos livros do autor português José Saramago.

2.6 TURMA 81 / 2011

A turma 81 (8ª série do período matutino) da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito é composta por 24 alunos, 8 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. A relação entre os fatores série e idade é relativamente adequada, sendo que 20 alunos nasceram entre os anos de 1996 e 1997, 3 entre 1993 e 1995 e apenas 1 em 1998 – isto resulta em uma média entre 14 e 15 anos (14.8 anos). O projeto TOPAS (Todos Podem Aprender Sempre) contribuiu com o nivelamento dos alunos entre as séries.

SEXO	1993	1995	1996	1997	1998
Feminino	00	00	06	08	01
Masculino	01	02	04	02	00

Tabela referente à relação ano/série da turma 81, construída pelas acadêmicas a partir da lista de chamada da turma.

Entre os alunos da turma há uma série de agravantes que podem ou não ter influenciado a relação entre suas idades e a série. Por exemplo, existem projetos de inclusão – determinados inclusive pela Prefeitura Municipal de Florianópolis – que contemplam os alunos deficientes auditivos e cadeirantes (sendo que os cadeirantes têm a assistência especial de um profissional que os auxilia a entrar em sala de aula e a mover-se nos intervalos); porém estes projetos de inclusão acabam não contemplando outras áreas (ou, simplesmente – o que é um fato – não são cumpridos). Entre estas áreas “não contempladas” há três alunos com diferentes tipos de retardo mental (um dos casos é bastante grave, sendo que o indivíduo tem um grave déficit de atenção e necessitaria de assistência e atenção individual – que não pode ser oferecida pela professora, mas sim por um profissional remunerado pela Prefeitura para realizar esta tarefa).

A condição social e econômica de boa parte dos alunos é desvantajosa em relação ao que se consideraria como ideal. Há um aluno, por exemplo, que já trabalha, em uma sapataria, sem ter registro. O fato foi descoberto por uma das orientadoras da escola quando, em determinada situação, ela foi à sapataria e encontrou o aluno, que foi se esconder. Outra questão que merece atenção é que boa parte dos alunos da turma tem apenas mãe – de acordo com o questionário (ANEXO – Questionário aplicado aos alunos) que aplicamos com os alunos. 30% deles afirmam morar apenas com a mãe ou com a mãe e irmãos; sem contar os 9% que moram apenas com o pai ou irmãos.

Quase a metade dos integrantes da turma 81 (48%) mora no bairro Pantanal, sendo que o restante está bastante dividido entre outros bairros (Serrinha, Saco dos Limões) e ainda há outros que moram em locais mais distantes, como Rio Tavares e até Palhoça. Os alunos do bairro Pantanal e Saco dos Limões vêm, em sua maioria, a pé, somando 65%. Praticamente todos os restantes vêm para a escola utilizando transporte público (ônibus).

Foi em 2011 que se deu o primeiro contato entre a professora Ângela e a turma 81, e foram perceptíveis por parte da professora alguns problemas de defasagem existentes na turma.

Desde o nosso primeiro contato, a professora deixou clara a necessidade da turma de sempre serem retomados assuntos que já deveriam ter sido apreendidos por eles. É isto o que ocorre em todos os momentos onde a professora procura trabalhar um novo gênero literário, por exemplo. Ou mesmo a nomenclatura de alguns itens da gramática tradicional.

Mesmo que Ângela ainda não conhecesse muito bem a turma, os alunos logo se mostraram afetuosos, e apesar de alguns problemas supracitados, boa parte deles procura

atender às propostas feitas pela professora, sendo participativos nas aulas. A professora procura estabelecer um clima de cordialidade entre ela e os alunos, conversando bastante com eles, o que faz com que eles também sejam bastante afetuosos em relação a ela.

2.7 REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES DE AULA

Segue abaixo a descrição das aulas na turma 81, sob a regência da professora Ângela Beirith, que foram observadas no período de 19 de Agosto de 2011 a 2 de Setembro de 2011, de acordo com o olhar das estagiárias Camila e Mariana, respectivamente, juntamente com as apreciações críticas dessa experiência.

2.7.1 Observação 1 e 2 - Camila

Data: 19/08/2011

Aulas 08h30min – 09h15min /09h15min – 10h00min

Às 08h30min a professora Ângela entra em sala de aula, seguida pelas estagiárias, e volta para recolher os alunos que ainda estavam no exterior da sala. Depois disso, ela nos apresentou como acadêmicas e estagiárias da Universidade Federal de Santa Catarina, curso Letras – Português, explicando que estagiaremos na turma deles para concluirmos o nosso curso. Os alunos se demonstraram “neutros” em relação a isto.

Para dar início à aula, a professora distribuiu uma atividade sobre pronomes¹¹ para os alunos (a atividade tratava-se de um pequeno texto no qual os alunos deveriam substituir o sujeito, que aparecia repetidamente, como a palavra *crianças*, por outros pronomes). Apesar do fato deles estarem bastante inquietos e conversando o tempo inteiro, ou até mesmo fora de seus lugares, eles comportaram-se relativamente bem quando a professora pediu para que alguém lesse o enunciado da atividade, e também o pequeno texto. A professora explicou como a atividade deveria ser realizada e parte dos alunos se mostrou bastante participativa, respondendo às questões feitas pela professora com êxito, compreendendo a finalidade da atividade e colando a mesma no caderno para que fosse resolvida em casa e corrigida na aula seguinte, em grupo.

Depois de instruir a atividade, a professora começa a se questionar se a bibliotecária, por acaso, havia esquecido o compromisso marcado: elas haviam planejado uma atividade

¹¹ Vide Anexo 7.5 – Materiais Utilizados em Sala

onde a bibliotecária apresentaria, em sala de aula, novos livros que chegaram à biblioteca em sala, para os alunos da turma 81. A finalidade da apresentação seria fazer com que os alunos lessem e montassem uma pequena ficha de leitura, contribuindo com a organização da biblioteca. Além disso, os alunos que participassem, receberiam uma nota 10 no boletim, pela realização da atividade. Assim, a professora pede a um aluno que vá ver a disponibilidade da bibliotecária, para saber a razão da demora.

Enquanto aguardavam, a professora iniciou uma *exposição* de atividade em sala de aula. Como a turma havia acabado de ler o livro *Os Miseráveis* (Victor Hugo), anteriormente a professora havia realizado uma atividade a respeito. A professora transcreveu no quadro parte da resposta de uma das alunas (a aluna Melissa¹²) à atividade: “Eu não os condenaria, pois Jean Val Jean foi muito julgado, ele poderia ter pedido, não roubado, mas não é por isso que vou julgá-lo, pois houve muita necessidade (...)”. Enquanto a professora escrevia, os alunos estavam inquietos. Porém, depois, com a coordenação dela, a turma sublinhou, em conjunto, os pronomes utilizados na resposta da colega.

Pouco antes disso a bibliotecária, Zélia, havia chegado à sala, e o aluno que foi chamá-la carregava uma caixa cheia de livros. Enquanto a professora fazia a chamada, a bibliotecária observa quem são os alunos que estão com pendência de livros na biblioteca. Em seguida, ela começa a ler um pequeno resumo de cada livro, pedindo a manifestação de quem se interessasse por determinada obra. Os livros trazidos eram muito interessantes: desde obras contemporâneas (nacionais ou não), até grandes clássicos que foram inclusive adaptados ao cinema. Mesmo com todo este estímulo, os alunos não demonstraram tanto interesse (alguns sim) pelos livros durante a apresentação feita pela bibliotecária.

Observei, durante esta apresentação, que muitas outras coisas aconteciam simultaneamente: uma aluna reclamava do fato de não conseguir ler um livro em 15 dias (que é o tempo que a biblioteca empresta os livros antes da necessária devolução); outra reclama do fato de duas aulas de língua portuguesa terem sido destinadas a esta apresentação (pois esta era a segunda vez na semana que a bibliotecária ia à sala da turma 81 para o mesmo fim); outra escova os cabelos e passa maquiagem; outro aluno desenha muito concentradamente, enquanto outros estão concentrados nos livros apresentados e outros estão visivelmente sonolentos. Há também constante troca de bilhetinhos entre algumas alunas – o que, posteriormente, a professora nota.

¹² Os nomes dos alunos apresentados no relatório são todos fictícios, já que alguns alunos não possuem autorização junto à escola para a veiculação dos seus nomes e imagens em publicações.

Quando a bibliotecária lê sobre determinado livro, alguns alunos se manifestam sobre terem assistido ao filme *A Caixa*, e disseram que a história do filme se assemelha à do livro em questão. Também há o diálogo entre a professora, alunos e bibliotecária durante toda a atividade.

Zélia faz um “comentário perigoso”, que pode ser interpretado como estimulante à leitura (ou não!): ela se refere a um livro que tem mais referências filosóficas dizendo que este seria apenas para quem é “cabeção”, ou seja, como ela disse, “é pra gente inteligente. Se não for inteligente, nem pega”. Pelo que constatei, nenhum aluno acabou pegando este livro.

Ocorreu uma pequena confusão, pois uma aluna se interessou pelo livro *A bailarina fantasma*, e deixou claro, literalmente “em alto e bom tom”, que aquele livro seria dela e de mais ninguém. Porém, ao final da apresentação, ou seja, no momento em que cada aluno escolheria o seu livro para leitura e construção da ficha catalográfica, aconteceu que mais de um aluno demonstrou interesse pelo livro *A bailarina fantasma*. Em torno de cinco alunas. A aluna que havia determinado que desejava aquele livro se irritou, reclamando muito e xingando. Decidiu que não leria mais nada, não faria mais nada, e ficaria sem a nota, já que a participação na atividade não era obrigatória. A professora propôs que fosse realizado um sorteio entre as alunas, mas a referida não se interessou. Ela fica reclamando e de cara amarrada durante o resto da aula.

No fim da distribuição dos livros, quando a bibliotecária já não estava mais em sala, a maioria dos que restaram foram livros de fundo histórico; a professora observou que muitos alunos pegaram livros para participar da atividade, o que a deixou bastante contente.

Depois de cada aluno pegar seu livro, a professora deixa que eles comecem a ler. Infelizmente, a maior parte da turma não se dedica à leitura, e sim a passeios internos e conversas paralelas. Frequentemente os alunos mudam a configuração da sala de aula, trocando os lugares e mudando as mesas e cadeiras de lugar. Há também alguns alunos que se mostram alheios a todos os acontecimentos da aula, desde à realização das atividades sobre os pronomes até à leitura dos livros. Felizmente uns poucos voltam a atenção aos livros escolhidos, observando as gravuras e até mesmo iniciando a leitura.

Após os alunos conversarem e folhearem os livros, a professora orienta a maneira com a qual os alunos devem proceder para preencher a ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária. As informações a serem preenchidas eram básicas, tais como o nome da obra, do autor, o tradutor, o adaptador... A professora, depois das explicações, foi responder às questões de cada aluno individualmente, já que as questões que ela havia acabado de explicar

eram retomadas por eles a cada instante. Os alunos preenchem as informações básicas da ficha em sala de aula, restando em branco apenas o campo que seria preenchido com a resenha a ser feita e as *tags* (palavras-chave ou palavras que caracterizem a obra).

Mesmo que, ao final da aula, determinados alunos tenham ainda recorrido à escolha de um livro dentre os que restaram, alguns permaneceram sem escolher/ler livro nenhum, ou seja, alguns alunos ficaram sem o benefício desta nota (por escolha própria).

Observei que a turma é bastante dividida em pequenos grupos, e que há alguns indivíduos que não se incluem em grupo nenhum. Além do fato de os meninos, quando repreendidos pela professora, comportarem-se de maneira melhor do que as meninas.

Por fim, já com muitos alunos de pé e novamente bastante inquietos, a professora encerra a aula e dispensa a turma, às 09h55min, para o horário do recreio, depois de dar um último recado: na semana que vem eles realizarão a última prova que foi aplicada na escola técnica, para treinar; afinal eles estão no último ano do Ensino fundamental. Todos os alunos realizarão a prova em sala de aula (pois a professora Ângela, inclusive, já havia feito as fotocópias) e em seguida discutirão a respeito das questões resolvidas.

2.7.2 Observações 3 e 4 - Camila

Data: 23/08/2011

Aulas 10h15min – 11h00min / 11h00min – 11h45min

Às 10h20min a professora Ângela entra em sala de aula, tentando controlar os alunos que estão bastante agitados. Como o dia é de chuva, observa-se que o número de evasão é bastante grande devido a este fator.

O primeiro ponto abordado pela professora em aula são os resultados da *Prova Floripa*, destacando que as notas da turma 81 na disciplina de Língua Portuguesa foram de uma boa média e que o aluno Vicente gabaritou as questões referentes à disciplina. Ela explica aos alunos que agora é que foram liberadas as senhas dos professores para que eles tenham acesso às notas dos alunos.

Em seguida a professora atualiza os alunos, comentando sobre uma prova bimestral que eles teriam a fazer. Alguns alunos reclamam, e a aluna Jussara pede para que o uso dos

porquês não seja tema da prova, alegando que não havia entendido nada a respeito. A professora pede para os alunos copiarem o lembrete na agenda e a aluna vai falar pessoalmente com a professora, sobre o conteúdo da prova.

Prova bimestral: 16/09, sexta-feira.

Conteúdos:

- ✓ *Compreensão e interpretação de texto*
- ✓ *Uso de mas/mais/más; mau/mal (ANEXO – Materiais Utilizados em Sala)*
- ✓ *Pronomes*
- ✓ *Pontuação: uso da vírgula*
- ✓ *Uso dos porquês*
- ✓ *Metonímia, ironia, polissíndeto – Recado que a professora Ângela transcreveu no quadro.*

Alguns alunos ficam alheios ao que a professora está fazendo, comentando sobre *facebook*, outra menina lembra a professora de verificar quem havia feito a tarefa de casa, sobre pronomes, deixada por fazer na aula anterior. Antes disso, a professora comenta que, é claro, se eles não chegarem no tópico *metonímia, ironia, polissíndeto* – que a professora acaba explicando no mesmo momento, depois de alguém perguntar –, isto não cairá na prova; e acabam comentando e revendo o uso de mau/mal. Os alunos farão trabalhos em cartazes para explicar aos colegas.

Enquanto a professora comenta sobre leitura dinâmica – tema que surgiu a partir de uma discussão sobre a leitura dos livros que eles pegaram na sexta-feira passada (19/08/2011) –, uma aluna vai escrever seu nome, Kátia da Silva, no quadro negro. A professora dá um prazo maior para a realização da leitura dos livros e entrega dos resumos (ficha de leitura); dando mais 17 dias além da data do dia de hoje. *Entrega do resumo ampliado do livro + palavras-chave: 09/09, sexta-feira* – recado deixado pela professora, em quadro. O último lembrete a ser deixado no quadro referia-se à próxima aula – *Para sexta-feira, 26/08: trazer o livro de português* (referindo-se ao livro didático).

Depois de dados todos os recados em questão, a professora Ângela determina o que acontecerá em seguida: os alunos farão a prova de Língua Portuguesa da Escola Técnica de julho/2011, enquanto ela confere a tarefa que deveria ter sido feita por cada aluno. Um pouco irritada pelo comportamento que os alunos apresentaram hoje, a professora afirma que está

perdendo a paciência. Depois disso, ela pede que os alunos organizem as mesas e cadeiras de maneira a agir como se fosse a prova formal a ser realizada pelos alunos interessados na Escola Técnica – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC. Como alguns alunos que participam do grupo de estudos no período oposto já haviam realizado a prova como teste, estes não precisariam refazê-la. A professora trouxe, como atividade alternativa, palavras cruzadas para estes alunos fazerem. Eles se reuniram em um pequeno grupo no centro da sala e conseguiram realizar a atividade em relativo silêncio, em respeito aos colegas que estavam fazendo a prova.

Assim que a professora entrega aos alunos a primeira parte da prova (os textos que deveriam ser lidos e interpretados), eles começam a questioná-la. Ambos os textos tratavam das bombas atômicas de Hiroxima e Nagasaki: um era um recorte informativo e o outro era o poema *A rosa de Hiroxima*, de Vinícius de Moraes. Sendo assim, a maior parte das perguntas era sobre os significados de palavras que apareciam no poema; como *telepáticas*, por exemplo. Mas a professora não respondeu, pedindo que os alunos deduzissem o significado das palavras, já que no dia da realização oficial da prova, lá no IFSC, ninguém responderia às perguntas.

Por um momento, enquanto os alunos liam os textos, a professora ausentou-se da sala de aula para buscar as questões de interpretação xerocadas. Enquanto isso, um aluno aproveita para fazer a tarefa que estava sendo verificada pela professora; outra aluna, Kátia, pergunta aos colegas se eles não conseguem se comportar nem quando há pessoas estranhas em sala de aula. É claro que a colocação gerou polêmica entre os colegas, que a acusaram de também não se comportar. Alguns alunos continuam perguntando o significado de palavras e Kátia, lendo o glossário que estava abaixo do poema, ajudou os colegas. Ainda antes de a professora retornar, alguém comenta como ela está chata hoje, mas os colegas defendem, dizendo que só hoje ela está assim – sem se dar conta de que eles também estavam impossíveis – e que ela é uma boa professora, muito melhor do que outras que existem por aí.

Quando retorna, Ângela entrega aos alunos as questões referentes ao texto. Pode-se dizer que, em geral, houve bastante silêncio durante a realização da prova e a cobrança das tarefas. Fernando, aluno nada participativo, não fez a tarefa e nem se esforçou para sequer ler os textos referentes às questões do IFSC. Em torno de metade dos alunos fez as tarefas e metade não.

Alunos brincam dizendo que vão colar, para realmente simular uma “prova de verdade”.

Muitos alunos conversam em voz baixa durante a prova. Alguns factualmente colam. Aproveitando o momento de concentração deles – que não durou quase nada – pude observar que a sala está em bom estado: as paredes bem pintadas e decoradas com cartazes bastante úteis e interessantes. Um deles é sobre a pontuação, referente ao uso da vírgula, conteúdo a ser cobrado na prova bimestral. Também foi perceptível, logo de início, que os alunos não têm um lugar fixo em sala de aula, onde se sentem diariamente.

A professora procura sempre auxiliar, lá em sua mesa, os alunos que foram apresentar as tarefas feitas, orientando-os a respeito de equívocos e elogiando quando tudo foi executado corretamente.

O primeiro aluno a terminar a prova foi o aluno André, depois de aproximadamente 20min. Ele entrega as questões à professora e volta ao seu lugar, respeitando o silêncio, bem como o grupo que está fazendo as palavras cruzadas. Assim, a professora estabelece que os alunos que tivessem terminado a prova, podiam ir à biblioteca para trocar o livro que haviam escolhido na aula anterior (caso isto fosse necessário) ou conversarem com a bibliotecária Zélia sobre a data de devolução dos livros.

Depois de terminar a prova, a aluna Cássia utiliza o celular em sala de aula, enquanto a professora lembra e pede que os alunos nomeiem a prova antes de devolvê-la, e brinca com o aluno Abelardo que entregou a prova com a inscrição *Abel 81*, em vez do nome completo com a sala e a turma. Ela sempre é bastante interativa com os alunos, estabelecendo um clima de cordialidade.

A aluna Kátia, que na aula anterior discutira sobre o livro *A Bailarina Fantasma*, resolve ir à biblioteca procurar outro livro. Antes de Kátia voltar, afirmando que não gostara de nenhum dos livros restantes da caixa que a bibliotecária Zélia trouxera, Ângela pede silêncio para que a aluna Maribel termine a execução da prova. Muitos alunos estavam conversando, enquanto outros ouviam música em aparelhos, provavelmente, de *mp3* e outros desenhavam ou simplesmente não faziam nada.

Quando a aluna termina de fazer a prova, a professora pede que os alunos peguem os seus textos para que seja realizada uma leitura e interpretação geral. Neste momento ocorre uma pequena confusão, já que alguns alunos haviam entregado também a folha que continha os textos juntamente com as questões assinaladas e resolvidas para a professora.

Antes da leitura, a professora propõe que as provas sejam trocadas entre os alunos, a fim de que uns corrigissem as provas dos outros. Porém os alunos discordam e resolvem que cada um deverá corrigir a sua própria prova.

A aluna Taciane começa lendo o primeiro texto (o informativo) sobre as bombas de Hiroxima e Nagasaki. Assim que ela termina a leitura, dá-se início uma longa discussão, pois surgem várias perguntas. Uma aluna, por exemplo, pergunta a razão dos Estados Unidos terem entrado em conflito com o Japão. Assim a professora explica toda a questão da Segunda Guerra Mundial e do teste realizado com a bomba atômica. Os alunos têm interesse principalmente nos efeitos causados pela radioatividade, que durou décadas. A mesma aluna (Jussara, se não me engano) pergunta se a professora já sabe se agora os Estados Unidos e o Japão já são “amigos”. A professora, então, explica que os Estados Unidos estão sempre estabelecendo acordos de paz onde e com quem os interessa economicamente. A professora comenta que algumas mulheres foram afetadas com deformidades nos filhos devido ao uso de anticoncepcional e dentro disso uma aluna pergunta por que, se o aborto é proibido, existe pílula do dia seguinte? A professora coloca algumas questões e conclui colocando que há três meninas grávidas na escola; duas na 7ª e uma na 8ª série.

Depois disto, uma aluna se candidata a realizar a leitura do poema *A rosa de Hiroxima*, segundo texto no qual se baseou a prova. A professora organiza que cada aluno leia um verso do poema, e eles demonstram gostar da proposta. Alguns alunos leem mais de um verso, por falta de candidatos. A primeira leitura acaba sendo muito automática, de maneira muito rápida. Um aluno lia velozmente o seu verso assim que o outro terminava. A professora explica que não se pode ler um poema tal como lemos a bula de um remédio, e então pede que eles leiam novamente, colocando sentido no poema. Por fim, a terceira leitura ficou relativamente boa, bem melhor do que a primeira.

Quando a professora iria começar a devolução das provas, para iniciar a correção, os alunos a lembraram do horário: eram 11h43min, segundo um deles. Assim a professora encerra a aula, propondo que continuem na aula seguinte, e recolhe os textos. Alguns poucos alunos, antes de irem embora, guardam as cadeiras sobre as mesas.

2.7.3 Observações 5 e 6 - Camila

Data: 26/08/2011

Aulas 8h30min – 9h15min / 9h15min – 10h00min

A aula teve início às 08h34min, que foi o horário no qual a professora entrou em sala de aula. Logo de início, a professora pediu que os alunos recuperassem os textos da prova do IFSC, realizada na aula anterior, para que eles fizessem a correção das atividades, iniciando com a interpretação conjunta dos textos. Os alunos afirmam que a professora Ângela havia recolhido além das questões respondidas, os textos dos alunos. Ângela, porém, não se recorda de ter recolhido também os textos e decide ir à sala dos professores para verificar. Durante o período em que a professora se ausentou, pude perceber a inquietude dos alunos e também a presença de César, que havia faltado nas aulas anteriores por motivo de doença. Por fim, os textos realmente estavam com a professora e ela os distribuiu, juntamente com as questões respondidas que estavam com ela.

Durante a distribuição, Ângela retoma a questão da *Prova Floripa*, afirmando que Edilton, o diretor, conseguiu a senha para acessar o *site*, verificando que a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito ficara no percentual que corresponde à média dos resultados do município (ela não revelou números). Ainda em temas “alheios” à questão da prova do IFSC, a professora faz a chamada e comenta que hoje eles confirmarão (ou não) a visita à Escola Técnica, que deverá ocorrer na próxima segunda-feira (29/08) – atividade esta que havemos de acompanhar. Ângela acredita que a visita à Escola dará mais ânimo para que os alunos se empenhem em estudar para a prova que limita o ingresso à Escola; mesmo incentivando os que sequer cogitam a possibilidade de estudar lá.

Assim que estes assuntos são tratados, a professora volta ao mote desta aula, retomando os textos. Nenhum dos textos (nem o informativo e nem a poesia) é relido. A interpretação inicia com Ângela situando os alunos em relação ao gênero dos textos. Ela estimula os alunos com perguntas acerca dos textos (*O que caracteriza este texto? Por que este texto não é uma carta pessoal?*), e os alunos procuram responder às perguntas, baseando-se em outras aulas que eles já tiveram, onde vários gêneros textuais foram classificados. Feito isto, parte-se para a primeira questão, que se baseia em gêneros textuais. Como o texto é visualmente um poema, eles analisam, conjuntamente, todas as alternativas da questão, caracterizando cada gênero sugerido a partir de conhecimento acumulado – Ângela explica aos alunos a diferença entre estrofe e verso, e há bastante participação por parte dos alunos quando o assunto é poesia. Uma parte dos alunos participa bem mais do que a outra, mas, de maneira geral, o rendimento foi bem mais positivo do que da aula anterior. Os alunos procuram atender à professora, sendo que alguns deles demonstram bastante domínio sobre o que falam. Depois de muito discutirem a respeito de características textuais, os alunos e a

professora concordam que a alternativa D seria a correta. Apesar de a questão ser bastante acessível, Ângela dá ênfase à leitura atenta dos enunciados; exemplificando com o caso de existirem palavras desconhecidas no contexto: deve-se fazer, então, uma “eliminatória”, excluindo-se as questões que temos certeza de que estão erradas.

A aluna Kátia senta-se ao lado (em dupla) da colega Vitória, e Vicente acaba se afastando da parede para melhor visualizar a professora. Apesar da atenção dos alunos estar, em grande parte, voltada às explicações da professora, há algumas alunas que estão inquietas devido ao fato de terem dormido muito tarde na noite anterior (segundo as próprias). A professora faz uma pergunta diretamente para estas alunas, que estão inquietas, pedindo a característica de um texto que seja uma carta pessoal. A aluna fica confusa e outra pessoa responde. Constantemente a professora se vê obrigada a chamar a atenção das meninas.

Partindo para a questão seguinte, Kátia pergunta se pode ler a questão (a professora sempre incentiva que os alunos, no momento de leitura, leiam com a voz alta e em bom tom): ela lê todas as alternativas seguidamente. Depois, a professora começa a reler todas as alternativas, e os alunos questionam sobre os significados de determinadas palavras. Por conta disto os alunos Vicente e André vão à biblioteca buscar dicionários. Quando eles voltam, os colegas se empolgam em pegar cada um o seu dicionário para procurar as palavras – fato que fez Vicente e André voltarem para a biblioteca, para buscar mais dicionários. Sob orientação da professora, eles localizam a palavra *solidarizar* no dicionário, e, em seguida, *solidário*.

Devido a algumas repetições ocorridas na poesia *Rosa de Hiroxima*, uma aluna (Vitória) pergunta por que nós, qualquer pessoa, não pode usar tal recurso. A professora comenta o fato de nós, *relis mortais*, não sermos poetas reconhecidos. É claro que podemos usar tais recursos, porém, qualquer leigo que leia, pode considerar um erro. Enquanto isto acontece, um aluno joga uma bolinha de papel na cabeça do outro e a professora explica o sentido de *trivial*, palavra localizada em uma das alternativas da questão que eles estavam resolvendo.

Os alunos optam por associar *trivialmente* a *normalmente*.

O aluno César se demonstra muito assíduo e participativo das aulas, ao contrário do que demonstrou a primeira vista que tive dele. Desde o início da correção das atividades, ele foi muito participativo, contribuindo muito positivamente com a aula. Demonstra saber interpretar os textos e as alternativas com muita clareza.

Novamente Ângela incentiva a atenção que eles devem ter aos enunciados, enfatizando que às vezes eles pedem que o candidato assinale a alternativa *incorreta* (que é o

caso da questão seguinte). Paralelamente, Kátia e André conversam sobre um vídeo que circula na internet.

Apesar da demora em perceber (já acostumada ao sistema com o qual as aulas são divididas na universidade), noto no terceiro dia de observação que o sinal toca apenas às 08h45min, quando a aula inicia; às 10h15min, quando termina o intervalo e às 11h45min, quando acaba a aula.

Depois de muita conversa paralela, a professora Ângela decide separar a dupla Kátia e Vitória, que reclamam um pouco, mas acabam aceitando e se comportando de maneira mais adequada. Ela inclusive aceita a orientação da professora de ir ao banheiro, beber uma água e lavar o rosto, para voltar mais disposta à aula.

Em relação à palavra *rotas*, presente em *Rosa de Hiroxima (Pensem nas crianças mudas telepáticas/Pensem nas meninas cegas inexatas/Pensem nas mulheres “rotas” alteradas)* a professora procurou executar um exercício em que cada aluno pensasse em duas frases: uma onde a palavra rota fosse substantivo, e uma onde ela funcionasse como adjetivo.

“Fiz uma rota (SUBSTANTIVO) pela 401. → som aberto”; “Esta camisa está rota (ADJETIVO). → som fechado” – assim, os alunos, por orientação da professora, procuraram as palavras rota e roto no dicionário.

Quando Kátia volta para a sala de aula, ela fica parada ao lado da porta, mas participa da aula. Então, lentamente, ela volta para o seu lugar. Assim, a professora propõe que eles encerrem a questão que estão resolvendo, pois ela não está sentindo mais produtividade, e propõe que terminem as outras em outra oportunidade (leia-se na aula seguinte). Mesmo havendo sempre alunos sonolentos e alheios, eles terminam a correção da questão e a professora os dispensa às 09h45min para o recreio.

2.7.4 Observações 7 e 8 - Camila

Data: 30/08/2011

Aulas 10h15min – 11h00min / 11h00min – 11h45min

Antes da aula de Língua Portuguesa os alunos estavam no ginásio da escola, tendo aula de Educação Física; o que resultou no pequeno atraso de alguns alunos. Os que já estavam em sala de aula na chegada da professora Ângela estavam bastante agitados.

Logo no início da aula, a aluna Janaína começa a distribuir os textos e provas do IFSC (trabalhados na aula anterior) para que eles continuassem, em conjunto, a correção. Porém, antes de qualquer coisa, O diretor (Edilton) entra em sala de aula, interrompendo a aula de Língua Portuguesa para dar um aviso aos alunos: a partir de hoje haverá atendimento da disciplina de matemática, oferecido pelos alunos do PIBID. Edilton pede que os alunos que venham para o atendimento estejam realmente interessados, cumprindo os horários de presença e não que venham à escola para passear. O atendimento ocorrerá em todas as sextas-feiras, das 15h00min às 16h00min. Os alunos demonstram respeitar bastante o diretor, que sabe os nomes de todos os alunos. O aluno César pergunta ao diretor sobre os resultados individuais da Prova Floripa. O diretor comenta que as duas turmas da 7ª série tiveram desempenho baixíssimo em matemática e Língua Portuguesa, mas que a escola, em geral, e a turma deles, foi bem. Edilton e Ângela desenham um gráfico no quadro para explicar aos alunos como se demonstram os resultados da escola.

Voltando ao tema dos grupos de estudo, Ângela sugere que seja confeccionado um cartaz com o horário dos grupos de estudo para ser exposto em sala de aula e funcionar como estimulante para os alunos. Comentando sobre os grupos, a professora fala que os grupos de estudo de Língua Portuguesa estão funcionando bem, mas os de matemática não.

Desviando do assunto, o aluno José Pedro pergunta ao diretor sobre o *ping-pong* (dando a entender que a situação já fora discutida anteriormente). Depois disto, Edilton saiu da sala.

Durante esta discussão, Ângela coloca dois recados no quadro: “Amanhã prova de inglês” – a pedido da professora Dóris – e “Para sexta-feira trazer o livro de Português” – já que na aula anterior em que ela havia pedido o livro, ela havia anotado no quadro, no final da aula, que os alunos não precisariam mais trazer os livros para o dia em questão. A professora fez, então, a chamada, e com isso percebi que o índice de evasão do dia foi bastante grande, provavelmente devido à chuva.

Depois da chamada, a professora pediu que os alunos tecessem comentários sobre a visita ao IFSC. Os alunos acham que a experiência foi muito positiva e válida, e a professora avisa aos colegas que perderam a visita que eles poderiam ir com a turma 82, se preenchessem a autorização. Os alunos continuam comentando com bastante ênfase sobre os cursos que

mais gostaram. Edificações, eletrônica e saneamento foram os cursos mais destacados pelos alunos.

A aluna Jussara, que faltou à visita, comenta com a professora que são muitos itens que necessitam de ser estudados para a prova do IFSC e pergunta se Ângela não tem nenhuma dica sobre isso. A professora apenas dá ênfase em como os alunos não podem se angustiar querendo “engolir” todos os assuntos. Com certeza a carga de conhecimento é grande, mas os alunos deveriam manter mais o foco em revisar assuntos sobre os quais já têm domínio e estudar acerca dos assuntos principais, apresentados no edital. Outro fato que os ajudaria seria que eles respeitassem os seus limites e procurassem estudar em horários em que se sentem mais dispostos corporal e mentalmente. A visita ao Instituto realmente estimulou os alunos, mas muitos deles se sentem ainda “fracos”, colocando que não farão a prova por não terem condições de serem aprovados. São poucos, e a professora diz que eles ainda são muito novos para desistirem das coisas.

Depois da discussão, Ângela pede que os alunos recuperem seus fôlegos para que eles prossigam com a correção da prova que eles haviam iniciado na aula anterior. A aluna Maitê, que até agora não havia se manifestado positivamente nas aulas, participa da aula colocando a sua compreensão de *tonicidade*. ME-LAN-CI-A – a professora anota a palavra no quadro, separada silabicamente, e pede aos alunos que leiam para si, questionando-os sobre qual é a sílaba mais forte desta palavra. Vários alunos colocam que seria a sílaba LAN, mas alguns dão ênfase em CI. Seguidamente a professora começa a usar a tonicidade nas diferentes sílabas da palavra *melancia*, para que a turma descobrisse em conjunto qual era a sílaba tônica correta. A palavra seguinte foi *sabor*. SA-BOR. Utilizando este dissílabo, a professora explica a diferença entre sílaba *tônica* e *átônica*, depois deles lerem a palavra mentalmente, decidindo qual seria a sílaba tônica. MÉ-DI-CO foi o terceiro exemplo exposto – Ângela diz que a sílaba que tem acento sempre é a tônica. A partir disso uma aluna questiona: “E se a palavra tiver dois acentos?” e a professora põe no quadro, então, a palavra *órgão*. ÓR-GÃO. Ela explica que o *til* não é tido como acento gráfico, mas sim como sinal, e exemplificou a nasalização causada por ele.

Partindo disto, a professora retoma uma questão antiga: a classificação das palavras quanto a sua tonicidade. Sabor, por ter a tonicidade na última sílaba, é uma palavra oxítônica. Melancia, por ter sua tonicidade na penúltima sílaba, é uma palavra paroxítônica. Médico, por ter sua tonicidade na antepenúltima sílaba, é uma palavra proparoxítônica. Ângela enfatiza a contagem das sílabas de trás para frente, e não de frente para trás.

O diretor Edilton volta à sala de aula confirmando que os grupos de estudos acontecerão em todas as segundas e quintas feiras, as 15h00min às 16h00min.

Retomando a aula, algum aluno pergunta “E se a palavra tiver mais de três sílabas?” – Ângela exemplifica com a palavra *característica*. Ela explica que, na língua portuguesa, o acento tônico ou sílaba tônica das palavras sempre se encontra entre as três últimas sílabas. Antes das três últimas jamais haverá como existir uma tonicidade silábica.

A professora começa a falar um pouco sobre as regras de acentuação gráfica das palavras, retomando os *ditongos* e *tritongos*, com as palavras *Bolívia*, *Paraguai* e *Uruguai*, explicado aos alunos que eles nunca são separáveis silabicamente. SE-CRE-TA-RI-A foi a palavra seguinte. Como ela é uma palavra paroxítona, terminada em *a*, recebe acento, e tem o ditongo separado. Como, neste caso, ele pode ser separado, recebe o nome de *hiato*. SE-CRE-TA-RI-A ≠ SE-CRE-TÁ-RIA. *Itu* foi a palavra questionada por uma das alunas. A professora explica que cada sílaba é obrigatoriamente sustentada por uma vogal; e comenta sobre a questão de *vogal* e *semivogal* ser retomada posteriormente.

Depois desta longa discussão os alunos começam a resolver a questão 16 da prova, que trata de tonicidade e acentuação gráfica. Como nas aulas anteriores, a professora Ângela, para motivar os alunos e não apenas ler as questões, começa a analisar cada alternativa das questões, instigando os alunos a refletirem sobre as mesmas e sobre o enunciado. Os alunos fazem uma lista de palavras do poema *Rosa de Hiroxima* para ver quais delas são oxítonas e quais são paroxítonas, concluindo que a maioria delas não termina em *s*.

Por mais que boa parte da turma se dedique às atividades e a participar da aula, há bastantes alunos que conversam e riem enquanto os colegas realizam a correção acompanhados da professora. Principalmente as alunas Maitê e Erica, e Melissa e Cássia estão com problemas de atenção hoje.

A professora reforça que os *hiatos* são sempre separados enquanto os *ditongos* ficam sempre juntos; e a aluna Taciane dá bons exemplos e é participativa. Ela exemplifica com a palavra COM-PRE-EN-DER. A professora escreve outros exemplos no quadro e questiona os alunos sobre eles serem ditongos ou hiatos. TE-A-TRO; PI-ÃO – que é um ditongo com hiato; IÔ-IÔ; A-VI-ÃO; LE-O-A – que tem dois hiatos; VE-A-DO. A aluna Erica é questionada pela professora. A professora retoma mais uma regra de acentuação com a palavra *flúor*. FLÚ-OR – é uma paroxítona terminada em *r*, por isso é obrigatoriamente acentuada. O que lembra a palavra *flor*, uma monossílaba tônica.

Decorrida toda esta discussão, eles partem para a última alternativa da questão; e a resolvem como se fosse uma prova proposta pela professora Ângela, classificando as palavras: TE-LE-PÁ-TI-CAS – proparoxítona; I-NE-XA-TAS – paroxítona; AL-TE-RA-DAS – paroxítona; CÁ-LI-DAS – proparoxítona. Assim eles concluem que a alternativa correta é a *e*.

A professora empresta aos alunos uma folha, trazida pelo diretor Edilton, contendo as notas individuais dos alunos, por disciplina, na Prova Floripa. Eles se aglomeram para ver a folha com os resultados, e a aluna Cássia tirou a segunda nota mais alta da turma, no geral, o que foi bastante interessante, pois no decorrer das aulas ela tem uma participação bastante restrita. O aluno Vicente recolhe as provas do IFSC e os textos para que a professora Ângela as mantenha guardadas para posterior continuação da atividade. Ângela questiona os alunos sobre quem virá para o próximo grupo de estudos e aproximadamente 8 se interessam em ir – um número considerado alto. Depois disto, os alunos guardam seus materiais e são dispensados pela professora Ângela.

2.7.5 Observações 9 e 10 - Camila

Data: 02/09/2011

Aulas 8h30min – 9h15min / 9h15min – 10h00min

A professora Ângela entra em sala carregando vários materiais. Parte deles foi confeccionada por alunos da turma 81 e parte pela turma 82, na sala de projetos. Os cartazes que Ângela trazia tratavam do uso dos porquês; tema abordado na aula de projeto e em aulas anteriores. A professora pede para que os alunos (ou grupos de alunos) peguem os seus cartazes e expliquem aos colegas o uso dos porquês que cada um abordou em seu trabalho. A aluna Janaína começa com a apresentação de seu grupo; eles abordaram o *por quê* – explicando que ele é utilizado no final de frases interrogativas ou quando isolado – e o *por que* – colocando que ele é utilizado em frases interrogativas diretas e indiretas, bem como quando pode ser substituído pela expressão *pelo qual/pela qual*.

Aproveitando a presença do travessão em um diálogo utilizado em um cartaz confeccionado pelos alunos, Ângela retoma o assunto com os alunos, lembrando que ele representa a presença de diálogos no texto. Outro ponto interessante foi a brincadeira que alguns alunos fizeram nos cartazes, como foi feito, por exemplo, no cartaz da equipe do aluno Vicente: *Por que usamos os porquês? Porque todos os porquês tem o seu porquê.*

Os alunos estavam bastante agitados, provavelmente pelo fato de ser sexta-feira. Ângela pede respeito para com os colegas que estão apresentando os cartazes e comenta que Mariana e eu também havíamos feito alguns, sugerindo que apresentemos depois dos alunos terminarem. Durante a apresentação dos cartazes da turma, a aluna Cássia passa rímel. Apesar de a professora ter tido que chamar a atenção dos alunos quanto à bagunça, os alunos que apresentavam eram relativamente respeitados pelos colegas. Porém, como sempre havia um pouco de bagunça, a professora acabou se irritando e ameaçando *dar um ataque* (de nervosismo). Os alunos respeitam a professora, já que ela, aparentemente, muito raro apresenta tal comportamento.

Depois disso, enquanto alguns grupos ainda fixavam seus cartazes nas paredes da sala de aula, a professora convocou a Mariana e a mim para que apresentássemos os nossos cartazes. Assim, explicamos aos alunos que havíamos ido à aula de projeto na quarta-feira anterior, com dois alunos da turma 81, e que então ajudamos a professora Ângela com dois cartazes. Como havíamos trabalhado com colagens para confecção dos cartazes do *por que?* e *por quê?*, Ângela mostrou aos alunos e pediu que eles observassem os cartazes e os compreendessem como uma maneira diferente de se trabalhar com trabalhos expositivos. Aproveitamos a oportunidade de estar frente a frente com os alunos para aplicarmos um questionário. Colocamos a importância de eles responderem-no, uma vez que realizamos a pesquisa com o intuito de descobrir os interesses dos alunos, para que pudéssemos elaborar as aulas que regeremos com alguma noção de interesses, para que haja maior interesse dos alunos. Eles foram bastante prestativos, respondendo as questões (todas dissertativas) com atenção. Nenhum aluno se recusou a respondê-las, e eles respondiam em relativo silêncio, enquanto Ângela havia se ausentado.

Depois de respondido e organizado o questionário, a professora retoma uma rápida explicação do uso dos porquês, pedindo que Janaína entregasse uma folha com exemplos e uma rápida explicação dos usos¹³. No momento da leitura da folha, vários alunos se candidataram para ler, e eles colocaram bastante interpretação na hora da execução da leitura.

¹³ Vide Anexo 7.5 – Materiais Utilizados em Sala

Durante a leitura, a professora decide recolher a bolinha de *pingpong* de um dos alunos, quando Vicente resolve escondê-la. Ângela pede que ele entregue ou será revistado por ela, quando os alunos riem e ele entrega a bolinha para ela.

Depois de algumas explicações teóricas sobre adjetivação e substantivação das palavras (*meu livro velho* e *meu velho livro*), das quais os alunos participaram bastante positivamente – associando o aprendizado também com *ironia*, trabalhado em outro momento – os alunos voltam a se agitar. Abelardo Alberto da Silva, o aluno mais velho da sala, nascido em 1994, começa a brincar sugerindo que ele foi o fundador da escola, e os alunos acham graça. Ângela comenta com os alunos que, em outras culturas, Abelardo seria muito respeitado por ser o mais velho, também porque a experiência vem com o tempo.

Para não “perder tempo”, Ângela elaborou um resumo das aulas anteriores para os alunos – muito bem construído, por sinal – abordando a classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica e a acentuação gráfica. Além do resumo, a professora entregou aos alunos uma lista de atividades que deveria ser feita em casa, para a prática dos conteúdos aprendidos, e trazida na aula seguinte, para que a usual correção das atividades em conjunto ocorresse.

Seguidamente Ângela suscita uma conversa sobre os livros que os alunos pegaram na biblioteca há alguns dias. Ela faz um levantamento geral de quantos alunos já leram ou começaram a ler os livros. O resultado foi mais positivo do que ela esperava, sendo que os alunos foram bastante participativos na discussão. Uma aluna critica o livro *As viagens de Gulliver* por achar que ele não tem suspense: os fatos ocorrem muito seguidamente, sem criar nenhuma expectativa. O aluno Ederson nem sequer abriu o livro ainda, e a leitura e preparo da ficha e resenha é para ser entregue no dia 09 de setembro. Ângela se surpreende com o aluno André, que, apesar de ser um bom aluno, tende a não ler muitos livros e nem ir frequentemente à biblioteca. Ele acabou se envolvendo, nesta atividade, com um livro sobre *redes sociais* – que muito o interessa, também porque ele comentou na visita ao IFSC que gostaria de trabalhar com tecnologia da informação, tal como seu pai. Depois de mais alguns depoimentos – a maioria de alunos que leram os livros, mas não gostaram tanto – a aluna Kátia comenta que os colegas são muito realistas e só tem o desejo de ler obras que falem sobre favelas.

Por último, a aluna Jussara diz que acredita que para um livro ser bom, ele tem que fisgar você desde as primeiras páginas. Por isso ela só leu o primeiro capítulo do livro que havia escolhido: ele não era suficientemente bom para tocá-la logo de início. Em

contrapartida ela comenta também que gostou muito do livro *Os Miseráveis*, e que a princípio leria somente a parte necessária para a realização do trabalho a ser entregue para a professora, mas que posteriormente acabou por ler a obra completa. Ângela concorda, colocando que também adora a obra e argumentando com os alunos sobre o prazer de ler. Sobre a necessidade de cada um achar um livro que considere realmente positivo, para que se consiga realizar a leitura.

Depois disto, a professora Ângela dispensa o livro didático para a aula seguinte, e guarda os livros que os alunos trouxeram na escola. O plano foi mudado, devido aos conteúdos trabalhados nas últimas aulas, o que dispensou o uso do livro para a atividade planejada anteriormente.

Os alunos começam a ler em voz alta e em conjunto o resumo que a professora fez para eles. Como sempre, há vários candidatos à leitura do documento. Há uma nota de rodapé no texto, que a professora utiliza para explicar aos alunos sua função. Faltam poucos minutos para a aula acabar, então a professora dispensa a turma, lembrando os alunos de fazerem a tarefa, para que tragam na aula seguinte.

2.7.6 Reflexão Crítica - Camila

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito baseia-se numa política educacional fortemente valorizadora da interdisciplinaridade e da circulação do gênero discursivo entre as diversas áreas do conhecimento e esferas sociais. Apesar de ela não ter propriamente um documento chamado de Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola demonstra concretamente seus propósitos no projeto *Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas*, já citado anteriormente, e estes propósitos são confirmados a cada atividade realizada positivamente e em conjunto por professores de diferentes áreas e através dos cursos de formação continuada oferecidos por Terezinha Bertin – como também já mencionado: promotora do primeiro contato dos professores da escola com novas concepções de linguagem, de leitura, gêneros do discurso e de construção de sentido; responsável por trazer leituras que abarcam a formação geral do professor, independentemente da área, unificando e trazendo todos para o ideal da escola como espaço articulado para a produção do conhecimento.

Cabe colocar que há, dentro do ideário bakhtiniano, uma concepção de *gênero discursivo*¹⁴; canal no qual transitam os textos, uma espécie de macrosistema. Dentro desse sistema está o *texto-enunciado*, que é a materialização do gênero: um sistema construído por várias vozes.

Embora em outros textos do Círculo os gêneros também sejam nomeados e definidos como formas de discurso social, formas de um todo, tipos de interação verbal, no texto em discussão, Bakhtin opta pelo termo *gêneros do discurso*, definindo-os como tipos relativamente estáveis de enunciados ou formas relativamente estáveis e normativas do enunciado. (RODRIGUES, 2005, p. 163)

Cada esfera de utilização da língua gera seus próprios *tipos relativamente estáveis de enunciados* – ou seja, o que constitui um gênero discursivo é a relação que se dá entre ele e determinada situação de interação social –; os gêneros, então, estão no dia-a-dia dos falantes, que possuem, como se pode concluir a partir da leitura de conceitos bakhtinianos, um repertório sem fim de gêneros do discurso para cada situação em que se encontram.

Tal infinidade de tipos de gêneros discursivos fez com que Bakhtin acabasse por separar, dividir os gêneros em dois grupos: *gêneros do discurso primários* e *secundários*. Os *gêneros primários* seriam aqueles que circundam situações de pouca formalidade, como, por exemplo, diálogos cotidianos; os *gêneros secundários*, ao contrário dos primários, estariam envolvidos em situações de maior formalidade, como em discursos escritos, romances e teatro, por exemplo.

Durante o curso de formação acompanhado e também durante as aulas da professora Ângela, foi perceptível que os professores das áreas contempladas pelo projeto da escola circulam suas atividades¹⁵ entre os dois grupos de gêneros classificados por Bakhtin. Um exemplo para esta situação é, por exemplo, uma das atividades que foi analisada no curso de formação ministrado pela professora Terezinha Bertin em 21 de setembro de 2011, no qual foi analisada uma atividade da professora de ciências que consistia na produção de um relatório técnico. Além da composição deste relatório técnico, que seria um *gênero secundário*, houve a produção também de um relatório subjetivo, ou seja, informal (pela professora de outra disciplina – também de língua portuguesa), onde os alunos relataram verbalmente as suas

¹⁴ Adotado fielmente pela professora que procura situar os seus alunos em relação aos textos abordados em sala de aula. A atividade de realização das questões de Língua Portuguesa da prova no Instituto Federal de Santa Catarina pode ser tomada como exemplo: a professora referenciou a esfera de circulação na qual se localiza a prova, bem como os textos jornalístico e poético em torno dos quais as questões giravam. A leitura dos textos, não só na aula em questão como em todas as atividades realizadas, é constantemente presente.

¹⁵ Vide anexo 7.3 Material de apoio dos cursos de formação.

impressões pessoais sobre o assunto em questão – *gênero primário* – para que então a composição fosse transcrita para o quadro negro.

Com as observações de prática docente realizadas durante algumas das aulas de Língua Portuguesa da turma 81 (2011), ministradas pela professora Ângela Beirith, é perceptível que a prática docente da professora vai ao encontro não apenas ao projeto adotado como *mote* da escola, bem como também aos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa.

Apesar de a professora em questão ter argumentado, em entrevista concedida aos estagiários, que o intuito imediato da escola é fazer com que o aluno tenha domínio sobre a variedade padrão culta da língua portuguesa, ela, apesar de realizar uma abordagem reduzida, não ignora o fato de diferentes variedades linguísticas existirem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), as práticas de linguagem são consideradas uma totalidade, não podendo ser fragmentadas no ambiente escolar; e sendo assim os conteúdos devem ser selecionados a partir das necessidades apresentadas pelos alunos – ou seja, a partir do projeto educativo da escola (onde se localizam os objetivos do ensino) e das possibilidades dos mesmos – determinadas através da dificuldade posta ao aluno na relação do mesmo com diversos aspectos do discurso e práticas de linguagem, bem como pelo conhecimento de natureza conceitual que o sujeito necessita ativar para resolver o problema proposto.

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, como a escola é a grande mediadora entre os sujeitos e o conhecimento, é necessário que ela assuma o compromisso de fazer com que a sala de aula seja um espaço democrático, onde cada sujeito tenha direito à palavra e a ver ou ouvir esta palavra ressoar no discurso do outro. Assim o professor tem o papel de organizar ações que possibilitem ao aluno o contato crítico e reflexivo com o diferente, tendo clareza sobre as finalidades colocadas para o ensino e dos conhecimentos que precisam ser construídos para alcançá-lo. A professora Ângela, durante as 10 aulas acompanhadas, criou um ambiente de cordialidade entre ela e os alunos em sala de aula, perceptível pelo constante respeito demonstrado pelos alunos¹⁶.

Cabe também à escola e ao professor articularem estes diversos fatores não apenas a fim de planejar situações didáticas (que permitirão ao professor levantar o campo de conhecimento sobre o qual o aluno já apresenta domínio, identificando dificuldades e

¹⁶ Apesar de eventualmente os alunos queixarem-se sobre determinadas atividades, a professora sempre se propunha a resolver as questões com eles, o que instigava o interesse dos presentes.

facilidades, podendo assim priorizar os aspectos que da ação de ensino), mas também a fim de organizar a sequenciação dos conteúdos possíveis e necessários aos alunos.

Desde 2005 é abordada nos cursos de formação continuada da escola a questão das *sequências didáticas*, definidas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97) como *um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito*.

A professora Ângela procura executar a principal tarefa das sequências, ou seja, ajudar o aluno a ter domínio sobre determinado gênero do discurso, a partir de táticas simples e realizáveis, como acompanhamos em determinadas atividades. Por exemplo, nas duas primeiras aulas acompanhadas, quando a professora analisava em conjunto com os alunos um trecho de uma resposta elaborada por uma das alunas para a atividade referente ao livro *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Ângela questiona os alunos verbalmente sobre o conteúdo a ser aprendido (pronomes, neste caso), verificando o domínio que eles já têm sobre o tema, aproximando o conteúdo ao cotidiano dos alunos. O mesmo aconteceu na leitura do poema *Rosa de Hiroxima* e do texto jornalístico sobre o mesmo tema (a radioatividade) – na atividade de realização da prova de Língua Portuguesa do IFSC –; a professora realizou uma constante conversa sobre os gêneros notícia e poema, fornecendo informações características de ambos, e verificando também o domínio que os alunos já possuíam sobre os gêneros em questão através de questionamentos simples, fazendo com que eles percebessem assim que muitas vezes têm conhecimento prévio sobre determinado gênero ou tema e não se dão conta disto.

Segundo Antunes (2003) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a verdadeira função das aulas de língua portuguesa é fazer sempre crescer a competência do aluno para que ele, através da fluência na fala e na escrita, consiga exercer seu papel de cidadão, atuando nas diversas esferas da sociedade. Essa competência é ampliada através do constante exercício da fala e da escrita, através da escuta e da leitura em torno do conteúdo previsto pelo professor dentro das possibilidades dispostas pelos alunos, perceptíveis através do desenvolvimento já alcançado pelos alunos em determinadas atividades.

As circunstâncias de falar em público exigem o cumprimento de certas convenções sociais que interferem na organização do que fazer e na forma de como dizer. O professor deve estar atento para desenvolver nos alunos as competências necessárias a uma participação eficiente em eventos da comunicação pública, como uma conferência, uma reunião, um debate, uma apresentação, um aviso etc. (ANTUNES, 2003, p.113)

Então, com o intuito de realizar a ampliação desta competência dos alunos, a professora Ângela segue a concepção de análise epilinguística¹⁷, como, por exemplo, na atividade sobre os pronomes. A professora analisa a gramática a partir do texto dos alunos, do uso.

A partir de toda a análise crítica feita em torno da prática docente da professora Ângela Beirith, percebe-se que muitas vezes ela atinge mais de um princípio teórico em um mesmo exercício, o que comprova que a sua prática vai efetivamente ao encontro do que é proposto pela Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito como prática pedagógica.

É perceptível, de acordo com o que acompanhamos no curso de formação que ocorreu nos dias 21 e 22 de Setembro deste ano, que a formação oferecida pela palestrante Terezinha Bertin aos professores no curso de formação não é a mesma aprendida em seus cursos de formação acadêmica (pelo menos dos professores que atuam há mais tempo na escola – analisando a partir de suas idades aparentes); uma vez que os professores relativamente “menos empenhados”, em alguns momentos, parecem não saber muito bem como proceder, em sala de aula, com as informações retidas do curso. Porém, há muitos deles – como a professora Ângela – que se interessaram arduamente pela formação atualizada e a acompanham com grande interesse e participação desde os primeiros anos em que o curso foi oferecido, procurando atualizar-se em suas áreas, aplicando o estudo do gênero (que é, em geral, o tema proposto pelos cursos) interdisciplinarmente e com abordagens e explorações diversas, procurando garantir a formação de seus alunos perante a sociedade, não apenas da esfera de atividade em que circulam, bem como, por exemplo, em esferas que haverão de circular futuramente. Por exemplo, quando entrarem em meio acadêmico ou exercerem alguma atividade profissional.

2.7.7 Observações 1 e 2 – Mariana

Data: 19/08/2011

Aulas 08h30min – 09h15min / 09h15min – 10h00min

¹⁷ Segundo Alexandroff (2009), a *Epilinguagem refere-se ao trabalho em torno da linguagem, em reais situações de uso. Não exige uma análise consciente para seu uso, o que a torna acessível a qualquer usuário da linguagem.*

A sala é quase quadrada, com um quadro branco e um quadro de giz lado a lado em frente da sala. Nas paredes há diversos cartazes: linha do tempo dos cientistas com minibiografias feita pelos alunos, tabela periódica dos elementos, quadro de anotações, com calendário de provas e atividades importantes, cartaz sobre pontuação, desenvolvido pelos alunos do projeto de apoio de Língua Portuguesa. A sala tem dois ventiladores bem posicionados, janelas amplas com cortinas. As carteiras são convencionais, de tamanho padrão, e quase todas estão bastante rabiscadas.

Os alunos encontram-se de pé, espalhados pela sala e alguns fora dela. Eles não usam nenhum tipo de uniforme e a disposição na sala é convencional, carteiras atrás de carteiras, embora as mesmas estejam um pouco fora de ordem. A professora entra na sala, chamando a atenção dos alunos, pedindo para que eles sentem. Após uns instantes, a professora apresenta as estagiárias como estudantes de Letras – Português da UFSC, explicando a importância do estágio para a formação do professor. A recepção dos alunos é neutra em relação às estagiárias, e são solícitos ao ajudar na disposição das carteiras.

As alunas se acomodam no fundo da sala, enquanto a professora recupera o trabalho da aula anterior e deixando tarefa para a próxima aula. Distribui recortes de Xerox com a atividade, pede para os alunos colarem no caderno, e em seguida, para que alguém leia em voz alta e interprete o enunciado.

Os alunos estão inquietos e demoram a se sentar. Não parece haver esquema de espelho de classe; muitos levantam e conversam. Apesar disso, uma aluna rapidamente se propõe a ler o enunciado e o trecho do texto para a atividade. Trata-se de um pequeno texto, em que há a repetição constante da palavra “crianças”, a qual deve ser substituída pelo pronome adequado, tema que parece já ter sido trabalhado. A proposta da atividade prevê que os alunos reescrevam o texto e tragam na próxima aula. Os alunos interagem com mediação da professora, mostrando que o assunto já havia sido visto anteriormente.

Para articular a atividade com o que estava sendo visto antes, a professora resgata uma parte da ficha de leitura da aluna Melissa, do livro “Os miseráveis”, de Vitor Hugo, destacando o uso dos pronomes na gramática internalizada, mesmo sem ter sido feito um estudo sobre o assunto. A leitura deste livro foi um trabalho feito em várias etapas, com discussões ainda recentes para os alunos, já que mostraram, durante o estudo da resposta da colega, interesse pelos temas tratados.

Segue o texto escrito pela professora no quadro:

“Eu não os condenaria, pois Jean Val Jean foi muito julgado, ele poderia ter pedido, não roubado, mas não é por isso que vou julgá-lo, pois houve muita necessidade (...)”.

A turma permanece inquieta enquanto a professora transcreve o texto da aluna no quadro, mas após a mediação da professora, os alunos identificam os pronomes, óbvios e disfarçados, no texto. Houve a retomada do assunto da ficha de leitura, mas a professora enfatizou o uso dos pronomes oblíquos na língua escrita, mesmo que os alunos não os usem na fala.

A Bibliotecária entra na sala com uma caixa azul, cheia de livros a serem apresentados à turma, como parte de um projeto de atividade já começado na aula anterior. Esse projeto pretende que os alunos leiam livros de literatura segundo suas afinidades, e que ao final da leitura, escolham palavras-chave, para auxiliar o trabalho da bibliotecária na catalogação dos livros, e complementem as resenhas que existem ao final dos livros, para a indicação da leitura. A participação no projeto é voluntária, mas o aluno que participar contará com o benefício de uma nota 10 no bimestre.

A Bibliotecária começa relatando os alunos que estão com pendências na biblioteca, já que estes alunos não poderão participar antes de regularizar sua situação. Ela expõe os livros, lendo o título e a resenha da capa de trás do livro. Os livros são todos muito interessantes, de estilos muito variados, nacionais ou estrangeiros, contemporâneos ou clássicos. Em alguns momentos, dependendo do livro apresentado, o silêncio na sala era total, mas a atenção é facilmente desviada se o livro não é tão interessante. A professora acompanha a leitura da bibliotecária, instigando os alunos a escolherem o livro preferido.

Os alunos se distraem com facilidade: trocam bilhetinhos, conversam, passam maquiagem, desenham, outros têm sono. O diálogo é constante entre a professora, a bibliotecária e os alunos, sendo que as brincadeiras são constantes.

Os alunos vão escolhendo livremente os livros apresentados pela bibliotecária, enquanto a professora faz o controle dos empréstimos. O engajamento dos alunos na atividade surpreende as estagiárias e a professora, pois quase todos os alunos escolhem algum livro e se comprometem a participar da atividade. Acontece um pequeno incidente com a escolha dos livros, disputados entre vários alunos, o que resultou em uma aluna dizendo que não leria nenhum livro se não poderia ter aquele. O prazo de empréstimo dos livros (15 dias) é questionado; a velocidade da leitura também, enfim, os alunos se exaltam.

Alguns alunos já começam a leitura na mesma hora; outros se dispersam e conversam, andando pela sala. Há também alguns alunos bastante isolados, que parecem alheios às atividades da sala. A bibliotecária sai da sala, deixando alguns livros que não foram escolhidos, e alguns alunos a seguem para regularizar sua situação com os empréstimos na biblioteca.

A professora encaminha a atividade de leitura, distribuindo e explicando as fichas de leitura elaboradas pela bibliotecária, que devem ser entregues na biblioteca ao final da atividade. Há bastante conversa e, portanto, muitas dúvidas na forma de preencher a ficha.

Os alunos começam a preencher a ficha e chamam pela professora incessantemente, para que ela dê atendimento individual. A professora explica novamente a proposta de escolha das palavras-chave e da reescrita das resenhas, além de destacar os dados a serem preenchidos na ficha, como o nome da obra, do autor, do tradutor e do adaptador.

Ao ver a movimentação dos alunos na sala, a professora comunica a atividade a ser desenvolvida na próxima aula: a resolução de exercícios retirados da prova de seleção do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina).

A professora finaliza a aula, os alunos saem.

2.7.8 Observações 3 e 4 – Mariana

Data: 23/08/2011

Aulas 10h15min – 11h00min / 11h00min – 11h45min

As estagiárias entram em sala, acomodam as carteiras. A professora entra na sala, cumprimenta a turma, chama a atenção várias vezes. Os alunos demoram a se acomodar, conversam, distribuem balas e pirulitos, andam pela sala. Ela chama a atenção dos alunos falando a respeito dos resultados da Prova Floripa, que fora aplicada com os alunos das oitavas séries algum tempo antes. Ela promete imprimir os resultados e trazer na próxima aula, além de destacar os alunos com melhores resultados na sala, como o aluno Victor, que acertou todas as questões da prova de Português.

A professora faz a chamada, mas os alunos não dão atenção, continuando a conversar. A chamada não é em ordem alfabética. Em seguida, a professora passa no quadro

os recados e serem anotados na agenda: a marcação da prova bimestral, a data para entrega da ficha de leitura do projeto com a Biblioteca e a tarefa para a próxima semana. Seguem os recados:

“Prova bimestral: 16/09

Conteúdos:

- ✓ Compreensão e interpretação de texto
- ✓ Uso de mas/mais/más; mau/mal
- ✓ Pronomes
- ✓ Pontuação: uso da vírgula
- ✓ Uso dos porquês
- ✓ Metonímia; ironia; polissíndeto.”

“Entrega do resumo ampliado do livro + palavras-chave: 09/09 (sexta feira)”

“Trazer o livro didático no dia 26/09”

A aluna Kátia anota os recados no mural. Boa parte dos alunos defende que o último tópico dos conteúdos, “Metonímia; ironia; polissíndeto”, ainda não foi estudado, mas a professora explica, em seguida, que o conteúdo deverá ser visto até o fim do bimestre. A professora faz uma breve explicação sobre ironia, polissíndeto e leitura dinâmica. Um aluno anda pela sala e cospe pela janela. Os alunos fazem muito barulho, conversam e riem alto.

Quando a professora passa o recado sobre a entrega da ficha de leitura, os alunos comentam sobre a sua leitura, ritmo e velocidade de leitura e a relação com os prazos de entrega. Ao surgir o assunto da ficha de leitura, a professora explica novamente a diferença entre tradução, adaptação, sendo esta pela linguagem ou pela faixa etária. Ao aumentar o barulho na sala, a professora se exalta e pede atenção em voz alta.

Conforme dito na aula anterior, a professora trouxe cópias¹⁸ da prova de Língua Portuguesa do teste de seleção para ingresso no IFSC (2011/2).

As carteiras são separadas, como se fosse uma ocasião formal de aplicação de prova. Os alunos recebem primeiramente a página contendo dois textos. Após a leitura, eles recebem o caderno contendo seis questões. Alguns alunos que participam do Grupo de Estudos no contraturno já haviam resolvido à prova e, portanto, receberam palavras-cruzadas para

¹⁸ Vide Anexo 7.5 – Materiais Utilizados em Sala

responder, enquanto os colegas respondiam à prova. Os alunos primeiramente rejeitam a proposta da prova, recusando-se a fazer, mas acabam aceitando e mantendo silêncio quando a professora se exalta e diz: “Quem quer fazer o que quer, fique em casa! Eu não tô num spa!”

Faltam algumas cópias e a professora sai da sala para providenciá-las. Alguns alunos comentam, outros fazem a tarefa da aula anterior na hora. Kátia comenta sobre a presença das estagiárias, dizendo que “Nem quando tem gente diferente vocês deixam de ser animais”.

Alunos conversam entre si e ensaiam a cola, relutam, mas acabam ficando em silêncio para responder à prova. Enquanto isso, a professora chama aluno por aluno, de acordo com a ordem das carteiras, para mostrar a tarefa da aula anterior feita no caderno.

Os alunos do grupo de estudos, que receberam as palavras cruzadas se concentram, enquanto os outros observam as estagiárias, fazem perguntas sobre a prova à professora, ou conversam.

Os alunos vão, um a um, conforme chamados, à mesa da professora apresentar as atividades no caderno. A professora atribui pontos positivos aos alunos que fizeram a tarefa, e pontos negativos aos alunos que não fizeram.

Conforme os alunos vão terminando a prova, recebem palavras-cruzadas, embora a maior parte deles se distraia e fique fazendo outras coisas, como manusear dinheiro, apontar lápis, ir à biblioteca, jogar bolinhas de papel, escrever no quadro, escutar música, jogar o jogo stop.

A professora recolhe as provas do IFSC, deixando os textos com os alunos. Ela retoma a ordem, manda os alunos sentarem e propõe a troca das provas entre os alunos para fazer a correção, o que não é aceito pelos alunos. Então, a professora decide fazer a leitura em conjunto dos textos.

Antes da leitura, uma aluna faz uma pergunta sobre o primeiro texto, um texto informativo sobre o poema “Rosa de Hiroxima” de Vinícius de Moraes, e introdutório da temática sobre as bombas atômicas. A professora faz uma pequena retrospectiva sobre a Segunda Guerra Mundial, bombas atômicas, efeitos da radiação (assunto estudado pelos alunos na 6ª série) e deformações congênitas.

A aluna Taciane lê o texto informativo; em seguida, acontece a leitura do poema, e a professora estimula os alunos a lerem o poema coletivamente, cada um lendo um verso. Os alunos se dispõem a ler, sem problemas. A professora media a leitura do poema, pedindo entonação e sentimento na leitura.

Após a leitura do texto, os alunos começam a guardar o material, a se levantar, falar, pegar as mochilas e organizar as carteiras, colocando as cadeiras para cima das mesas.

A professora recolhe os textos e finaliza a aula.

2.7.9 Observações 5 e 6 – Mariana

Data: 26/08/2011

Aulas 8h30min – 9h15min / 9h15min – 10h00min

A professora entra na sala. Há demora na acomodação das carteiras, muito barulho, mas por fim, quando a professora começa a retomar a aula anterior, os alunos se aquietam. A professora inicia a correção da prova do IFSC, feita pelos alunos na aula anterior. Os alunos fazem uma pequena polêmica para saber se a professora havia recolhido os textos na aula anterior ou não, e a professora sai da sala para procurar textos. Os alunos se levantam das carteiras, mas voltam ao silêncio quando a professora retorna e pede para a aluna Kátia distribuir os textos. Enquanto isso, a professora faz a chamada.

Após a chamada, a professora comunica os alunos da saída de campo que farão na próxima segunda-feira (29/08/2011), para conhecer o IFSC. Os alunos deverão trazer as autorizações assinadas, pois do contrário, não poderão ir.

Início da revisão da aula anterior. Um aluno lê a questão e as respectivas alternativas. A leitura é pausada a cada tópico que deve ser ampliado e explicado, para depois acontecer o debate sobre qual é a opção correta. A professora chama atenção para as pegadinhas, para a constituição da prova. Os alunos prestam atenção e respondem, embora sejam sempre os mesmos que se mostram solícitos a responder.

Na primeira questão, que requeria conhecimentos a respeito das características dos gêneros discursivos, os alunos se saíram bem. Poucos alunos confundiram as características, principalmente os que permaneciam conversando e fazendo outras tarefas. A professora aproveita para relembrar as características dos gêneros notícia, conto, texto informativo, crônica, poema e carta pessoal.

Na questão seguinte, mais especificamente sobre interpretação do poema “Rosa de Hiroxima”, de Vinícius de Moraes, a professora faz uma breve explicação sobre nomenclatura

de poesia, como verso, estrofe, rima, ‘eu’ poético (em oposição ao narrador) e recursos poéticos. Sobre a interpretação do poema, alguns alunos fazem interpretações bastante aprofundadas, mostrando interesse pelo gênero.

Cada questão é analisada em todas as suas alternativas. Alguns alunos ficam isolados, alguns fazem outras tarefas e conversam por meio de bilhetes em um caderno. Vendo a distração das alunas no fundo da sala, a professora chama a atenção de uma aluna em particular, para que ela respondesse à pergunta. A aluna não consegue responder. Então, a professora fala sobre a Prova Floripa, em como acontece de alunos errarem todas as questões, como houve um caso.

Alguns alunos mostram dificuldades de compreender os enunciados das questões por não saber o significado de algumas palavras (advérbios, por exemplo). A professora pede que dois alunos busquem na biblioteca os dicionários para uso na sala. Quando os dicionários chegam, a professora ajuda os alunos a procurarem o significado das palavras.

A professora desenvolve com os alunos o senso de dedução do sentido da palavra trivialmente, que aparece num dos enunciados. Os alunos debatem a respeito da interpretação da questão.

A professora separa as alunas que estavam conversando, e os outros alunos da sala apoiam a professora, mostrando-se incomodados com a atitude das alunas. Os meninos prestam mais atenção do que as meninas, que conversam e trocam bilhetes.

O aluno Fernando tem problemas de ordem neurocognitiva já diagnosticados, tem sérios problemas com escrita cursiva e com separação de palavras. Ele ‘desenha’ a palavra que a professora havia escrito no quadro, e faz um desenho de um coração no verso do texto distribuído pela professora, mostrando-se alheio ao que estava sendo debatido em sala de aula.

A questão 15 da prova trata de questões relacionadas às classes de palavras, análise sintática e concordância verbal. Os alunos mostram-se interessados e interagem com a professora. Os alunos compreendem bem o sentido poético do poema, fazendo análises bastante aprofundadas. A aluna Kátia, que havia sido mandada “dar uma voltinha, tomar uma água” por causa de uma brincadeira maldosa, volta à sala e fica apoiada na porta, recusando-se a participar da aula.

A professora faz uma explicação a respeito da classe gramatical de uma palavra do poema, usada como recurso poético rota (que pode ter som aberto ou fechado), colhendo exemplos dos alunos e escrevendo no quadro, destacando as diferenças de uso das frases:

“Fiz uma rota pela 401. (substantivo róta)”

“Esta camiseta está toda rota. (adjetivo rôta)”

Vendo que os alunos estão se agitando, guardando os materiais, a professora finaliza a aula alguns minutos antes, recolhendo as atividades.

A sala conta com espelho de classe, embora não seja seguido à risca, e os alunos possuem camiseta de uniforme.

2.7.10 Observações 7 e 8 – Mariana

Data: 30/08/2011

Aulas 10h15min – 11h00min / 11h00min – 11h45min

Os alunos voltam da Educação Física conversando agitados sobre a escolha de músicas da formatura. Muitos alunos chegam atrasados. No dia seguinte será a escolha da música para entrada na formatura.

A professora entra na sala enquanto os alunos estão entrando, conversando. Uma aluna fala ao celular dentro da sala. A professora aguarda enquanto os alunos se acomodam nas carteiras. Um aluno distribui os textos lidos na aula anterior.

O diretor entra na sala. Ele dá recados sobre a permanência de alunos do contraturno na escola em função das atividades de projetos com o PIBID de Matemática. Pede para que os alunos não fiquem circulando nos corredores, tirando a atenção dos alunos que estão em aula, e que não fiquem no fim das aulas, para não causar tumulto. O diretor fala sobre sexta feira, que é o dia destinado para todos os alunos ficarem no colégio o dia todo, pois existem projetos como o coral e grupos de estudos para as olimpíadas de matemática. Para as oitavas séries, foram destinadas as terças e quintas para o desenvolvimento de atividades. A professora comenta com o diretor que na semana passada, nove alunos vieram no grupo de estudos para preparação para as provas de seleção do IFSC e do Colégio Catarinense. Um aluno faz uma pergunta ao diretor sobre o desempenho da escola na Prova Floripa. O diretor explica que o desempenho da escola se encontra na média das melhores escolas do município, e que as oitavas séries foram bem. Ele promete trazer os resultados de forma impressa para afixar na sala. Um aluno pergunta ao diretor sobre a instalação de uma mesa de ping-pong, e o diretor responde que a mesma já está sendo instalada. O diretor sai.

A professora faz a chamada, e em seguida, renova o lembrete para que os alunos tragam o livro didático na próxima aula. Alguns alunos mostram que trouxeram o livro didático. A professora então os recolhe, para que os alunos não precisem ficar carregando peso.

Para reiniciar a aula, a professora pergunta aos alunos sobre as suas impressões do passeio feito na segunda feira. Os alunos foram visitar as instalações do IFSC, onde conheceram os cursos, os ambientes e os laboratórios. As estagiárias acompanharam os alunos na saída, e puderam comprovar os efeitos do passeio na vontade dos alunos de ingressar na instituição.

Os alunos começam a falar, todos ao mesmo tempo, sobre as suas impressões. Dizem seus cursos preferidos, daquilo que gostaram e do que não gostaram, como “Tem bastante mulher bonita”, “Eles falam demais lá”, “Eu gostei de saneamento”, “eu de eletrotécnica”.

Os alunos que não puderam participar, ou aqueles que quiserem ir novamente, poderão ir com a turma 82, que irá na próxima semana. A professora ressalta as qualidades da escola, como a assistência social e os auxílios aos alunos. A aluna Jussara se queixa à professora sobre a falta de concentração nos estudos para a prova de seleção. A professora responde que a única fórmula eficiente é o número de horas/bunda (horas de estudo por dia).

O aluno precisa conhecer seu organismo para saber qual o horário que é mais proveitoso para o estudo.

A professora separa alunos que estavam conversando, chama a atenção deles, que estavam bastante dispersos. Para retomar a correção das questões, a professora diz para os alunos se concentrarem para descobrir quais das questões da prova eles acertariam. Ela retoma a correção do ponto que havia parado na aula anterior. A questão 16 fala sobre tonicidade das palavras do texto, em várias categorias de análise.

Questão 16

Quanto à tonicidade e à acentuação gráfica das palavras do texto 03, assinale a alternativa CORRETA.

(A) Como a palavra rádio recebe acento, também deveria haver acento em radioativa (linha 13), que contém o mesmo radical.

(B) A maioria das palavras do texto são oxítonas ou paroxítonas terminadas em s, por isso não recebem acento gráfico.

(C) A palavra *mas* (linha 9) é escrita sem acento porque não se acentuam monossílabos tônicos terminados em *as*.

(D) A palavra *hereditária* (linha 12) recebe acento porque é uma proparoxítona terminada em hiato.

(E) As palavras *telepáticas*, *inexatas*, *alteradas* e *cálidas* (linhas 2,4,6 e 8), apesar de não serem todas proparoxítonas, têm em comum o fato de que sua sílaba tônica contém a vogal *a*.

A professora retoma um pouco do conhecimento dos alunos a esse respeito antes de ler e corrigir a questão. Ela começa falando sobre a existência, nas palavras, de sílabas mais fortes. Em seguida, escreve no quadro a palavra *melancia* separada em sílabas e pede que os alunos digam qual é a mais forte. “*me-lan-ci-a*”. Sem demora, a maioria dos alunos responde: “*lan!*”. Surge entre os alunos a discordância sobre a sílaba mais forte e eles acabam corrigindo por “*ci*”. A professora então ensina os alunos a descobrir a sílaba forte, que se faz separando a palavra em sílabas e pondo o acento em cada sílaba de uma vez: *mêlancia*, *melância*, *melância*, *melanciá*. A professora faz o teste com outras palavras, como *sabor* e *médico*. Ao ver a palavra *médico*, a aluna Kátia fala, pela primeira vez, a nomenclatura da gramática tradicional, dizendo que a sílaba mais forte é a sílaba tônica. Continuando a partir do que a aluna disse, a professora faz a distinção entre sílaba tônica e sílaba átona (que na mediação da professora, os alunos chamaram de atônica) e os sinais de acentuação. Os alunos então formulam, por si só, a regra de que toda sílaba que é acentuada graficamente é tônica. Uma aluna pergunta “E quando uma palavra tem dois acentos?”, o que a professora responde dizendo que há diferenças entre acentos e sinais gráficos como o til, sendo os acentos agudo e circunflexo os únicos que marcam a sílaba tônica.

A aluna Kátia diz a regra que “todas as proparoxítonas são acentuadas”, e então a professora fala da classificação das palavras de acordo com a sílaba tônica, sendo divididas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

A professora pergunta para os alunos quais as sílabas tônicas das palavras e vai escrevendo-as no quadro:

Sa-bor – oxítona (última sílaba)

Me-lan-ci-a – paroxítona (penúltima sílaba)

Mé-di-co – proparoxítona (antepenúltima sílaba)

Como os alunos tinham dificuldades em dizer quais eram as sílabas que apontavam, a professora explica dizendo que a contagem das sílabas começa sempre de trás para frente, vendo se a sílaba tônica é a última, penúltima ou a antepenúltima sílaba da palavra. Não devem ser usados os termos *início*, *meio* e *fim da palavra*, pois podem causar confusão. Uma aluna pergunta: “E quando a palavra tem mais de três sílabas?” A professora responde colocando a seguinte palavra no quadro: ca-rac-te-rís-ti-ca, e pedindo para os alunos dizerem a sílaba forte. Ela termina, então, dizendo que em Língua Portuguesa, todos os acentos gráficos sempre cairão nas três últimas sílabas.

Um professor entra na sala para entregar os resultados por turma impressos da Prova Floripa. A professora diz que passará para os alunos olharem seu desempenho após a aula. Os alunos se agitam.

Surge a dúvida sobre algumas palavras receberem acentos e outras não. A professora começa a expor no quadro as regras de acentuação de paroxítonas, dizendo que somente são acentuadas as paroxítonas terminadas em –er (caráter), -i (táxi), -us (vírus), ditongo (secretária, hereditária, família, Bolívia). Os exemplos são levantados pelos alunos. Ao ver que os alunos se agitam, a professora diz que essas regras devem ser decoradas, como a tabuada.

A professora explica a divisão entre ditongo, tritongo e hiato. Os alunos notam a diferença entre secretária e secretaria. A professora escreve no quadro:

Se-cre-tá-ria (o i é fraco) ditongo

Se-cre-ta-ri-a (o i é forte) hiato

Uma aluna diz que para formar um hiato a vogal está sozinha na sílaba. A professora corrige o comentário da aluna, dizendo que não é o fato de a vogal estar sozinha que importa, mas sim o fato de ela estar separada de outra. Não existe sílaba composta somente de consoante, pois a vogal é a base da sílaba. A professora pergunta aos alunos: “Por que Paraguai não separa?” E responde em seguida dizendo que em Paraguai, o a é forte, e o i e o u se apoiam nele, pois esses sons fracos não são vogais, mas semivogais. Em seguida, encaminha a junção da revisão vista com a correção da questão 16.

Julice lê a questão. Alunos se dispersam e conversam. Poucos alunos permanecem concentrados. Uma das alternativas sugeria analisar todas as palavras oxítonas e paroxítonas

terminadas em –s do texto. A professora então pede que os alunos ditem essas palavras, enquanto ela as escreve no quadro.

Crianças	Telepáticas	Cálidas	Mas
Alteradas	Mudas	Rotas	Nas
Inexatas	Mulheres	Cegas	
Feridas	Rosas	Meninas	

Ao pedir para os alunos verificarem se todas as palavras eram mesmo paroxítonas ou oxítonas, classificando-as, as palavras telepáticas e cálidas foram riscadas, por serem proparoxítonas. As palavras *mas* e *nas* foram riscadas porque a professora explicou em seguida que somente palavras com duas ou mais sílabas podiam entrar nessa classificação. Palavras de apenas uma sílaba eram chamadas monossílabas, que poderiam ser átonas ou tônicas. A professora reexamina a alternativa (B) da questão, sobre a regra de paroxítonas terminadas em s não serem acentuadas, e mostra para os alunos que essa regra não se aplica por termos palavras como vírus.

A professora destaca o método de exclusão das possibilidades para resolução da prova. Sobre a alternativa (C), a professora faz a mesma coisa, dizendo que a regra não se aplica pela existência de palavras como *más* e *pás*.

Na alternativa (D), a professora faz no quadro a classificação da palavra *he-re-di-tá-rias*, mostrando que não se trata de um hiato, mas de um ditongo, e uma paroxítona em vez de uma proparoxítona. Alguns alunos se dispersam e são repreendidos pelos colegas. A professora pede que os alunos deem exemplos de hiatos: *pião*, *avião*, *leoa*, *veado*, *ioiô*, *saúde*.

Para conter o barulho na sala, a professora promete um ponto na média se a aluna Erica acertasse a classificação da palavra *veado*. Uma colega diz a resposta e ela repete.

Em meio ao barulho e distração da turma, a aluna Kátia dita a separação de sílabas das palavras:

Te-le-pá-ti-cas

I-ne-xa-tas

Cá-li-das

Al-te-ra-das

Os alunos reconhecem as sílabas tônicas das palavras, todas contendo a vogal a e compreendem que a alternativa (E) é a correta.

A professora mostra os resultados da Prova Floripa aos alunos, que se dispersam e levantam das carteiras. A professora escreve no quadro o aviso: Para sexta: lembrar do livro. Em seguida, ela vem falar com as estagiárias, comentando sobre o rendimento da aula, dificuldade da prova e o progresso de alguns alunos.

A professora pergunta aos alunos quantos virão no Grupo de Estudos, e muitos respondem que virão, arrumando os materiais, e organizando as carteiras, começando a sair da sala. A professora recolhe os livros e encerra a aula.

2.7.11 Observações 9 e 10 – Mariana

Data: 02/09/2011

Aulas 8h30min – 9h15min / 9h15min – 10h00min

Há um novo elemento de produção dos alunos exposto na sala: um varal com os poemas feitos pelos alunos na disciplina de história, a respeito da personagem histórica Anita Garibaldi. A maioria dos poemas têm rimas, alguns têm métrica. São papéis coloridos, presos com grampos em um cordão que atravessa o fundo da sala.

A professora entra na sala, os alunos voltam aos poucos do recreio, permanecendo de pé. A professora traz os cartazes feitos no Grupo de Estudos com as turmas 81 e 82, sobre os usos dos vários tipos de porquês. Os alunos estão agitados e leva algum tempo para que a professora consiga explicar os objetivos da aula.

A professora pede para cada equipe do Grupo de Estudo apresentar seu cartaz e o fixar na parede da sala de aula. Os alunos fazem trabalhos interessantes com exemplos de uso de várias formas de porquê, como “Por que devemos estudar os porquês? Porque cada porquê tem sua função”, destacando a brincadeira com as palavras ou o trabalho com a colagem. A professora explica brevemente os usos dos porquês segundo a gramática tradicional, apoiada nos exemplos dos cartazes. A aluna Janaína, a pedido da professora, distribui pequenos textos com o resumo do uso dos porquês, conforme visto no Grupo de Estudos. A professora pede que os alunos façam o registro completo (Florianópolis, 2 de setembro de 2011, conforme

exigido pela professora), e que colem a folha distribuída no caderno, para servir como material de consulta.

Os alunos se encontram bastante dispersos enquanto os textos são distribuídos e os cartazes dos colegas são colados. Alguns conversam, outros andam, um brinca com uma bolinha de ping-pong, outra passa rímel. Ao perceber todo o barulho, a professora chama a atenção de forma alterada, gritando “Eu vou dar um ataque com esse barulho”. Os alunos silenciam.

Após as explicações, a professora encaminha a colagem pela sala e chama as estagiárias para que elas expliquem o cartaz que fizeram enquanto observavam a turma 82 em seu encontro, no dia 24/08. As estagiárias levam seus cartazes, que exploram as formas por que? e por quê?, explicam e colam na parede. Os alunos fazem silêncio e prestam atenção enquanto as estagiárias falam. Em seguida, as estagiárias aproveitam para aplicar o questionário que desenvolveram para conhecer melhor os hábitos dos alunos fora do contexto escolar. O questionário contém perguntas leves, sobre gosto musical, cinematográfico, hábitos de leitura, local onde mora. Os alunos responderam em silêncio, entregando logo assim que acabavam. Quando terminavam de responder, logo o barulho recomeçou.

A professora retoma a aula, fazendo a leitura do resumo sobre o uso dos porquês. Cada aluno lê um tipo de uso do porquê. No tópico do porquê (junto e com acento), a professora explica a substantivação, explicando com o caso dos adjetivos (que quando se coloca um artigo na frente, o adjetivo vira substantivo). Os exemplos usados pela professora são os seguintes: o porquê, o frio, o velho.

Com o exemplo o velho, a professora faz a ligação com as variações de significado de acordo com a posição do adjetivo. Ex: velho amigo, amigo velho. Com o uso da palavra velho, inicia-se um debate na sala sobre a carga semântica do uso da palavra velho em nossa cultura, e do uso figurado como chamamento (ô velho).

Para exemplificar o trabalho com a linguagem, que às vezes é mais interessante do que o enredo da narrativa (palavras da professora), a professora fala sobre seus hábitos de leitura, dos encantos da literatura infanto-juvenil. Ela está, no momento, lendo José Saramago. Inicia-se uma conversa sobre a leitura dos livros para o projeto com a Biblioteca. A professora vai perguntando aos alunos, aleatoriamente, como está a leitura do livro escolhido. Alguns reclamam, dizendo que seu livro não é bom. A professora os instiga para que construam argumentos para qualificar o livro. Um dos argumentos mais utilizados foi a falta de

aventuras, de “o livro prender desde as primeiras páginas”. Alguns alunos, principalmente aqueles que gostaram dos seus livros, contam as histórias que leram.

A professora recolhe os livros didáticos dos alunos que os trouxeram. Ela explica que não vai trabalhar com eles nessa aula, pois mudou o foco da aula em função do debate da aula anterior, sobre a acentuação e classificação das palavras. Elogiando a aula anterior, a professora chama a atenção dos alunos. Ela entrega uma folha com a sistematização das explicações sobre acentuação gráfica¹⁹. Duas alunas distribuem as folhas, duas de explicação e uma de exercícios, para serem corrigidos na próxima aula. Após todos receberem, os alunos fazem leitura em conjunto, cada aluno lendo um tópico. A professora faz pausar a leitura a cada ponto que deve ser explicado e aprofundando, instigando os alunos a responderem. Ela explica sobre as notas de rodapé e as diferenças entre estes e o glossário.

Ao falar novamente sobre as atividades para terça feira (próxima aula), os alunos começam a guardar os materiais, levantando-se das carteiras e fazendo barulho. Os alunos saem da sala junto com a professora.

2.7.12 Reflexão Crítica – Mariana

Conforme prevê o Guia de Estágio Supervisionado I e II, a observação da prática docente não serve para monitoramento do professor regente, seja com o fim de imitá-lo ou criticá-lo, nem para somente introduzir o estagiário no contexto de sala de aula, mas para dar instrumentos concretos que possibilitem ao estagiário analisar o ensino de língua materna de um modo particular, que o ajudará na sua prática docente, fazendo as ligações entre as suas experiências como aluno e como pesquisador.

Para iniciar a reflexão crítica que será apresentada como o resultado de todo o processo de observações, cito um trecho do documento Parâmetros Curriculares Nacionais, dizendo que “um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania” (PCN, 1998, p. 19).

Tendo em vista que a Escola Beatriz já é um espaço fértil em discussões a respeito da necessidade de que a linguagem seja vista como princípio unificador de todas as áreas e que a

¹⁹ Vide Anexo 7.5 – Materiais Utilizados em Sala

proficiência em leitura e escrita seja trabalhada por todos, como o principal compromisso da escola, podemos concluir que uma boa parte do caminho já está trilhada, como Irandé Antunes diz: “a escola não deve ter outra pretensão senão chegar aos usos sociais da língua, na forma em que ela acontece no dia-a-dia da vida das pessoas.” (ANTUNES, 2003, p. 108-109). Acrescentando ao panorama geral das reflexões pedagógicas da escola o fato de que as discussões começaram principalmente pelo empenho das áreas da coordenação pedagógica e da professora Ângela, e que no Planejamento²⁰ da professora, a disciplina de Língua Portuguesa contém na formulação dos objetivos e das estratégias a mesma orientação, então vemos que não é artificial o esforço de fazer as concepções assumidas transparecerem na prática docente.

A principal concepção, que norteia toda essa prática, conforme foi visto nas propostas do Projeto Político Pedagógico em construção, é a de gêneros do discurso. Coerentemente com essa concepção, vemos que as práticas de uso da linguagem trabalhadas pela professora Ângela não são isoladas das funções sociais da fala e da escrita e dos usos da linguagem dos quais os alunos deverão ser proficientes. O exemplo mais claro dessa abordagem é a atividade na qual a professora traz a prova de seleção do IFSC e a trabalha no sentido de instrumentalizar os alunos a poderem transitar por este gênero, conhecimento que será requisitado assim que os alunos saírem do Ensino Fundamental. Esse gênero, conforme vimos nas transcrições das observações, tem suas especificidades, sendo que uma delas é a necessidade de alguns conhecimentos prévios que devem ser sistematizados. Na minha compreensão, existe uma grande diferença entre um professor que aplica um prova como essa para preparar os alunos, mas que o faz valendo nota, ou corrigindo com certos e errados, e um que analisa as funções sociais e especificidades da prova enquanto gênero. Essa diferença, essencial, é o engajamento com as concepções de linguagem que a entendem como atividade discursiva socialmente inserida e como lugar de ações. Isso implica enfatizar que, se as concepções anteriormente destacadas são assumidas, nenhuma prática do ambiente de sala de aula deve estar fora dessas condições de produção, bem como em toda a escola, em todas as disciplinas, gradualmente.

Na implantação da proposta curricular da escola para todas as disciplinas (num primeiro momento, para as disciplinas de Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa),

²⁰ Planejamento de Língua Portuguesa 8ª série - Objetivos gerais de Língua Portuguesa: formar o aluno como leitor e produtor de textos e como um interlocutor mais seguro e mais consciente dos usos da língua e das características que constituem os gêneros – orais e escritos – mais comuns em circulação na sociedade. Valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar. (Vide anexo 7.4 Planejamento da professora)

fica ainda mais clara a especificidade que se manifesta com a compreensão dos gêneros do discurso: a possibilidade, sempre iminente e sempre consciente, de se poder tratar da linguagem como instrumento e como objeto de estudo, transformando-a em conteúdo conceitual e procedimental de todas as disciplinas. A proposta encaixa-se, então, perfeitamente naquilo que Geraldi (2010) dizia:

Será necessário misturar conhecimentos e saberes, ultrapassar os limites de disciplinas (...). Mas é preciso ultrapassar o sentido do senso comum. E aí está a função do professor, que sozinho não precisa dar conta dos sentidos todos de cada um dos elementos constituintes da resposta à pergunta formulada, mas é seu dever organizar com os alunos mais perguntas e buscar em colegas, em profissionais, nas fontes, na herança cultural, os esclarecimentos disponíveis: é aqui que a pesquisa começa, é aqui que o caminho começa a ser construído e ele somente passa a ter uma existência depois de percorrido, na narrativa que se escreve deste processo de produção. Enfim, trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis. (GERALDI, 2010, p. 97-98.)

Vale destacar que dentro dessa concepção, não há como desconsiderar a interdisciplinaridade. A trajetória da escola através dos diferentes projetos mostra que a idealidade de motivar “professores de todas as disciplinas envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita”²¹ nunca esteve tão próxima da realidade no que diz respeito ao engajamento dos professores.

Falar das concepções da escola e das concepções assumidas pela professora da turma 81 não pode, de maneira nenhuma, acontecer de forma separada. O crescimento alcançado pela escola na compreensão da aprendizagem de língua materna como central na aprendizagem de todas as outras áreas, inclusive a aprendizagem da autonomia do sujeito, embora não esteja acabado, andou lado a lado com o crescimento da experiência e do compromisso da professora.

Quanto à sua prática em sala de aula, podemos perceber que a professora Ângela planeja as aulas, diversifica as estratégias e os conteúdos linguísticos de leitura/escrita/fala e escuta de textos além de ter um ótimo relacionamento com os alunos. As estratégias mais utilizadas durante o período de observação são análises epilinguísticas e leituras dirigidas, trabalhando com deduções, inferências e diálogo constante com os alunos. Articulando sempre os conhecimentos prévios dos alunos, retomando e progredindo nas reflexões, a

²¹ Trecho extraído do texto fornecido pela escola “Breve histórico da trajetória pedagógica da escola e orientações para planejamento/2010” (Vide Anexo 7.3 Material de apoio dos cursos de formação).

professora parte do texto para entrar em sistematizações, como na primeira aula observada, em que o uso dos pronomes é relembado.

Para analisar o ambiente de sala de aula com profundidade, é necessário compreender que nem tudo que acontece, se dá certo ou errado, é responsabilidade somente do professor ou só do aluno. Os alunos da turma 81, principalmente pelo fato de estarem na adolescência e conviverem, talvez, em meios pouco letrados, acabam não compreendendo e valorizando pouco os esforços progressivos da professora Ângela, que além de dar instrumentos para que eles utilizem a língua com proficiência, ainda os estimula a sempre tentarem meios melhores de continuar os estudos, como passar nas provas de seleção como o IFSC e o Colégio Catarinense.

Sabemos que conseguir atingir o idealizado no contexto escolar é praticamente impossível, pelas contradições e mudanças que todos os dias temos de enfrentar. Mas, a partir das práticas que presenciamos nas observações, podemos pensar que mais importante do que chegar ao ideal, é viver em busca dele, repensando as atitudes, as concepções e os resultados todos os dias.

3 PROJETOS DE ATUAÇÃO

Em sequência aos registros de todas as informações obtidas a respeito do campo de atuação do estágio, seguem as propostas de trabalho para a docência e para o projeto de atuação extraclasse, propostas essas que foram desenvolvidas no período entre 02 de Setembro e 10 de Outubro de 2011.

3.1 PROJETO DE DOCÊNCIA: A PARTILHA DO *ERA UMA VEZ*: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA A AMPLIAÇÃO DAS CAPACIDADES LINGUÍSTICAS

3.1.1 Apresentação

Ao longo do mês de Agosto de 2011, as estagiárias Camila e Mariana acompanharam a turma 81 da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, cujas aulas eram ministradas pela professora Ângela Beirith. Durante todo este período, foi possível às estagiárias perceberem a realidade em que se encontra a comunidade à qual a escola assiste, bem como o perfil dos alunos da turma para que então pudesse ser construído o presente projeto didático.

Possivelmente, o maior objetivo do Estágio Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I22 é proporcionar aos acadêmicos a possibilidade de elaborar um projeto didático composto por 12 horas/aula, do qual tenham domínio e que tenha um referencial teórico baseado nas discussões feitas ao longo do curso de Letras-Português. Principalmente, o projeto didático deve ser pensando de acordo com a realidade agora já conhecida, devido às observações e vivências escolares da escola em questão.

Um projeto didático tem como principal função trabalhar em sala de aula com a língua em uso, numa perspectiva de ensino que não se restringe às normas ou à repetição, mas enfatizando o diálogo, a criticidade e produção de conhecimentos e o desenvolvimento do aluno como cidadão.

²² Disciplina do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN 7001).

Quando propomos trabalhar a literatura no ensino fundamental a partir de projetos didático-temáticos, pensamos levar a literatura e seu estudo como uma forma prazerosa de entrar em contato com a tradição literária em que os alunos estão inseridos²³, mostrando e construindo situações de interação tais como as que a literatura circula em sociedade, mas aproximando-os dela na escola.

A leitura, de acordo com o projeto da escola (Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas), deve ser sempre trabalhada como metacompetência, com a participação efetiva de todos os professores da escola, para que ela seja cada vez mais presente em todas as disciplinas, em todas as áreas do conhecimento.

Indo ao encontro do Projeto Político Pedagógico²⁴ (PPP) da escola – que se propõe a trabalhar com gêneros discursivos²⁵, atingindo todas as áreas e disciplinas da escola, não apenas a Língua Portuguesa, propomos o trabalho com as narrativas do gênero contos de fadas, em leitura, produção, análise e contação de histórias, tanto porque os textos desse gênero são bastante produtivos nos meios socioculturais em que os alunos circulam, como também porque tem a possibilidade de, facilmente, se tornar algo muito atraente para a maioria dos alunos adolescentes.

3.1.2 Escolha do tema

Conforme prevê a configuração do ensino por projetos didáticos, a observação do contexto no qual os alunos da turma 81 estão inseridos fez-nos pensar em suas necessidades que precisam ser atendidas com mais urgência, e procuramos elaborar um projeto que nos possibilitasse atingir todas elas, através de uma sequência simples e realizável dentro do curto período de tempo delimitado pelo currículo.

²³ Afinal, quem é que nunca ouviu um conto de fadas? Não são as narrativas populares carregadas de histórias desta natureza? Isto sem contar as experiências vividas pelos alunos da infância, quando os contos adaptados para filmes pela Disney (*Branca de Neve e os sete anões* ou *Cinderella*, por exemplo) eram exibidos na *Sessão da tarde* da Rede Globo.

²⁴ Conforme estudo realizado, apresentado no Relatório de Observação das autoras, a escola ainda não possui um documento oficial, chamado Projeto Político-Pedagógico, mas faz reflexões a respeito das práticas e concepções escolares e caminha em direção à produção do documento.

²⁵ A escola utiliza os seguintes critérios para a seleção dos gêneros: priorizar os gêneros de esfera pública; levar em conta o projeto da escola; fornecer o conhecimento dos gêneros que garantam certo sucesso escolar (necessários para a vida escolar e acadêmica); gêneros utilizados frequentemente em outras áreas e também os gêneros que sejam necessários para que o indivíduo exerça sua atividade como cidadão.

É claro que não há atividade que possa ser realizada em apenas seis encontros, com uma turma remanejada²⁶, que vá suprir todas as suas deficiências e necessidades apresentadas, porém as atividades foram planejadas dentro do PPP da escola, realizando todas as aulas em torno de uma sequência didática referente ao gênero conto de fadas, procurando suprir algumas das necessidades apresentadas.

Como dito anteriormente, a escolha do projeto de trabalho não deve ser descontextualizada, muito menos algo que exista somente dentro do contexto escolar, independente de qualquer circulação social. Tendo em vista todos esses fatores – o PPP da escola, as particularidades da turma, a faixa etária dos alunos e o contexto socioeconômico que envolve toda a escola –, decidimos trabalhar com a contação de histórias no Hospital Infantil Joana de Gusmão²⁷, pois o mesmo necessita de voluntários para trabalhar com as necessidades emocionais dos internados, fica próximo às instalações da escola, e recebe as comunidades do entorno da escola em caso de necessidade.

A contação de histórias – etapa a ser atingida, a repercussão do trabalho feito com a leitura, produção e análise de contos de fadas – é importante para o contexto escolar em que vamos nos inserir à medida que, além de destinar a prática de sala de aula – que em muitos lugares ainda é descontextualizada –, a um público real, efetivo, que necessita dessa interação e ainda possibilitará o crescimento dos alunos enquanto cidadãos, por demonstrar a eles o enfrentamento com a realidade hospitalar, que muitas vezes é desconhecida.

Os contos de fada podem ser sempre atuais. Isto porque, por pertencerem à tradição, estão sempre sendo relidos e atualizados. Várias novas versões surgem todos os dias, suas imagens fazem parte do imaginário coletivo, e as mensagens não cessam de ecoar em toda a literatura. Estando em contato com a leitura, produção, análise e contação dos contos de fada, trabalharemos os pontos mais problemáticos da escrita dos alunos, que puderam ser percebidos durante as observações. Ao criar um clima que misturará o lúdico e mágico dos contos de fada com os debates a respeito dos movimentos entre tradição e ruptura, instigados

²⁶ Como já mencionado no relatório de observação, a professora Ângela Beirith ainda não havia lecionado para esta turma, e já muitos alunos que nela foram inseridos “forçadamente”, através do projeto TOPAS, por exemplo. Há alguns alunos que foram remanejados da 5ª para a 8ª série, e, é claro, chegaram à turma apresentando bastante dificuldades, colocadas para nós, inclusive, pela própria professora.

²⁷ O trabalho com contação de histórias, em parceria com a área da Pedagogia Hospitalar do Hospital Infantil Joana de Gusmão, é incentivado como forma de motivar as crianças internadas, trazer conforto e lazer, distraíndo-as do ambiente que muitas vezes se mostra tão traumático. O trabalho da área da Pedagogia Hospitalar busca, com o apoio da Brinquedoteca, das Salas de Recreação e dos vários eventos que acontecem durante o ano, tornar o ambiente hospitalar mais acolhedor e receptivo.

pelo compromisso com a contação em um ambiente hospitalar, poderemos agregar saberes bastante relevantes à formação dos estudantes.

Dentro das prioridades do trabalho com gêneros do discurso, de acordo com o PPP da escola, que dão primazia aos gêneros com maior relevância pública, em detrimento dos gêneros mais especializados, a leitura, produção e contação de histórias se encaixariam em todos os níveis, pois os contos de fada:

- fazem parte da esfera pública dos usos da linguagem;
- são relevantes quanto ao projeto da escola, tendo em vista o indivíduo que pretende formar – leitor proficiente, que possua autonomia, criticidade e cidadania;
- são necessários à vida escolar e acadêmica, pois fazem parte da formação cultural;
- contém elementos específicos da área de análise de textos e da crítica literária;
- são necessários para o exercício de cidadania, na medida em que incidem sobre o contexto hospitalar, familiar e escolar.

3.1.3 Ensino de Língua Portuguesa: algumas vozes

Há muito tempo, a educação no Brasil vem travando batalhas. Várias delas são contra a falta de investimentos, de infraestrutura, de condições mínimas para um ensino de qualidade. Muitas outras batalhas são travadas para superar os desafios colocados por séculos de cultura escolar baseada em interpretações errôneas de teorias pouco adequadas à realidade brasileira.

No decorrer de tantos enfrentamentos, as teorias já passaram por diversas fases, que contemplaram desde os métodos mais centralizadores, que desconsideravam as particularidades da situação socioeconômica brasileira, até métodos que se baseavam no espontaneísmo, contribuindo para a diluição da cultura escolar como um todo. Conforme muito bem analisado por Demerval Saviani (1986), a curvatura da vara é onde se pretende chegar, o ponto de equilíbrio exato entre o que se deve e o que se pode ser.

Muitas discussões depois, após várias tentativas de compreender estratégias para melhorar o ensino, após poucos resultados relevantes, iniciou-se um debate a partir das ideias

de um ensino que buscasse sanar os problemas deixados pelas técnicas anteriores. Articulando a valorização dos conhecimentos dos alunos, das respostas produzidas por eles, a compreensão da linguagem como instrumento público de interação, com um intenso trabalho de transformar o ensino da linguagem no centro das atividades escolares, as correntes sociointeracionistas têm conseguido mobilizar muitos profissionais que se dispõem a trabalhar em sala de aula revolucionando as práticas educativas. Para ilustrar o êxito dessa corrente como teoria, podemos citar o fato de ser a concepção dominante nos documentos que regem a educação no Brasil, desde as instâncias nacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, chegando às Propostas Curriculares de municípios como Florianópolis e Biguaçu.

O documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais pretende, em sua constituição, servir de referencial unificador a partir do qual serão elaborados os currículos, garantindo uma reformulação das concepções de ensino em coerência com a proposta nacional de desenvolvimento da educação. Nesse sentido, o documento não pretende ser um modelo curricular exclusivo, mas os parâmetros (efetivamente) a serem considerados na elaboração dos currículos segundo as especificidades de cada localidade, sem perder de vista o âmbito das pluralidades, dos universais e da proposta de progressão da qualidade do ensino. Portanto, são essas as concepções que norteiam, principalmente, o desenvolvimento do presente trabalho.

As concepções que, tanto a Escola Beatriz segue e promove em suas formações, quanto a professora da turma 81 segue, estão em concordância com os documentos oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Proposta Estadual e Proposta Municipal. Os documentos citados são quase unânimes quanto às concepções adotadas para definir as tarefas da educação, do ensino de língua e da formação como cidadão. Ultrapassando ainda o domínio dos documentos oficiais, a proposta central da Escola Beatriz se baseia no domínio da linguagem escrita como procedimento unificador de todas as áreas, e como tal, deve ser trabalhado em todas as disciplinas. Isso se concretiza, conforme se pode verificar nas formações continuadas²⁸, desde as estratégias de leitura mobilizadas em cada disciplina, quanto nos planejamentos das disciplinas, que acontecem de forma conjunta, interdisciplinar, mobilizando leituras, contextos e procedimentos.

²⁸ As formações continuadas acontecem na Escola Beatriz desde 2004 com a palestrante Terezinha Bertin, que encaminha discussões sobre gêneros do discurso, sequências didáticas, políticas de currículo, avaliação, entre outros. (Vide anexo 7.3 Material de apoio dos cursos de formação)

Para sistematizar o pensamento das autoras sobre a organização e realização de um projeto didático, é importante ter bem claras as bases teóricas que subjazem à prática pedagógica. Para tanto, as concepções de linguagem, objeto de ensino, unidade de ensino, de conteúdo, de metodologia e de avaliação são relevantes para garantir a unidade e a validade do projeto.

Neste sentido, a prática escolar proposta baseia-se em conceitos fundamentados nas concepções de linguagem que se pretende como meio de interação social que, por meio dos gêneros do discurso estabelecem as relações construídas entre os seres em sociedade. Assim, as concepções relacionadas ao ensino não poderiam adotar a linguagem como estaque ou como forma única de exteriorizar o que é intrassubjetivo, mas efetuando-se a partir de práticas historicamente situadas, modificando a relação entre os sujeitos. Por isso, a variação linguística está atrelada a essa concepção, por compreender que a linguagem, ao servir de mediadora das relações sociais que são estabelecidas, molda-se às situações de interação, e as teorias do texto como discurso, que veem na expressão do texto as marcas da interação estabelecida.

Para os PCN, ensinar a língua é

planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino. (PCN, 1998, p. 22)

Para que este ensino de língua proposto pelos PCN se realize, lembramos que também Geraldi, em *Portos de Passagem* (2002), faz colocações a respeito do ensino da Língua Portuguesa voltado às práticas escolares de produção textual e leitura (também foco deste projeto) de textos na sala de aula.

Ao longo do terceiro capítulo da obra em questão, o autor ocupa-se de criticar a sistematização que ele sugere ocorrer no ensino da língua portuguesa, iniciando sua discussão com uma queixa à frequente confusão que existe entre o estudo da gramática e o estudo da língua portuguesa – proveniente, talvez, da recente democratização do ensino; ocorre uma tentativa de “didaticamente, tentar ordenar e disciplinar esta aprendizagem” (GERALDI, 2002, p. 117). É cruel pensar que tal confusão exista tendo em vista que o que é necessário desde sempre não é a memorização da gramática do português brasileiro por parte do

indivíduo, e sim a apreensão do funcionamento da língua portuguesa, pois só esta tem a capacidade de incorporar no indivíduo outros códigos sociais que o fará circular em diferentes esferas de atividade social, exercendo assim a linguagem. O necessário, segundo Geraldi (2002, p. 122-123), seria que o ensino da língua deixasse “de ser de reconhecimento e reprodução passando a um ensino de conhecimento e produção, em que o exercício sistemático só lhe conferiria maiores condições de formar sua identidade, cambiante que fosse”.

Decorrente da forte argumentação a respeito de como deveria ser o ensino da língua portuguesa, o autor suscita uma interessante reflexão – argumentando em favor de suas hipóteses – que se apoia na historicidade: desde sempre (isto é, desde a época em que era lecionada a língua latina) é esquecido (ou ignorado) o fato de que a língua estudada na instituição escolar é também a língua utilizada diariamente pelos indivíduos que a estudam; e o fato decorrente deste é que os indivíduos falantes são vistos como meros executores da língua – já considerada pronta –, apenas apropriando-se da mesma.

O movimento que existe entre leitura e produção textual é um constante ir e vir; o texto produzido jamais se consolida na primeira versão e ele só pode ser produzido após se trabalhar intensamente com o gênero a ser abordado; uma vez que a produção textual é tida como uma prática que circulará socialmente, enquanto a redação é uma prática que só ocorre em sala de aula.

Geraldi defende o ensino da língua portuguesa através da produção textual, de uma maneira que venha a provocar reflexão nos indivíduos, pois é impossível, para qualquer indivíduo estudar e ler aulas e conteúdos mais criticamente, ou ensinar a língua portuguesa sem que isto ocorra através de seu uso. A maneira sugerida pelo autor ao longo do texto para que produção textual ocorra, é que ela gire sempre em torno do cotidiano dos alunos, pois nenhum outro tema sugeriria mais independência no desejo de produção, atendendo aos quatro pontos necessários à produção textual²⁹ sugeridos por Geraldi. É indispensável o

²⁹ Para a realização da produção textual em sala de aula, é necessário que: *a) se tenha o que dizer*: é necessário que o aluno seja considerado um sujeito que tenha algo a dizer, é o movimento existente entre vivências individuais que podem vir a ser partilhadas com outros colegas e professores, que tenham tido as mesmas vivências; *b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer*: o indivíduo deve ser estimulado ao trabalho a executar, e normalmente este estímulo só ocorre se for interno, pessoal – de outro modo seria apenas mais uma tarefa a ser cumprida no âmbito escolar; *c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer*: sugerir ao aluno uma atividade que se destine a interlocutores reais, como no exemplo citado por Geraldi, a recuperação da história da família, por exemplo – o professor nunca é o interlocutor único do texto; *d) se escolham estratégias para realizar (a), (b) e (c)*: relatos orais ocorridos em sala de aula antes da própria produção são oportunidades de discussão, ou seja, possibilitam uma escolha de estratégias através das quais se pode encontrar o que dizer, por que dizer e a quem dizer. (GERALDI, 2002)

envolvimento do educador com o educando, principalmente levando em conta que, para o autor, o ensino da língua ocorre de maneira primeira quando existe um exercício de oralidade.

Ao aprender a língua, aprende-se ao mesmo tempo outras coisas através dela: constrói-se uma imagem da realidade exterior e da própria realidade interior. Este é um processo social, pois como vimos, é no sistema de referência que as expressões se tornam significativas. Ignorá-las no ensino, ou deixar de ampliá-las no ensino, é reduzir não só o ensino a um formalismo inócuo. É também reduzir a linguagem, destruindo sua característica fundamental: ser simbólica. (GERALDI, 2002, p. 179)

Esta maneira de produção deixa de lado a sistematização do ensino (não só da Língua Portuguesa), fazendo com que o falante não se relacione com a língua apenas como objeto de estudo, mas também se apossa e envolva-se com ela como instrumento de expressão utilizado cotidianamente.

3.1.4 **Objetivos**

Seguem abaixo os objetivos gerais estabelecidos pelas estagiárias para a realização do projeto “A partilha do era uma vez: contação de histórias como estratégia para a ampliação das capacidades linguísticas”, divididos entre conceituais, procedimentais e atitudinais.

3.1.4.1 Conceituais

- Compreender as narrativas de contos de fada nas relações sociais que se estabelecem através da História;
- Identificar/reconhecer as características (discursivas, temáticas, textuais, linguísticas) que configuram esse gênero na esfera da literatura, com base na leitura de vários textos desse gênero;

3.1.4.2 Procedimentais

- Desenvolver as competências de fala/escuta, leitura/escrita e reflexão sobre estratégias discursivas e linguísticas por meio de atividades que contemplem todos esses aspectos/níveis;
- Ampliar, por meio do trabalho com as narrativas de contos de fada, as habilidades de leitura, além do gosto pela literatura;

3.1.4.3 Atitudinais

- Sensibilizar para o trabalho voluntário, como crescimento pessoal e forma de cidadania;
- Valorizar a contação de histórias por ser um meio de interação com o outro a partir da literatura, entre o oral e o escrito.

3.1.5 Metodologia

De acordo com as concepções assumidas, as aulas de língua portuguesa devem se basear no estudo dos “tipos relativamente estáveis de enunciado”, os gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279). Para tanto, as aulas devem acontecer na sequência da leitura, produção e análise de textos, possibilitando ao aluno o desenvolvimento das habilidades para transitar socialmente pelas esferas públicas e privadas da linguagem. As estratégias que usaremos durante aulas a serem ministradas entre os dias 11 e 28 de outubro de 2011 para atingir os objetivos definidos anteriormente estão elencadas abaixo, e podem ser verificadas no contexto dos Planos de Aula (ANEXO).

- Aulas expositivo-dialogadas;
- Debates, discussões;
- Leituras Dirigidas;
- Leitura Dramatizada;
- Leitura Comparada;
- Exposição de Filme e pequenos vídeos;
- Produção textual;

- Análise linguística individual e coletiva;
- Oralização dos textos produzidos;
- Minicurso de contação de histórias.

3.1.6 Recursos

Os recursos necessários para por em prática o projeto de docência são os seguintes:

3.1.6.1 Recursos materiais

- Data Show;
- Computador;
- DVD Irmãos Grimm;
- Vídeo sobre a visita do Time do Avaí ao Hospital Infantil Joana de Gusmão;
- Fotocópias de textos e roteiros;
- Fotografias do Hospital Infantil Joana de Gusmão, conseguidas através do acervo da estagiária Mariana e do blog do hospital.

3.1.6.2 Recursos bibliográficos

- Gramáticas;
- Dicionários;
- Livros de histórias;

3.1.7 Avaliação

A avaliação constitui uma parte importante do processo de ensino-aprendizagem, pois serve tanto para testar a apropriação dos alunos em relação aos conteúdos ensinados quanto para avaliar a própria prática docente. Neste sentido, a avaliação é uma forma de acompanhar o que já foi alcançado e o caminho que ainda falta percorrer em ambos os lados.

Tendo em vista esta concepção de avaliação, procuramos executar a avaliação dos alunos participantes deste projeto de maneira a ela se dar constantemente durante todas as 12 horas/aula.

Os alunos serão avaliados diariamente quanto à sua participação e assiduidade na disciplina, bem como a disposição apresentada para realizar as atividades previstas durante o projeto e o interesse. Desta maneira, a primeira “parte” da nota será proveniente da participação dos alunos, ou seja, eles terão uma nota qualitativa “X”.

A segunda parte da nota advém da primeira versão escrita que cada trio apresentará do conto de fadas que deverá ser contado às crianças internadas no Hospital Infantil Joana de Gusmão, que será posteriormente substituída pela nota da refacção do conto, prevista para a quarta aula do projeto. Ou seja, a nota “Y” será substituída pela nota “Z”, no caso de a nota “Z” ser a mais alta, depois de os alunos levarem em consideração as observações feitas pelas estagiárias para a refacção da produção. Se a nota da refacção for inferior, prevalece a nota superior.

A nota final prevista para o projeto, e que deverá constar no boletim bimestral dos alunos da turma 81 da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, resultará da média aritmética feita entre as notas “X” e “Z” (ou “Y”, dependendo do desempenho do aluno).

3.1.8 Planos de aula

3.1.8.1 Aula 1

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Mariana

Data: 11/10/11

Horário: 10h15min às 11h45min (duas aulas de 45 min)

Local: Auditório

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Ampliar as habilidades de ler, escrever, escutar e falar;
- Conhecer o Projeto de Docência apresentado pelas estagiárias;
- Compreender a realidade dos pacientes internados no Hospital Infantil Joana de Gusmão;
- Conhecer a variedade de textos que podem ser usados no contexto da contação de histórias.

CONTEÚDO:

- Gênero contos de fadas.
- Contação de histórias.

METODOLOGIA:

- 1) Condução dos alunos ao auditório, chamada.
- 2) Apresentação do Projeto de Docência aos alunos – que consiste em ler e escrever contos de fadas a serem apresentados às crianças internadas no Hospital Infantil Joana de Gusmão;
- 3) Apresentação da realidade das crianças que estão internadas no hospital (causas de internação, idade, tempo de internação, rotina do hospital);

- 4) Discussão da importância da contação de histórias na comunidade hospitalar, com apresentação de vídeo dos jogadores do Avaí visitando a Ala da Oncologia do Hospital;
- 5) Exposição de diversos livros de Contos de Fadas nas suas versões originais, versões clássicas e nas novas versões, como as várias variantes de Chapeuzinho Vermelho e de Cinderela, circulando os livros pela sala e falando sobre eles;
- 6) Provocar debate com os alunos a respeito dos contos de fadas conhecidos por eles e do público alvo das histórias em cada uma das versões;
- 7) Leitura dramatizada da história “A verdadeira história dos três porquinhos”, de Jon Scieszka, para exemplificar a performance a ser produzida ao final do estágio.

RECURSOS:

- Data show e computador para apresentação das imagens e do vídeo;
- Fotos das crianças internadas a serem projetadas para os alunos visualizarem os problemas;
- Vídeo de jogadores de futebol (Avaí) visitando a ala de Oncologia do hospital³⁰;
- Livros para contação de histórias de vários autores, formatos e tamanhos, ilustrados e com recursos (fantoche, livros maleáveis, etc.), para mostrar as versões e circular pela sala.
- Livros dos contos contemporâneos e antigos, nas versões originais e adaptadas.
- Fotocópias dos textos a serem trabalhados e manipulados.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSEN, Hans Christian. Histórias Maravilhosas de Andersen. Compilado por Russel Ash e Bernard Higton. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

GRIMM, Jacob. Contos dos Irmãos Grimm. Org. Clarissa Pinkola Estés. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

³⁰ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/videos/globo-esporte/v/jogadores-do-avai-visitam-o-hospital-infantil-de-florianopolis/1631453/>

PROPP, Vladimir. Morfologia do Conto Maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SCIESZKA, Jon. A verdadeira história dos três porquinhos. Ilustrado por Lane Smith. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Entrada dos alunos e chamada	10'
Apresentação do projeto	5'
Apresentação hospital	15'
Vídeo e discussão	20'
Apresentação dos Livros	15'
Leitura dramatizada	20'
Finalização	5'
TOTAL	2h/aula (90')

3.1.8.2 Aula 2

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Camila

Data: 14/10/11

Horário: 08h30min às 10h00min (duas aulas de 45 min)

Local: Auditório

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Trabalhar a habilidade de interpretação e de imaginação, escuta e fala;
- Compreender o contexto de produção do gênero conto de fadas;
- Valorizar o papel social que o gênero conto de fadas exerceu e ainda exerce sobre a comunidade;
- Identificar a função das adaptações dos contos de fada nos momentos históricos;

CONTEÚDO:

- Contos de fadas.

METODOLOGIA:

- 1) Apresentação da aula, chamada e deslocamento dos alunos até o auditório;
- 2) Exibição de trechos do filme *Os Irmãos Grimm*³¹, situando o contexto de nascimento e o papel social dos contos de fadas. Os alunos serão orientados a escrever no caderno todos os contos de fada que encontrarem implícitos no filme.
- 3) Exposição de imagens de propagandas que reutilizam as imagens das princesas de contos de fadas;

³¹ Wilhelm (Matt Damon) e Jacob (Heath Ledger) são dois irmãos famosos pelos seus contos de fada, recheados de personagens mágicos. Eles percorrem a Europa comandada por Napoleão Bonaparte enfrentando monstros e demônios falsos em troca de dinheiro rápido. Porém, quando as autoridades francesas descobrem o plano deles, os coloca para enfrentar uma maldição real em uma floresta encantada, na qual jovens donzelas desaparecem misteriosamente. (<http://www.adorocinema.com/filmes/irmaos-grimm/>)

- 4) Discussão sobre o tema, a partir do filme e da exposição das imagens, fazendo os alunos perceberem as diversas adaptações que acontecem ao longo da história, de como o tema é recorrente (como nas propagandas, no imaginário coletivo, etc.);
- 5) Leitura comparada de duas versões do conto de fadas João e Maria, a versão adaptada e a versão dos Irmãos Grimm (os textos serão distribuídos em fotocópias aos alunos e a leitura será dividida entre eles segundo os diálogos – um faz o narrador, outro o personagem principal, etc.);
- 6) Debater e identificar com os alunos as funções exercidas pelos contos de fadas e sobre quem eram os seus interlocutores na função original (de histórias da oralidade recolhidas e passadas para a escrita), escrevendo no quadro as que forem sendo destacadas.

RECURSOS:

- Data Show e computador para a exibição dos trechos do filme Os irmãos Grimm e para as fotografias.
- DVD locado Os irmãos Grimm (2005).
- Imagens das propagandas de O boticário.
- Fotocópias das duas versões dos contos de João e Maria.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula.

BIBLIOGRAFIA:

The brothers Grimm (Os irmãos Grimm) – 2005 (EUA). Direção: Terry Gilliam/Aventura/118 min

ANDERSEN, Hans Christian. Histórias Maravilhosas de Andersen. Compilado por Russel Ash e Bernard Higon. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

GRIMM, Jacob. Contos dos Irmãos Grimm. Org. Clarissa Pinkola Estés. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PROPP, Vladimir. Morfologia do Conto Maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

João em Maria. Flávia Feijó. Disponível em <http://feijo.com/~flavia/joaomaria.html>

Imagens das propagandas d'O Boticário. Disponíveis em:
http://encantamentosdaliteratura.blogspot.com/2010/08/propagandas-e-os-contos-de-fadas-parte_16.html

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Entrada dos alunos e chamada	5'
Trechos do filme	20'
Discussão sobre o filme, comentários	20'
Leitura 1 – História adaptada	15'
Leitura 2 – História original	15'
Discussão	10'
Fechamento	5'
TOTAL	2h/aula (90')

3.1.8.3 Aula 3

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Mariana

Data: 18/10/11

Horário: 10h15min às 11h45min (duas aulas de 45 min)

Local: Sala de Aula

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Refletir a respeito das características do gênero conto de fadas a partir da leitura dirigida;
- Compreender as especificidades do contexto de produção dos textos, tanto nas versões originais, quanto nas adaptações;
- Identificar e compreender os elementos que configuram o gênero: a construção do espaço/tempo desse tipo de narrativa, a construção dos cenários, personagens, público alvo, conteúdo temático; construção composicional e estilo.
- Aprofundar as compreensões da estrutura do gênero conto de fadas.

CONTEÚDO:

- Contos de fadas.

METODOLOGIA:

- 1) Entrada dos alunos, chamada.
- 2) Apresentação do conto de fadas A Gata Borracheira, contextualizando historicamente;
- 3) Leitura dirigida do conto, dialogando com as leituras das aulas anteriores;
- 4) A partir da leitura de um trecho do site humorístico Desciclopedia, identificar com os alunos, a partir desse diálogo, os elementos que configuram o gênero, como estilo, a construção do espaço/tempo desse tipo de narrativa, a construção dos cenários, conteúdo temático, público alvo, diferenciação entre fábula e conto (caso isto venha à tona durante a aula);

- 5) Entrega de material escrito pela estagiária, sistematizando as características específicas dos contos de fadas;
- 6) Apresentação do conto de fadas O valente soldado de chumbo e leitura conjunta com os alunos (um aluno faz a leitura, ou dividem por parágrafos entre os alunos);
- 7) Exercício de leitura no qual os alunos deverão refletir e identificar, individualmente e por escrito, as características do gênero em questão, de acordo com o roteiro (que será entregue em fotocópia aos alunos)
- 8) Socialização das reflexões produzidas em debate, tendo por base o roteiro.
- 9) Escrever no quadro o seguinte lembrete para os alunos: “Não esquecer de trazer para a próxima aula o roteiro trabalhado hoje!”

RECURSOS:

- Fotocópias do conto A Gata Borracheira;
- Fotocópia do recorte da Desciclopedia;
- Fotocópia do O Valente Soldado de Chumbo;
- Material produzido para sistematização;
- Roteiros para exercício.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula.

BIBLIOGRAFIA:

ANDERSEN, Hans Christian. Histórias Maravilhosas de Andersen. Compilado por Russel Ash e Bernard Highton. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

GRIMM, Jacob. Contos dos Irmãos Grimm. Org. Clarissa Pinkola Estés. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

PROPP, Vladimir. Morfologia do Conto Maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Entrada dos alunos e chamada	5'
Apresentação e leitura 1	15'
Entrada no gênero, entrega do material	30'
Apresentação do conto e leitura 2	15'
Exercício dirigido / Socialização	25'
TOTAL	2h/aula (90')

3.1.8.4 Aula 4

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Camila

Data: 21/10/11

Horário: 08h30min às 10h00min (duas aulas de 45 min)

Local: Sala de Aula

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver as habilidades de fala/escuta, leitura / escrita e análise linguística;
- Produzir textos do gênero contos de fada em sala de aula, por criação ou adaptação de um conto preexistente;
- Mobilizar as compreensões da estrutura do gênero conto de fadas apreendidas nas aulas anteriores na produção do texto.

CONTEÚDO:

- Contos de fadas.

METODOLOGIA:

- 1) Entrada dos alunos, chamada;
- 2) Apresentação da atividade de produção textual a ser realizada. Os alunos deverão, em grupos de três alunos segundo suas afinidades, produzir um texto, em sala, do gênero conto de fadas, que será trabalhado para ser contado às crianças do Hospital Infantil Joana de Gusmão, tendo em vista as características que delimitam o gênero, como o público a que se destina, a estrutura composicional de tempo, espaço, personagens, estilo de linguagem, entre outros. Resgatar o roteiro trabalhado na aula anterior;
- 3) Seleção dos trios que realizarão a atividade de produção textual, entrega dos nomes dos grupos para a estagiária;
- 4) Realização da atividade de produção textual, com apoio e orientações da estagiária juntos aos grupos;
- 5) Recolher os textos produzidos.

RECURSOS:

- Fotocópia do roteiro para produção dos contos de fadas.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula e a evolução do processo de produção.
- As produções serão corrigidas de acordo com os critérios da adequação ao gênero proposto, a coesão e a coerência e a adequação à norma padrão, porém sem avaliação em nota, pois a correção se destina a auxiliar a refacção.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Entrada dos alunos, chamada	5'
Apresentação	15'
Seleção dos grupos e entrega dos nomes	5'
Produção	60'
Fechamento	5'
TOTAL	2h/aula (90')

3.1.8.5 Aula 5

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Mariana

Data: 25/10/11

Horário: 10h15min às 11h45min (duas aulas de 45 min)

Local: Auditório

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver as habilidades de fala/escuta, leitura/escritura e análise linguística;
- Refletir e aprofundar as compreensões da estrutura do gênero conto de fadas;
- Analisar um dos contos produzidos pelos alunos em relação à adequação ao gênero e às estruturas linguísticas;
- Realizar a refacção das produções analisadas.

CONTEÚDO:

- Contos de fadas.
- Análise linguística.

METODOLOGIA:

- 1) Apresentação da aula, chamada e deslocamento dos alunos até o auditório;
- 2) Devolução das produções realizadas pelos alunos, já avaliadas e com sugestões para a reescrita;
- 3) Análise em conjunto de um dos contos produzidos pelos alunos, ou de trechos representativos dos problemas mais significativos a serem trabalhados. Os textos podem ser entregues aos alunos em fotocópias e trabalhados com o auxílio do data show e notebook e de gramáticas e dicionários para a consulta;
- 4) Refacção dos contos em grupos, com apoio e auxílio da estagiária junto aos grupos.
- 5) Recolha dos contos reescritos.

RECURSOS:

- Retroprojektor para exibir imagens de contos de fadas e também do Hospital Infantil Joana de Gusmão para que os alunos sejam instigados à produção;
- Computador e data show para a análise linguística;
- Fotocópia do texto a ser analisado;
- Gramáticas e dicionários para consulta.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula e a evolução do processo de produção.
- As produções serão corrigidas e avaliadas de acordo com os seguintes critérios: adequação ao gênero proposto, a coesão e a coerência e a adequação à norma padrão.

BIBLIOGRAFIA:

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JUNIOR, José Hamilton. Gramática Nova. 15ª São Paulo: Ática, 2010. 448 p.
Dicionários.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Entrada dos alunos e chamada	5'
Devolução dos textos	5'
Análise linguística	20'
Refacção	55'
Fechamento	5'
TOTAL	2h/aula (90')

3.1.8.6 Aula 6

EBM Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Professora: Ângela Beirith

Estagiária: Camila

Data: 28/10/11

Horário: 08h30min às 10h00min (duas aulas de 45 min)

Local: Auditório

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver as habilidades de fala, escuta, leitura e interpretação;
- Refletir e aprofundar as compreensões da estrutura do gênero conto de fadas;
- Compreender a realidade dos pacientes internados no Hospital Infantil Joana de Gusmão.
- Prever a importância que os textos no gênero a serem produzidos exercerão sobre a comunidade;
- Contar histórias dramaticamente, adaptando-as para o contexto da oralização;

CONTEÚDO:

- Contos de fadas.
- Contação de histórias.

METODOLOGIA:

- 1) Apresentação da aula, chamada e deslocamento dos alunos até o auditório;
- 2) Orientações para as apresentações orais dos contos produzidos, como técnicas de contação de histórias;
- 3) Motivação dos alunos em relação aos benefícios da intervenção junto às crianças hospitalizadas;
- 4) Ensaios orientados pela estagiária, com apoio a cada grupo;
- 5) Fechamento e programação para a ida ao hospital.

RECURSOS:

- Desenhos, imagens, fantoches, objetos criativos; tinta para o rosto.

AVALIAÇÃO:

- Forma contínua durante todo o processo, levando em consideração a evolução/participação durante a aula e a evolução do processo de ensaios e, anteriormente, de produção.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação, chamada e deslocamento	10'
Orientações	20'
Ensaios	50'
Fechamento	10'
TOTAL	2h/aula (90')

3.2 PROJETO EXTRACLASSE: JORNAL DA E. B. M. BEATRIZ DE SOUZA BRITO

3.2.1 Apresentação

Formar leitores hábeis em interpretar diferentes gêneros textuais que circulam nas mais variadas atividades humanas é uma das funções da escola. Para isso, é importante que o currículo escolar reflita o cotidiano da população que atende. Um dos recursos é a elaboração de um jornal, pelo qual os alunos podem aprender a língua de forma prazerosa, uma vez que suas produções textuais exigirão que tragam para dentro do ambiente escolar situações vivenciadas por essa comunidade e que serão valorizadas pela escola, familiares e outras instâncias sociais.

O jornal escolar é um recurso pedagógico que proporciona ao educando superar, de forma criativa, possíveis dificuldades que possua na leitura e na escrita, bem como, pela interação com outros colegas, aprendam a trabalhar em equipe, conhecer outras culturas, outras formas de expressão e a argumentar apropriadamente expressando suas ideias e tornando-se um leitor crítico. A produção de um jornal impulsiona o saber de todos os membros da escola, possibilitando que a instituição seja uma unidade de referência para toda a rede de ensino.

A implantação de um jornal escolar não é novidade nas redes de ensino no país, principalmente na rede municipal de Florianópolis. Visto ser uma proposta dinâmica que desafia as crianças e atrai a atenção do corpo docente, bem como importante para que os estagiários de língua portuguesa vivenciem as práticas pedagógicas fora da sala de aula, julgou-se interessante desenvolver o presente projeto na Escola Básica Beatriz de Souza Brito com os alunos do contraturno, das séries finais do ensino fundamental, e assim elaborar um jornal com as características e anseios dessa comunidade.

3.2.2 Justificativa

A escolha do jornal como foco do projeto extraclasse pode ser vista na forma como esse veículo contempla diversos gêneros que circulam socialmente. Tendo em mente o trabalho a ser desenvolvido com alunos de ensino fundamental, podemos pensar nesse trabalho com o jornal como forma de estímulo aos novos leitores, os quais, com acesso ao jornal, nas práticas a serem trabalhadas, poderão interpretar a realidade social, a consciência cidadã e refletir criticamente sobre o conteúdo dos gêneros presentes nesse veículo. Também podemos ver a efetivação dessa proposta na formação de um estudante-leitor, e, o jornal como porta de entrada a outras leituras. Lembrando que o trabalho com o jornal pode ser visto como ferramenta de desenvolvimento e aplicação dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser.

No jornal, o aluno poderá desenvolver criticamente suas opiniões, de forma clara e concisa, transitando pelos diferentes gêneros textuais, também como espaço cultural, tendo consciência do papel do jornal e do jornalista, e da influência social.

3.2.3 Referencial Teórico

Um dos indicadores mais evidentes do desenvolvimento da aprendizagem escolar como se conhece é o domínio da leitura e da escrita. Desde o início da história da formação intelectual, saber ler e escrever atribui ao sabedor um *status* que significa, entre muitas coisas, ter condições de transcender imposições, classes sociais e dominações através do conhecimento e da comunicação. Pode-se até dizer que a erudição foi, durante muito tempo, embasada nesses dois pilares. A leitura e a escrita são tão importantes, desde os tempos imemoriais porque, apesar de estarem sempre marcadas por traços do seu emissor, do receptor e das condições de produção, conseguem se distanciar em tempo e espaço desses fatores.

É por isso que, ao propor o presente Projeto de Atividades Extraclasse, focamos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, por crer que, conforme as concepções assumidas, são esses os passos a serem dados rumo a uma educação que corrija os problemas

enfrentados na educação, que culminaram em deficiências na aprendizagem de leitura e escrita por parte dos alunos.

O Projeto Político-Pedagógico da escola³², em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), compromete-se com a perspectiva de domínio da linguagem como objetivo do ensino escolar. Afinal, é na e pela linguagem que se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais e representações da realidade e da sociedade. Nesse sentido, é por meio da aprendizagem da língua(gem), como atividade discursiva e cognitiva, que o indivíduo terá condições e possibilidade de plena participação social.

3.2.3.1 A linguagem como objeto de ensino e suas implicações

De acordo com Bakhtin (2003), enunciados são as formas orais e escritas pelas quais se emprega a língua. São formas concretas e únicas e refletem as condições e finalidades de cada “campo de uso” pelo tema, estilo e pela construção composicional.

O enunciado é a unidade real e verdadeira, da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir devido aos enunciados (RODRIGUES, 2005). Segundo Bakhtin, toda a enunciação é um ato de linguagem, definindo-se por três características:

- A alternância entre os sujeitos que realizam o discurso;
- A expressividade – uma vez que não existe enunciado neutro;
- A conclusividade – que representa a manifestação da alternância dos sujeitos discursivos vista do interior do enunciado (RODRIGUES, 2005, p. 161).

A concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin – que a trata como sociointeracionista – significa que a linguagem só existe em função do uso que o tu/eu (interlocutor/locutor) fazem do enunciado. Ou seja, o emprego da linguagem passa necessariamente pelo sujeito (que se constitui na alteridade, medindo as relações com o outro pela linguagem), constituindo-se como social. O sujeito se apoiará em algum enunciado já

³² Documento em construção.

realizado pelo outro para formular falas e redigir textos – tendo em vista que o texto é o texto enunciado, que começa a partir do outro e finaliza a partir da contrapalavra.

[...] o enunciado representa um elemento inalienável e singular, pois é uma nova unidade da comunicação discursiva contínua, contribuindo para a sua existência e mudança. Mas, é também como elemento inalienável que o enunciado representa apenas uma fração, um elo, na cadeia complexa e contínua da comunicação discursiva. Nascido na inter-relação discursiva, ele não pode ser nem o primeiro, nem o último, pois já é resposta a outros enunciados, ou seja, surge como sua réplica. (RODRIGUES, 2005, p. 159)

A linguagem não é adâmica, mas uma cadeia de acontecimentos, infinita. Uma cadeia de enunciados que não possui início e nem final exatos.

Pode-se considerar que o objetivo do ensino é, além do desenvolvimento da cidadania e da ação crítica e reflexiva, “a aprendizagem do conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem”(Parâmetros Curriculares Nacionais³³, 1998, p. 22). O projeto da escola, nessa perspectiva, propõe um ensino voltado para as atividades discursivas e as suas condições de produção. Em outras palavras, o processo de ensino/aprendizagem está centrado nas realizações discursivas que, quando produzidas, manifestam-se por meio de textos. O texto, assim, assume a posição de unidade básica de ensino.

Os textos são resultantes da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, por isso, o ensino de língua deve focar nos quatro eixos que norteiam as atividades comunicativas: escuta de textos orais, produção de textos orais, leitura de textos escritos e produção de textos escritos. Cabe acrescentar que “o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos” (PCN, 1998, p.21). Os textos se organizam dentro de uma composição e estilo, caracterizando-os pertencentes a um ou outro gênero, e é desse modo que a noção de gênero necessita ser trabalhada no ensino.

O trabalho com os mais diversos gêneros discursivos, orais e escritos, deve partir do uso do texto, na reflexão sobre os papéis sociais que cada gênero desempenha, centrar na reflexão das estruturas mobilizadas para cada gênero, e destinar o texto do aluno ao uso

³³ Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para os terceiros e quartos ciclos do Ensino Fundamental, doravante PCN.

social, para que não se torne mero exercício de forma. João Wanderley Geraldi, em sua obra *Portos de Passagem* (2003), defende que o ensino de textos deve ser baseado nas atividades de produção, leitura e análise de textos de determinado gênero.

A produção de textos é o primeiro aspecto destacado pelo autor, já que é essa prática que sustenta as atividades em linguagem na escola. É pensando na produção de textos que serão feitas todas as atividades de leitura e análise linguística. Geraldi (2003) inicia a sua crítica ao estado atual da produção de textos por ela desconsiderar a diferenciação entre produzir textos na escola e produzir textos para a escola (p. 136). Essa é a diferença entre a produção de textos e a redação, visto que a primeira assegura o caráter de prática de usos da língua (gêneros do discurso) no lugar destinado à aprendizagem, e a segunda se destina ao mero exercício de uma escrita descontextualizada em que não há destinação social.

Para se produzir textos na escola, aponta Geraldi (2003), é necessário trazer os gêneros que circulam socialmente para dentro da escola, e nesses gêneros praticar a expressão da língua. É necessário ao aluno ter o que dizer, ter uma razão para dizer, ter para quem dizer, se constituir como o locutor do que vai dizer e instrumentos para dizer o que vai dizer. Mas essas condições de produção de texto só se concretizam em um ambiente que valoriza a relação interlocutiva, que possibilite ao aluno se constituir como sujeito da sua locução, para que então ele mobilize o seu turno de fala com os elementos propostos. Só há a possibilidade de o aluno destinar o seu texto a um leitor/interlocutor se ele puder ter a visualidade de que seu texto é um diálogo com o que está sendo feito em sala de aula. Manter, nesse sentido, uma escrita que tem como objetivo único servir de avaliação e motivação única a solicitação do professor é fadá-la ao fracasso.

Quanto à leitura de textos em sala de aula, esta não pode ser olhada como isolada da produção de textos. É a leitura quem fornece subsídios para se ter o que dizer, quem mostra os efeitos das estratégias do dizer, e explicita a existência de um diálogo entre um texto escrito e o sujeito que o lê, mediado por todas as valorações e construções sociais. Nesse sentido, vale destacar que essa concepção de leitura só pode ser assumida em consonância com a perspectiva de que a leitura de um texto não é atribuição de sentidos, muito menos extração de sentidos, mas da construção deles, por meio da tessitura das axiologias implícitas no texto e as que provem do leitor, que sempre é situado social e historicamente. Desse modo, a leitura nunca é ingênua e nunca pode ser a mesma entre os sujeitos (até no mesmo sujeito, em diferentes momentos). A alegoria da tessitura é usada por Geraldi, e espelha brilhantemente as relações estabelecidas na leitura de textos. O texto empresta seus fios, com os quais o leitor

trança com os seus. O tecido nunca será, portanto, construído parcialmente, mas no diálogo, na trama dos fios. “O texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá” (p. 167).

Para legitimar a presença da leitura na sala de aula, Geraldi defende que é necessária a existência de motivações que conduzam a isso. Ele elenca, então, alguns dos motivos que levam um sujeito a ir ao texto, a saber: a) busca por respostas a perguntas anteriores à leitura, o que caracteriza a leitura busca de informações; b) retirar informações relevantes que o texto traz, num estudo do texto; c) usar o texto na produção de outros, como referência, como pretexto; d) para aproveitar a sua leitura como fruição. Vale destacar que essas motivações não são estanques, mas se interpenetram, podendo combinar-se e aparecerem juntas em outras motivações não abordadas.

A leitura, também como postura do professor em relação à produção do aluno, deve constituir o diálogo que foi anteriormente defendido. A atitude dialógica e, conseqüentemente, responsiva da parte do professor quanto ao texto do aluno vai contribuir para a sua refacção, além de evidenciar a verdadeira intenção da produção e leitura de textos, que é a prática das relações sociais instauradas e mediadas pelos gêneros discursivos pertencentes à modalidade escrita da linguagem.

A terceira configuração da prática escolar da linguagem é a análise linguística. E é exatamente nesse âmbito que reside a importância da perspectiva proposta por Geraldi: a análise nunca pode ser tratada isoladamente, mas por meio da leitura e da produção de textos. Como as atividades não existem em sociedade isoladamente, por que a escola deve assim tratá-las? Por acaso alguém que escreve um texto do gênero bilhete não se preocupa como o seu interlocutor o vai receber? E isso porventura não é analisar o texto?

A análise, conforme propõe Geraldi, deve ser epilinguística antes, e metalinguística depois – mas nunca confundidas. As análises linguísticas perpassam os atos de ler e de escrever textos, mas a metalinguagem não se confunde com ela. Não se trata de excluir a metalinguagem, mas de reservar a ela o seu verdadeiro valor e verdadeiro momento de estudo, representando uma sistematização do conhecimento construído juntamente com os alunos, e não a repetição de um conhecimento incoerente e abstrato.

O texto de Geraldi é, sem dúvida, uma proposta que tem por base e por substância a concepção dialógica da linguagem. Ele propõe reconstruir a prática escolar a partir da visão de que a linguagem é este instrumento de mediação e instauração de relações sociais. E tendo isso em mente, não há como perpetuar uma prática escolar que nega o diálogo, a construção dos conhecimentos e os usos efetivos da linguagem. Assim, na sala de aula, de acordo com a

perspectiva proposta, serão realmente praticadas as capacidades dos alunos em linguagem, por meio de práticas efetivas em produção, leitura e análise de gêneros discursivos, incidindo sobre as relações sociais que os alunos irão estabelecer fora da escola, ao invés de fingir ensinar e aprender um rol de conceitos que pertencem somente ao ambiente escolar.

A escola, tendo em vista as atividades discursivas com maior relevância social, deve proporcionar ao aluno o contato com os mais diversos tipos de textos, visando à expansão do seu conhecimento. As situações de ensino precisam favorecer o exercício das diversas formas de pensamento, desde as mais simples a mais elaborada. “É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social”(PCN, 1998, p. 24).

Nesse processo, assumimos a postura destacada no documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que de certa forma colocam em evidência a necessidade dos alunos desenvolverem três competências: a discursiva, responsável pela “filtragem”, adequação do texto a diferentes situações de interlocução; a linguística, refere-se aos saberes que o falante tem da língua da sua comunidade; e a estilística, que é a capacidade do sujeito de escolher os recursos expressivos a serem utilizados, de acordo com as condições de produção e destino.

Como a escola é a grande mediadora entre os sujeitos e o conhecimento, é necessário que ela assuma o compromisso de fazer com que a sala de aula seja um espaço democrático, onde cada sujeito tenha direito à palavra e a ver ou ouvir esta palavra ressoar no discurso do outro. Assim o professor tem o papel de organizar ações que possibilitem ao aluno o contato crítico e reflexivo com o diferente, tendo clareza sobre as finalidades colocadas para o ensino e dos conhecimentos que precisam ser construídos para alcançá-lo.

No processo de ensino-aprendizagem do aluno espera-se que o mesmo desenvolva seu domínio ativo do discurso, já que este é o tópico fundamental do ensino de Língua Portuguesa: fazer com que o aluno aprenda a lidar com diversas situações comunicativas, principalmente em instâncias públicas do uso da linguagem, exercendo seu papel de cidadão. Por conta disso, a finalidade do ensino da Língua Portuguesa é (ou pelo menos deveria ser) a produção e recepção de discursos.

Além disso, a instituição escolar tem o dever de organizar o conjunto de atividades que possibilite ao aluno utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais, leitura e produção de textos escritos. Em outras palavras, a escola – como espaço de interação – deve oportunizar ao aluno a apropriação do conhecimento sobre atividades básicas que permitem a qualquer um o título cidadão, através da ação sobre os conteúdos, desenvolvendo a

competência linguística por meio das práticas de uso da linguagem. A necessidade dessas práticas do uso da linguagem determina que os conteúdos de ensino da Língua Portuguesa sejam articulados em torno de dois eixos básicos: o eixo do uso da língua oral e escrita e o eixo da reflexão sobre a língua e linguagem.

Cabe também à escola e ao professor articularem estes diversos fatores não apenas a fim de planejar situações didáticas, as quais permitirão ao professor levantar o campo de conhecimento sobre o qual o aluno já apresenta domínio, identificando dificuldades e facilidades, podendo assim priorizar os aspectos que serão necessários à ação de ensino, mas também a fim de organizar a sequenciação dos conteúdos possíveis e necessários aos alunos.

3.2.3.2 O jornal escolar como estratégia para o ensino de língua

Indo ao encontro de toda teoria acima apresentada, em defesa do projeto da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito de formar leitores hábeis em interpretar diferentes gêneros textuais que circulam nas mais diversas esferas de atividade humana é que desejamos contemplar, neste projeto, a elaboração de um jornal. Esta elaboração tem o intuito de os alunos poderem aprender, de forma prazerosa, a circular de forma linguística e oral por situações sociais distintas.

De acordo com todo o planejamento dos encontros (ANEXOS), os alunos elaborarão um jornal que contemple a esfera de atividade social na qual eles se encontram inseridos na maior parte do tempo, ou seja, a esfera escolar.

A produção jornalística em questão contemplará três diferentes gêneros discursivos que compõem o jornal: entrevista/reportagem, propaganda e variedades; permitindo que os alunos se envolvam espontaneamente com o contexto escolar, o que, inclusive, gerará maior aproximação com a realidade escolar e a possibilidade de desenvolvimento de uma visão mais crítica a respeito de várias situações escolares.

A experiência possibilitará ao aluno, como já anteriormente colocado, superar possíveis dificuldades que possua na leitura, escrita e produção textual, o que ocorrerá também com a maior interação que necessariamente haverá para com outros colegas. Essa interação contribui principalmente com a possibilidade de que os alunos possam aprender a trabalhar em equipe – o que é constantemente exigido num contexto real de produção de

jornais – e conhecer outras culturas, diferentes formas de expressão e a argumentar apropriadamente a respeito de determinado tema, expressando suas ideias e defendendo suas posições, para, a partir disto, tornar-se um leitor crítico.

Para que todo o processo de elaboração do jornal escolar ocorra bem será necessário, primeiramente, inserir os alunos na esfera de produção jornalística, o que ocorrerá no primeiro encontro do grupo, no qual os alunos visualizarão os diferentes gêneros que compõem um jornal e demonstrarão o domínio que já possuem sobre este meio de comunicação. Tudo isto antes da intervenção de um palestrante que estará presente neste primeiro encontro para conversar com a turma sobre a funcionalidade do jornal e a sua importância como meio social de escrita e leitura.

Nos encontros seguintes, os alunos terão a experiência de sair a campo para realizar a pesquisa e entrevista necessária para a composição escrita da coluna escolhida, depois de já terem relativo domínio sobre o gênero; bem como processarão estas informações recolhidas para a composição real do texto dentro do gênero em questão e edição do mesmo na sala de informática da escola.

A ideia de elaborar um jornal escolar no projeto em questão visa não apenas uma produção textual e a prática da leitura em sala de aula (que possibilitará aos alunos que eles se construam como sujeitos em um uso específico da língua), mas um trabalho que permita que os alunos ajam com desenvoltura, para que este trabalho, além dos conhecimentos técnicos, gere também um sentimento positivo em relação à disciplina de Língua Portuguesa. O intuito é que os alunos não deem valor apenas à experiência, mas à disciplina, inserida em um todo, principalmente no que toca seu uso social significativo.

O jornal escolar é a melhor maneira de aproximar os alunos de um uso social da escrita, onde a produção textual nunca é só para si, mas para um tu constituído a partir do enunciado colocado pelo eu. Em busca de colocar este aluno como sujeito no mundo é que procuramos auxiliá-lo a se comunicar de maneira adequada, na forma em que a língua se manifesta em sociedade, permitindo que o aluno exerça seu papel de cidadão através da consciência de uma necessidade de domínio da norma padrão da Língua Portuguesa – pleno objetivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

3.2.4 **Objetivos**

O presente projeto tem por objetivo produzir, juntamente com alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, um jornal para a comunidade escolar. As atividades que serão desenvolvidas para conduzir os alunos à realização deste objetivo são os objetivos específicos de conhecer os gêneros contidos em um jornal de maneira que os alunos tenham uma base para produção textual, de produzir textos adequados ao gênero proposto e entender a importância da refacção de textos para o crescimento do senso crítico e da autonomia nos estudos.

3.2.5 **Metodologia**

Primeiramente será feito um trabalho de reconhecimento e aproximação do jornal, explicando o projeto e fazendo a escolha dos grupos que irão trabalhar em diferentes seções do jornal, simulando um ambiente editorial de um jornal. O jornalista Rafaela Martini fará uma palestra a respeito do funcionamento de um jornal para auxiliar neste processo.

A partir das decisões relacionadas às seções do jornal, será feito o estudo dos gêneros específicos de cada seção, com o objetivo de instrumentalizar a escrita dos alunos. Para dar base à escritura propriamente dita, será decidido o papel dos alunos e elaborado um roteiro de trabalho para uma saída de campo de coleta de dados, que possibilitará a produção da primeira versão dos textos. Após esses textos serem analisados pelas estagiárias serão reescritos e digitados para a versão final do jornal.

Como forma de divulgação do jornal, no final a equipe de estagiários ficará responsável por fazer a diagramação e encaminhar o mesmo para a impressão, para posteriormente promover a circulação e distribuição de diversos exemplares na comunidade escolar.

3.2.6 Recursos

Jornais diversos; recortes de jornais para colagem; estrutura de jornal em papel pardo, preparada previamente pelos estagiários; exemplos de roteiro para anotações, fotocopiados; papel, caneta, cola e lápis diversos; revistas e recortes; gravadores; câmera fotográfica; lousa e caneta; computadores.

3.2.7 Avaliação

Os alunos serão avaliados ao longo do processo de acordo com a sua participação e envolvimento em todas as etapas da construção do jornal escolar. Com relação à produção escrita, eles não receberão uma nota, mas terão constantemente o retorno dos estagiários quanto ao processo da construção do texto, o que lhes dará condições de reconhecer a evolução no progresso da sua produção textual pelo processo de refação e do reconhecimento da apropriação do conhecimento trabalhado.

3.2.8 Planos de Aula

3.2.8.1 ENCONTRO 1

EBM Beatriz de Souza Brito

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Professora: Ângela Beirith

Estagiários: Camila, Clara, Jacqueline, Mariana, Roselena e Rubens

Data: 31/10/2011

Horário: 9h30min às 11h45min (três aulas de 45 min)

Local: Sala Multiuso

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer a estrutura de um jornal;
- Compreender o processo de produção do jornal (palestra);
- Escolher a seção do jornal de acordo com as afinidades.

CONTEÚDO:

- Leitura de jornal

METODOLOGIA:

- 1) Apresentação do projeto extraclasse, apresentação dos alunos;
- 2) Distribuição de vários exemplares de jornais de diversas fontes, de vários estilos;
- 3) Realização de uma leitura dirigida das seções do jornal a partir da atividade de montagem de um jornal. Os estagiários levam vários esqueletos de jornal em papel pardo, com os nomes dos cadernos e seções, e vários recortes de seções significativas, representantes de um jornal. Em grupos³⁴, os alunos deverão selecionar os recortes e montá-los na estrutura disponibilizada. Após isso, lendo o conjunto, deverão montar a

³⁴ O número de alunos por grupo não pode ser previsto, levando em consideração as características do projeto extraclasse. O ideal seria até 4 integrantes por grupo, a ser escolhido aleatoriamente.

capa do seu jornal (com desenhos, colagens, etc.) e dar um nome que represente a visão do seu jornal;

- 4) Se houver tempo, cada grupo deverá apresentar a forma final do seu jornal, descrevendo as seções que o compõem;
- 5) Introdução da “palestra” do visitante;
- 6) Palestra;
- 7) Apresentação dos núcleos desenvolvidos por cada dupla de estagiários. Os alunos deverão se integrar nos núcleos de acordo com a afinidade com o tema trabalhado em cada núcleo;
- 8) Encerramento do encontro.

RECURSOS:

- Exemplares de jornais de várias linhas e de diversos lugares para a apresentação aos alunos;
- Recortes de jornais, com seções variadas, para a atividade de colagem;
- Estrutura de jornal em papel pardo, preparada previamente pelos estagiários, contendo diversos cadernos e seções.

AVALIAÇÃO:

Neste momento, a avaliação acontecerá de forma diagnóstica, de modo a reconhecer os conceitos que os alunos já dominam a respeito da estrutura do jornal. A avaliação acontecerá durante todo o trabalho, tanto individualmente quando coletivamente no trabalho em grupo.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação do projeto	5'
Agrupamento e distribuição dos jornais	5'
Trabalho de montagem do jornal	55'
Palestra	60'
Divisão dos grupos	10'
TOTAL	3 horas/aula (135')

3.2.8.2 ENCONTRO 2

EBM Beatriz de Souza Brito

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Professora: Ângela Beirith

Estagiárias Camila e Mariana

Data: 04/11/2011

Horário: 9h30min às 11h45min (três aulas de 45 min)

Local: Sala Multiuso

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o gênero a ser trabalhado no jornal escolar: a reportagem;
- Ampliar as capacidades linguísticas de leitura/escrita/fala/escuta;

CONTEÚDO:

- Reportagem

METODOLOGIA:

- 1) Apresentação da proposta de trabalho com a reportagem;
- 2) Leitura de diversas reportagens nos diversos suportes;
- 3) Diálogo a respeito dos diversos tipos de reportagens, das suas características e das modalidades de produção (matéria, enquete, reportagem policial, etc.);
- 4) Definição dos grupos e temas de trabalho;
- 5) Desenvolvimento do roteiro para coleta de dados na escola; definir as estratégias (entrevista, pesquisa, etc.), quais as informações necessárias;
- 6) Se forem feitas entrevistas, é necessário marcar horário;
- 7) Atividade: entrevistar o colega para reconhecer dele o nome, a idade, o bairro onde mora, a série, o que gosta de fazer nas horas vagas e o que está achando do projeto e escrever um pequeno texto a respeito do colega;
- 8) Socialização dos textos com os colegas;
- 9) Encerramento.

RECURSOS:

- Fotocópias de vários textos;
- Gravadores e câmeras para mostrar para os alunos;
- Exemplo de roteiro para anotações, em fotocópia.

AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de forma contínua durante todo o processo, não tendo como objetivo uma nota final, mas o diagnóstico da apropriação dos conhecimentos da parte do aluno.

BIBLIOGRAFIA:

Links ou referências dos textos a serem lidos em sala de aula.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADE	TEMPO
Apresentação da proposta	10'
Leituras	30'
Diálogos sobre as entrevistas	30'
Exercício de entrevista	10'
Socialização	20'
Definição de grupos e temas	10'
Estudo do roteiro	20'
Encerramento	5'
TOTAL	3 horas/aula (135')

3.2.8.3 ENCONTRO 3

EBM Beatriz de Souza Brito

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Professora: Ângela Beirith

Estagiárias Camila e Mariana

Data: 07/11/2011

Horário: 9h30min às 11h45min (três aulas de 45 min)

Local: Sala Multiuso

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Elaborar e aplicar o roteiro para coleta de dados;
- Efetuar a coleta de dados.

CONTEÚDO:

- Escrita como suporte: Roteiro
- Entrevista
- Pesquisa documental

METODOLOGIA:

- 1) Iniciar o encontro retomando o esquema de roteiro trabalhado na aula anterior;
- 2) Saída de campo para aplicar as entrevistas e coletar dados;
- 3) Retorno para a sala, debate sobre a experiência;
- 4) Iniciar a escrita;
- 5) Encerramento.

RECURSOS:

- Roteiro para coleta de dados
- Gravadores
- Revistas, livros e jornais para a pesquisa

AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de forma contínua durante todo o processo, não tendo como objetivo uma nota final, mas o diagnóstico da apropriação dos conhecimentos da parte do aluno.

BIBLIOGRAFIA:

Revistas, livros e jornais a serem consultados.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADE	TEMPO
Início da aula	10'
Retomada do roteiro	30'
Saída de campo	60
Debate	30'
Encerramento	5'
TOTAL	3 horas/aula (135')

3.2.8.4 ENCONTRO 4

EBM Beatriz de Souza Brito

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Professora: Ângela Beirith

Estagiárias Camila e Mariana

Data: 11/11/11

Horário: 9h30min às 11h45min (três aulas de 45 min)

Local: Sala Multiuso

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender os processos editoriais de tratamento de dados;
- Ampliar a capacidade de análise linguística;

CONTEÚDO:

- Reportagem

METODOLOGIA:

- 1) Iniciar a aula resgatando a coleta de dados feita no encontro anterior;
- 2) Reflexões a respeito do tratamento dos dados: para tabulação, escritura de reportagem, etc.;
- 3) Continuação da escrita da reportagem;
- 4) Entrega do texto para análise pelas estagiárias.

RECURSOS:

- Roteiro para coleta de dados
- Gravadores

AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de duas formas: a primeira levará em conta o desempenho e a participação dos alunos nas tarefas propostas – a entrevista ou a pesquisa, o envolvimento com o grupo e responsabilidade. O outro fator levará em consideração também a primeira versão da produção textual, que deverá contemplar a adequação ao gênero proposto,

informações condizentes, linguagem formal, coerência e coesão. A expressão da avaliação não será de forma quantitativa, mas por meio de recados e mensagens para contribuir no crescimento do aprendizado com a refacção.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADE	TEMPO
Início da aula	10'
Tratamento dos dados	30'
Características da escritura	30'
Escritura	60'
TOTAL	3 horas/aula (135')

3.2.8.5 ENCONTRO 5

EBM Beatriz de Souza Brito

Alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental – contraturno vespertino

Professora: Ângela Beirith

Estagiários: Camila, Clara, Jacqueline, Mariana, Roselena e Rubens

Data: 14/11/11

Horário: 9h30min às 11h45min (três aulas de 45 min)

Local: Laboratório de Informática

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender os processos editoriais de produção de textos;
- Ampliar a capacidade de análise linguística;
- Revisar o próprio texto de acordo com o gênero previsto.

CONTEÚDO:

- Análise Linguística

METODOLOGIA:

- 1) Encaminhamento dos alunos ao laboratório de informática;
- 2) Entrega das produções aos alunos, com anotações para reescrita. Os estagiários atenderão individualmente os alunos no processo de refacção;
- 3) Revisão dos textos produzidos e digitação no laboratório de informática;
- 4) Seleção de imagens tiradas pelos alunos, para acompanhar a matéria escrita;
- 5) Arquivamento digital dos textos prontos;
- 6) Encerramento do projeto extraclasse, juntamente com os outros núcleos.

RECURSOS:

- Computadores
- Fotografias tiradas pelos alunos, com temática coerente com o projeto;

AVALIAÇÃO:

A avaliação acontecerá de duas formas: a primeira levará em conta o desempenho e a participação dos alunos nas tarefas propostas – a entrevista ou a pesquisa, o envolvimento com o grupo e responsabilidade. O outro fator levará em consideração a progressão entre as duas produções textuais dos alunos. A expressão da avaliação não será de forma quantitativa, mas por meio de debate com os alunos no momento do encerramento.

CRONOGRAMA:

ATIVIDADE	TEMPO
Condução dos alunos até o laboratório e início da aula	10'
Refacção dos textos	80''
Seleção das imagens	10'
Arquivamento dos textos	5'
Encerramento	30'
TOTAL	3 horas/aula (135')

4 EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

O presente capítulo deste trabalho traz a execução e os resultados das propostas desenvolvidas a partir das reflexões advindas das observações, trabalhadas nos projetos de docência e extraclasse. Em ordem, apresentam-se os relatos de observações das aulas, os comentários a respeito do processo de ensino-aprendizagem e os ensaios das estagiárias sobre a experiência do estágio.

4.1 RELATOS E OBSERVAÇÕES

Os relatos das aulas são feitos a partir das memórias das duas estagiárias, que acompanharam com igual intensidade as experiências vividas, tanto pelo fato da proximidade ao longo do trabalho de observações, planejamentos e execução, quanto pelo fato de as aulas terem sido dadas intercaladamente na docência, e conjuntamente no projeto extraclasse.

4.1.1 Docência – Observação Aulas 1 e 2

Data: 11/10/11

10h15min / 11h45min

Estagiária Mariana

Às 10h00min, Mariana entrou na sala para montar o Data Show e o Netbook, com a apresentação de slides e o vídeo da visita dos jogadores do Avaí ao Hospital Infantil, de acordo com o planejado no plano de aula. Até às 10h15min, horário de início da aula, a aparelhagem foi montada e os últimos testes realizados.

Os alunos chegam às 10h15min, e a Mariana se apresenta como estagiária da Universidade Federal de Santa Catarina, que os observou há um mês, e que preparou, junto com a estagiária Camila, um plano de atividades a ser seguido durante 12h/aula (6 encontros). Ela explica que nesses seis encontros, o grupo lerá coisas bem legais, escreverá e que, no

final, além de melhorar na leitura e na escrita (que é sempre bom), os alunos iriam fazer uma boa ação, uma atividade que ajudaria pessoas que precisam.

Depois dessa breve explicação, a estagiária faz a chamada – durante a chamada houve agitação dos alunos – e então pergunta se todo mundo sabe onde é o Hospital Infantil Joana de Gusmão. Como alguns não sabiam a localização do Hospital, ela tentou explicar onde é, no que teve ajuda de outros alunos. Mariana perguntou quem já havia ido lá, se conheciam alguém que foi no médico lá, etc.

A introdução à temática da contação de histórias foi feita a partir da exposição de algumas ideias a respeito do hospital, que é muito importante por ser a maior referência de tratamento de câncer infantil no estado todo, por receber pessoas de todo o estado para se tratarem. A estagiária deu bastante ênfase no fato de que muitas crianças ficam internadas por um longo período.

Mariana preparou uma apresentação de slides sobre o hospital, sua rotina, as crianças, sobre a importância da contação de histórias e as atividades de recreação. Contou a sua experiência de contação de histórias durante 1 ano (2010 – 2011), e como foi bom, o quanto aprendeu e as coisas que vivenciou. Depois de falar do hospital e da importância da recreação, passou o vídeo dos jogadores do Avaí visitando o hospital. Após o vídeo (do qual os alunos gostaram bastante, comentaram e acharam graça), perguntou coisas como: de que o vídeo falava? Como foi a recepção das crianças aos jogadores? Como podemos perceber a recepção foi boa ou má?

Depois da apresentação, Mariana pergunta: *e se nós fôssemos visitar o hospital? E se nós fôssemos lá contar histórias?* Os alunos, aparentemente, gostam da ideia. Mariana então agenda a visita, escrevendo no quadro a data da visita: 09/11/2011.

Dando início à segunda parte da aula, Mariana começa a falar dos contos de fada, comentando a respeito das várias versões que existem de cada um deles; desde as mais sangrentas, que serviam para assustar as crianças e dar “moral da história” até as mais divertidas, que brincam com os personagens e com os pontos de vista da história.

De acordo com o plano de aula, estava previsto que circulassem na sala de aula exemplares de livros de contos de fada. No entanto, isto não ocorreu.

A estagiária dá início a um debate a respeito dos contos de fadas já conhecidos pelos alunos a partir de uma imagem da apresentação de slides, que continha todas as princesas dos contos de fada adaptados pela Disney. Os alunos, então, começam a enumerar os contos de

fadas que já são conhecidos, a partir dos nomes das princesas. Uma das alunas se empolgou e contou de maneira descontraída sua versão do conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Eram 11h quando a estagiária Mariana estava praticamente terminando o que havia planejado para aquelas duas aulas. Restavam 45 minutos. Mariana, então, tomou uma atitude repentina e necessária: elaborou uma dinâmica para que os alunos aproveitassem o tempo restante. A ideia foi a seguinte: os alunos deveriam se separar em grupos de 3 ou 4 integrantes (o que causou muito alvoroço entre os alunos, que discordaram da distribuição numérica dos grupos). Cada aluno deveria destacar uma folha do caderno e iniciar um conto de fadas quando a professora Mariana determinasse. Até que ela desse o próximo sinal, eles deveriam escrever, para, então, passar a folha com a sua parte escrita do conto para o colega de grupo à direita. E assim aconteceria sucessivamente até que o conto fosse escrito e terminado, para, depois, alguns serem lidos em voz alta.

É claro que os alunos demonstraram certa resistência perante a atividade, tanto por não terem compreendido, de imediato, o comando da atividade, quanto por acharem a dinâmica infantil. Porém, no final, a atividade aconteceu, integrando os alunos e resultando em leituras divertidas – apesar da confusão momentânea a respeito do fato de que apenas um dos textos produzidos pelo grupo deveria ser lido. Infelizmente, Mariana se esqueceu de recolher os textos produzidos.

Para finalizar, a estagiária comenta alguns fatos sobre a contação de histórias, como a diferença entre leitura e contação. Para exemplificar, ela executa a contação de “A verdadeira história dos três porquinhos”, com entonação, auxílio de uma xícara e um lenço, e interpretando o lobo, protagonista da história.

Os alunos, no início da contação, estavam bastante dispersos, chegando a rir do fato de estarem ali, ouvindo uma história. No entanto, ao final da contação, estavam todos olhando atentamente, apesar de já serem quase 11h45min.

Depois da história, a aula deu-se por encerrada.

4.1.2 Docência – Observação Aulas 3 e 4

Data: 14/10/11

08h30min / 10h00min

Estagiária Camila

Às 08h30min Camila e Mariana entram em sala. Enquanto Mariana inicia a montagem dos aparatos (Mariana e a assistente da sala de informática tentam compreender o funcionamento do aparelho utilizado – já que o que estava previsto e reservado para a aula foi indevidamente tomado por uma professora das séries iniciais). Camila começa a introduzir a aula, com a chamada – momento até o qual há bastante conversa – e se apresenta como Camila, recuperando o discurso feito pela estagiária Mariana no encontro anterior e salientando, novamente, que agora, além de fazer algo legal, gostaríamos que também os alunos quisessem fazer algo legal para aquelas crianças do hospital, que às vezes não esperam apenas coisas boas. Por todas as razões que Mariana colocou na terça-feira, a estagiária Camila coloca que a partir desta aula trabalharíamos de maneira a chegar ao objetivo final do nosso projeto com sucesso.

No início da aula, foram exibidos alguns trechos do filme *Os irmãos Grimm* (2005). A estagiária introduz o filme com as seguintes perguntas: quem conhece esse filme? Alguém já ouviu falar? Em seguida, ela expõe alguns dados, salientando que o filme é de 2005, com o Coringa do filme novo do Batman (o Heath Ledger). Os alunos são bem receptivos com a exibição do filme.

Enquanto Mariana oferecia auxílio, selecionando as cenas do filme que seriam exibidas, Camila pede que os alunos anotem as intertextualidades que encontrarem nos trechos do filme, entre os contos de fadas conhecidos e as adaptações visualizadas.

Camila explica que o filme se trata dos irmãos Grimm, mas não de uma história verídica – apesar de ambos terem existido. Faz alguns comentários que resumem a história, afinal seriam exibidas apenas algumas partes. Os alunos gostam bastante do filme e reclamam quando a atividade se encerra.

Assim que se encerra o filme, os alunos parecem bastante empolgados e começam a relatar os contos de fadas reconhecidos dentro de suas adaptações. Os contos que receberam maior destaque foram *João e o pé de feijão*; *Chapeuzinho Vermelho*, *Príncipe sapo*; *João e Maria*; *Rapunzel*; *Shrek*; Rainha má, localizada no conto da *Branca de Neve*. Os alunos resumem cada conto na versão que conhecem e relacionam aos trechos assistidos. Há também apenas alguns ícones de contos de fada que são identificados, como o espelho da Rainha má de Branca de Neve.

Camila destaca que no filme há uma alusão ao processo de escrita dos contos dos irmãos Grimm, por Jacob Grimm. A estagiária comentou que alguns dos personagens que

apareciam nos contos de fadas eram tidos como reais, fazendo parte do imaginário popular da época.

Camila, dando continuação à discussão, explica que no filme há uma grande mistura de contos de fadas, dos quais a maioria é de autoria dos irmãos Grimm; mas como os contos vem de uma tradição oral – ou seja, os contos eram transmitidos oralmente – há alguns cuja autoria se desconhece.

Os alunos questionam a respeito da veracidade dos contos, e Camila explica que havia sim uma confusão entre o real e o irreal que acontecia, talvez, propositalmente, já que muitos destes contos de fadas tinham o intuito de impedir que as crianças saíssem de casa em determinado horário, ou que elas obedecessem aos pais. Cada conto tinha uma função, uma moral e misturar o que era fantasia com os perigos reais oferecidos pela floresta e pessoas más, parecia uma boa solução.

Camila havia selecionado, como planejado, algumas propagandas e imagens que reutilizam as imagens das princesas dos contos de fadas. Além das imagens do boticário, mostrou as imagens da propaganda de uma editora de livros e da marca melissa, e uma campanha colombiana contra a exploração sexual infantil. Isto demonstra que os contos de fadas estão sempre presentes, além de no próprio imaginário infantil, em nomes de lojas, propagandas, estão sempre sendo utilizados e readaptados.

Para que os alunos percebessem a maneira como ocorreram e ainda ocorrem as adaptações dos contos de fadas, foi feita a leitura conjunta (cada aluno interpretou um personagem) de duas versões do conto de fadas *João e Maria*. A primeira versão do conto era adaptada, portanto, mais curta. Os alunos cooperaram na leitura, que terminou rapidamente. Na leitura do segundo conto faltavam apenas 10min para que a aula acabasse, o que prejudicou a finalização da leitura. Os alunos não se exaltaram pelo fato de a aula estar acabando e eles ainda não terem terminado a leitura, pois estavam bastante impressionados e entretidos com a “crueldade” da versão original do conto, e assim, Camila contou o final *verdadeiro*.

A aula foi encerrada às 10h da manhã, depois da finalização do conto.

4.1.3 Docência – Observação Aulas 5 e 6

Data: 18/10/11

10h15min / 11h45min

Estagiária Mariana

Mariana inicia a aula cumprimentando os alunos que vão voltando do intervalo e, posteriormente, quando já estão todos na sala, faz a chamada. Há um grande tumulto na sala por causa de um atraso e da colocação dos alunos em seus devidos lugares, segundo o espelho de classe. Apesar da tentativa da estagiária de conduzir as coisas civilizadamente, os alunos não colaboram e então é necessário que alguns sejam chamados pelos nomes, causando irritação e muito tumulto.

Iniciando a aula, Mariana faz uma retrospectiva da aula anterior, destacando o objetivo das aulas, que é conhecer e produzir contos de fada para a contação no hospital e o trabalho feito até então, com o filme e com a leitura. A estagiária inicia a exposição dizendo que o objetivo da aula é a análise de contos de fada, e não a leitura de fruição, etc. Isso porque é a análise dos contos de fada que iria dar base para a futura produção textual. Os alunos devem, ao final da aula, saber responder à pergunta: *“por que chamamos contos de fada até aos contos que não tem fada?”*.

Mariana expõe, então, o primeiro conto a ser lido na aula: *A Gata Borralheira* (Irmãos Grimm), contextualizado o texto nas suas versões escritas e adaptações cinematográficas. Enquanto distribui os textos, Mariana aconselha os alunos a guardarem os textos em casa, e explica sobre as características próprias de cada gênero, que dá as indicações de como deve ser lido, e das funções sociais que cada texto assume, funções que mudam de tempos em tempos. Ela também dá as instruções para a leitura, que deverá acontecer com cada aluno fazendo um personagem no decorrer do texto. Os alunos que estão lendo, e alguns poucos, acompanham a leitura, mas uma boa parte deles está dispersa.

Após a leitura do texto, que chama bastante a atenção dos alunos pelas cenas de violência e pela diferença da versão mais conhecida (Cinderella – Perrault), os alunos, mediados pela estagiária, indicam as diferenças entre as versões Grimm – Perrault, como a existência de uma fada madrinha na versão do Perrault, os pombinhos falantes na versão de Grimm, etc.

Destacando todas as diferenças entre as versões do conto de fadas lido, Mariana distribuiu o material preparado sobre as características dos contos de fadas explicando também o que são os contos de fadas, como surgiram, sua função através dos tempos, a estrutura básica. A estagiária dá bastante ênfase na origem oral dos contos de fadas, nas mudanças de funções sociais que estes sofreram ao longo do tempo e na diferença que existe entre as versões originais, versões adaptadas para crianças e versões atualizadas.

Os alunos estavam bastante inquietos, e por isso, Mariana precisou chamar a atenção deles várias vezes, inclusive tendo que parar a aula para pedir mais colaboração. O fato de ser o dia de entrega dos livros na biblioteca também atrapalha, pois os alunos estão sempre distraídos e nunca estão todos em sala.

A explicação continua com uma breve biografia dos principais contistas, como Jacob e Wilhelm Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen. No decorrer do tempo das biografias, o histórico da evolução dos contos de fadas também é contado, passando de histórias compiladas da oralidade para narrativas infantis que fazem sucesso por toda a Europa.

Para começar a trabalhar com a estrutura dos contos de fada, são distribuídas cópias em *printscreen* de um artigo do site humorístico *Desciclopedia* sobre os contos de fadas. Uma aluna é escolhida para ler o artigo, porém a estagiária pede que outra aluna continue a leitura, pois a mesma estava fazendo alvoroço com os colegas. A aula é interrompida pela bibliotecária, que entra na sala sem cerimônia e chama a atenção de uma aluna.

Explicando a função social do site *Desciclopedia*, Mariana pede para os alunos identificarem as diferenças entre a definição dada pelo site e as características estudadas. Os alunos identificam corretamente as diferenças, principalmente no que se refere à moral da história. Partindo das semelhanças e diferenças do texto do site, a estagiária segue com a leitura do material produzido sobre os contos de fada, na parte que explica sobre a construção da estrutura dos contos. São feitas relações com o conto lido *A gata borralheira*.

Conforme planejado, Mariana encaminha a leitura do texto *O pequeno soldado de chumbo*, de Hans Christian Andersen, para exercitar a compreensão das características estudadas. A leitura aconteceu sendo que cada aluno leu um parágrafo, embora com muitos problemas. Vários alunos leram muito baixo, outros se recusaram totalmente a ler, o que atrasou bastante o andamento da atividade. A aula foi encerrada logo após o término da leitura, pois não restou tempo para a atividade do questionário planejado sobre o texto e os alunos estavam bastante agitados.

4.1.4 Docência – Observação Aulas 7 e 8

Data: 21/10/11

08h30min / 10h00min

Estagiária Camila

Os alunos entram em sala e a estagiária, Camila, faz a chamada. Sempre há agitação antes da chamada e alguns alunos encontram-se em lugares alheios.

A estagiária inicia a aula pedindo silêncio à turma para que ela explique como se dará a atividade do dia. Como a estagiária Mariana já havia explicado a finalidade do projeto no primeiro encontro, hoje se daria o início da produção textual. Os alunos apresentam algumas dúvidas, como, por exemplo, se eles deveriam elaborar os contos de fadas para as crianças do hospital, e Camila explica que sim. Ela também comenta que os alunos não serão obrigados a ir ao hospital, indo somente aqueles que têm disponibilidade e vontade para isso; mas a produção deverá ocorrer, pois ela é componente de avaliação do projeto. É um gênero textual estudado do qual se espera um retorno da turma.

Para melhor esclarecer como ocorrerá a produção, a estagiária dá algumas explicações aos alunos, que ficam relativamente atentos. Os principais pontos destacados por Camila foram os interlocutores – destacando que as crianças que estão internadas no hospital têm uma rotina bastante cansativa e por isso os alunos deveriam escrever contos com final feliz (alguns alunos sentiram vontade de fazer finais trágicos, tais como nas *verdadeiras versões*) –; o formato do conto³⁵ e sua construção – destacando a necessidade da presença de elementos mágicos –; a linguagem – que deveria ser clara e simples – e as características do conto de fadas – recuperando o roteiro trabalhado na aula anterior. Como alguns alunos não haviam trazido o roteiro, a estagiária Camila se preveniu e trouxe cópias para aqueles que não trouxeram.

As principais questões do roteiro que foram retomadas – colocando aos alunos que, quando o conto estivesse pronto, estas questões deveriam estar respondidas intrinsecamente – foram as seguintes:

- 1) Qual é o personagem principal dessa história?

³⁵ Uma aluna questiona a respeito da possibilidade de fazer uma adaptação de um conto de fadas já conhecido, e Camila confirma a possibilidade; lembrando de *A verdadeira história do Lobo Mau*, contada pela estagiária Mariana no primeiro encontro.

- 2) Por quais infortúnios o personagem principal passa?
- 3) Há elementos mágicos nessa história? Quais? A tarefa deles é para o bem ou para o mal?
- 4) Você acha que o texto traz algum tipo de mensagem, ou moral da história? Se sim, qual?

Depois destas explicações, a estagiária explicou para os alunos que a atividade valeria nota, e colocou de que maneira eles obteriam as suas notas finais: na aula de hoje os alunos escreveriam a primeira versão do conto, da qual resultaria uma nota. Então, ao final da aula, eles deveriam devolver para a estagiária do dia a fim de que ela e Mariana corrigissem e entregassem na aula seguinte. Na aula seguinte ocorreria a refacção do texto para a nota ser melhorada, e assim, ao final, prevaleceria a nota de valor mais alto.

Restavam 60min – o que apavorou um pouco os alunos, que achavam que o tempo não seria o suficiente – para o final da aula quando Camila deu início a produção textual: a princípio os alunos deveriam formar trios para trabalhar na produção dos textos, mas a professora da turma, quando conversou com a estagiária Camila em particular, achou melhor que a produção ocorresse em dupla. Sendo assim, Camila pediu para que os alunos trabalhassem em duplas (alguns preferiram trabalhar em particular).

No tempo restante, os alunos trabalharam na produção textual requisitada, e as duas estagiárias, Camila e Mariana, juntamente com a professora da turma, orientaram os alunos, de carteira em carteira, na produção textual. A produção foi bastante positiva, de modo que um número relativamente alto de alunos conseguiu concluir a produção. Os que não terminaram, foram alertados de que seriam avaliados pelo que fizeram até então, porém, se eles não concluíssem a produção na aula seguinte, a nota certamente decresceria.

Infelizmente alguns alunos faltaram³⁶ e, por isso, foram prejudicados quanto à produção – já que faltaram no primeiro dia de escrita e teriam apenas o dia da reescrita para *correr atrás do prejuízo*.

A aula foi encerrada às 10h, como previsto, e, excluindo-se o fato de que os grupos resumiram-se a duplas e não a trios, como havia sido previsto, e que alguns alunos faltantes teriam apenas uma versão do seu conto a ser avaliada, a aula ocorreu da maneira esperada pelas estagiárias.

³⁶ Na mesma semana ocorreu a entrega de boletins do terceiro bimestre, e os alunos cujos pais não tivessem ido retirar o mesmo (e, ainda por cima, não haviam justificado a falha), não poderiam assistir as aulas do dia seguinte.

4.1.5 Docência – Observação Aulas 9 e 10

Data: 25/10/2011

Horário: 10h15min / 11h45min

Estagiária Mariana

Trazendo as produções de textos corrigidas, Mariana entra na sala, cumprimenta os alunos, faz a chamada, e explica aos alunos o objetivo da aula: revisar o gênero estudado e refazer os textos produzidos, considerando as sugestões da correção das estagiárias.

Mariana começa por dizer que as produções textuais estavam muito boas, quase todas adequadas ao gênero proposto, sem problemas muito graves. Revisou rapidamente as características estruturais dos contos de fada e destacou alguns aspectos que deveriam receber maior atenção na refacção, como a diferença entre elementos mágicos e maravilhosos presentes nos contos de fadas (diferença baseada na metamorfose, exemplificada com os contos de fada lidos), o fato de esses elementos estarem essencialmente presentes nessas narrativas, a respeito da moral da história, que não é explícita como nas fábulas, mas que o texto todo pode remeter a uma experiência a ser transmitida, etc.

Quanto à gramática do texto, Mariana dá dicas quanto à construção dos períodos, que devem ser mais breves e conter mais falar, para dar mobilidade ao texto, e quanto à repetição dos mesmos termos de referencialidade no texto, que torna o texto repetitivo. Para explicar aos alunos, a estagiária escreveu no quadro branco a seguinte frase: “A bruxa pegou ela [a princesa], prendeu ela e amarrou ela”, sugerindo que os alunos dessem contribuições para melhorar a frase. Os alunos compreenderam, até achando graça da frase, e colaboraram na refacção.

Em seguida, Mariana entrega os textos corrigidos retomando o que a estagiária Camila já havia dito na aula anterior, o caráter simbólico da nota, que seria substituída pela nota maior após a refacção do texto. Mariana afirma que a nota não é o mais importante, mas sim as anotações, indicações e sugestões que foram feitas ao decorrer dos textos. Após a entrega dos textos, começam os atendimentos individuais nas carteiras para verificar a compreensão dos alunos a respeito das intervenções nos textos e para verificar o andamento do trabalho, com ajuda da professora orientadora Isabel, a estagiária Camila e a professora titular Ângela. Mariana ajuda mais uma aluna em particular, que possui problemas mais graves de escrita.

Os problemas resolvidos com os atendimentos individuais foram tanto de ordem textual e de gênero quanto de ordem burocrática com os alunos que haviam faltado na aula anterior. No entanto, quase todos os alunos que haviam faltado na aula da sexta anterior, faltaram novamente.

A aula seguiu com os atendimentos individuais até o horário final, sendo que ficaram muitos alunos sem entregar a versão por não terem concluído a segunda versão. A estagiária exigiu, então, que eles trouxessem o texto pronto na quarta feira à tarde, no horário do grupo de estudos, ou que deixassem os textos com a coordenadora pedagógica da escola.

A professora se despede e os alunos saem da sala.

4.1.6 Docência – Observação Aulas 11 e 12

Data: 28/10/11

08h30min / 10h

Estagiária Camila

Dando início à aula, a estagiária Camila cumprimenta os alunos e faz a chamada. Ela pergunta se os alunos estão empolgados com a proximidade do dia 09/11/2011 (dia da visita ao hospital) e explica que a aula do dia consistirá em estudar algumas estratégias para a *contação de histórias*. Camila explica que, depois de algumas orientações, a aula acontecerá no auditório, onde há mais espaço pra os alunos ensaiarem com suas duplas, e sob orientação.

Antes, então, da ida ao auditório, a estagiária dá algumas *dicas* para os alunos. Por exemplo, Camila fala que histórias com roteiro intrigante instigariam o raciocínio das crianças, incentivando os alunos a durante o texto, perguntar coisas como “e aí? O que será que vai acontecer agora?”, para as crianças acompanharem todos os feitos mentalmente. Os alunos ficam alvoroçados com a possibilidade de as crianças internadas não gostarem das histórias ou não acharem graça, e Camila, aparentemente, acalma os alunos salientando que como eles estão preparando essa atividade com carinho, provavelmente isto aumentará a postura atenta e participativa dos internos.

Camila sugere que, antes de fazer a narração, os alunos poderiam começar com uma conversa informal, pra quebrar o gelo – inspirando-se em nós mesmas, as próprias estagiárias, nas primeiras aulas, em que estávamos mais nervosas –, de maneira a dar uma introdução

sobre a história a ser contada. Para isso, ela incentiva os alunos a praticamente decorar as suas histórias, sugerindo que eles treinassem em casa, a fim de que no dia da contação eles conseguissem falar em alto e bom tom, claramente, e cheios de entonação/emoção.

A estagiária questiona os alunos a respeito da contação da *Verdadeira história do Lobo Mau*, que a Mariana fez na primeira aula. Os alunos respondem colocando os artefatos utilizados por ela e destacando que ela sabia o texto inteiro praticamente de cor, mantendo bastante contato visual com os alunos e usando o livro apenas como apoio. Os alunos tem medo de não decorar a história deles, mas Camila os consola enfatizando que eles mesmos é que foram os autores das histórias, o que tornaria a tarefa mais simples.

Os alunos parecem empolgados para sair da sala e ensaiar, mas antes precisam discutir algumas estratégias de contação. Camila enfatiza a ideia de tentar trazer esse conto que os alunos criaram pra fora do papel, afinal, é por isso que a atividade se chama *contação* e não *leitura*. As crianças esperam interatividade. Para ilustrar esta interatividade, a estagiária sugere, como estratégia, que enquanto um dos integrantes conta o conto (no caso de quem fez em dupla), o outro pode agir ludicamente, interpretando em termos de expressões faciais o personagem. Outra estratégia destacada para ser utilizada por quem trabalhou em duplas foram as falas. Um dos integrantes da dupla poderia ser o narrador e o outro fazer as falas dos personagens. Camila lembra que os personagens não vão ter vozes iguais.

Os alunos que agiram individualmente nos textos foram alertados sobre a possibilidade de pedir ajuda a algum colega, ou fazer a intervenção da contação sozinho (com fantoches, por exemplo), trazendo alguns elementos principais que ilustrariam o conto. Uma peça de roupa poderia fazer a diferença, poderia trazer aquele personagem para fora do escrito ou levar o interlocutor para dentro dele. O objetivo seria colocar a criança dentro do conto. Também é apresentada a estratégia de utilizar retalhinhos coloridos de pano, no lugar de fantoches, para a contação, usando a “simbologia” das cores. Camila dá alguns exemplos de artefatos que poderiam ser utilizados, exemplificando com alguns contos produzidos.

Durante a conversa, os alunos também opinaram e sugeriram estratégias. Algumas alunas comentam que utilizarão alguns pôsteres de pessoas famosas para ilustrar seu conto.

Assim, depois de todas as orientações dadas, Camila pede que os alunos aproveitem o tempo restante para ensaiar, individualmente ou em duplas, e se preparem também até o dia 9, pois, da aula, só restavam 50min de preparação – o que, para quem nunca realizou uma contação de histórias, não é tempo o suficiente. Eles se direcionam ao auditório em “número maior” do que o esperado pelas estagiárias. O que aconteceu é que alguns alunos faltantes das

outras aulas (por conta do boletim), a fim de perder tempo de aula em sala, seguiram o grupo que ensaiaria para o hospital. A professora da turma incitou as estagiárias a mandarem estes alunos de volta para a sala de aula, afinal, como eles desprestigiaram as aulas das estagiárias, não tinham o direito de estar ali agora – principalmente porque uma das alunas foi petulante com a estagiária Mariana, tentando “apaziguar” a situação de que ela não tinha nota e querendo unir-se a outra colega para realizar apenas a contação de histórias no dia 09/11/2011 (sem produção própria e nem contribuição maior com a colega).

Por fim, todos os alunos acabaram por ficar no auditório para ensaiar ou assistir os ensaios. Os alunos que de fato iriam ao hospital ensaiaram por alguns minutos, e, em seguida, algumas duplas se apresentaram para os colegas. Apesar de algumas brincadeiras momentâneas, os alunos se concentraram e procuraram respeitar os colegas. Enquanto os alunos se apresentavam, a estagiária Mariana procurava orientar um dos alunos faltantes a compor o conto de fadas – já que ele se demonstrou relativamente preocupado com o fato de não ter nota nenhuma na atividade.

Infelizmente metade da turma já havia comunicado que não se faria presente no dia da contação, mas aqueles que haviam se comprometido, se disponibilizaram a treinar seriamente para a contação.

A aula foi encerrada às 10h e os alunos voltaram para a sala de aula, dando continuidade a manhã de aula e demonstrando bastante interesse pela visita.

4.1.7 Descrição da atividade de contação de histórias – finalização do projeto

O encontro com os nove alunos participantes da atividade e saída da escola rumo ao hospital estava marcado para as 13 horas. Com alguns atrasos, a saída – acompanhada pela professora de ciências Gladys – aconteceu às 13h30min. O deslocamento até o Hospital Infantil Joana de Gusmão foi feito por meio do transporte coletivo municipal, com auxílio de custos conseguido junto à prefeitura.

Ao chegar ao hospital, o grupo foi recebido pela equipe da Pedagogia Hospitalar e acomodado na área de sol do hospital, geralmente destinada à atividades de recreação e festas. Enquanto aguardavam a chegada das crianças e adolescentes que iriam assistir à contação, os

alunos prepararam o ambiente, decorando-o com balões, e os suportes para a contação de histórias, como os objetos utilizados, vestimentas e adereços.

Aos poucos, o público – que contava com pacientes do Hospital Infantil, pais e estagiários de outras especialidades –, foi chegando para assistir à apresentação. As alunas que faziam a atividade ficaram muito nervosas e, por isso, contaram com a ajuda das estagiárias nos últimos preparativos.

No total, foram contadas cinco histórias diferentes, com apoio de estratégias diversificadas de contação, como o apoio simbólico e a interpretação que se aproxima mais da teatralidade. Os ouvintes que estavam mais próximos permaneceram atentos por todo o período da atividade, cumprindo o objetivo da mesma. Aconteceram alguns contratemplos, como a inadequação do ambiente para a atividade proposta, já que o ambiente era um espaço aberto, com sons conflitantes e competitivos com a atenção das crianças, alguma timidez das alunas, e a própria condição dos ouvintes. Porém, nada aconteceu que comprometesse o sucesso da iniciativa, a realização dos alunos participantes e o enriquecimento da experiência de todos.

4.1.8 **Extraclasse – Observação Encontro 1**

Data: 31/10/2011 09h15min/11h45min

Estagiárias: Camila e Mariana

O primeiro encontro do projeto extraclasse ocorreu bem, de maneira geral, apesar da preocupação em quantos alunos viriam prestigiar. No dia em que os estagiários foram divulgar o projeto de sala em sala, os alunos das turmas contempladas se mostraram interessados e, ao todo, pelo menos 40 pegaram autorizações e se comprometeram a vir aos encontros. Porém, no dia 31, isto não ocorreu: estavam presentes apenas 14 alunos. Tendo em vista que pensamos que poderia não vir nenhum aluno, não foi tão desesperador o fato de haver apenas determinado número de alunos. Os presentes comentaram que talvez os colegas houvessem se esquecido de que as reuniões começariam naquela segunda-feira.

Sendo assim, o encontro foi iniciado com uma apresentação dos estagiários sobre o que aconteceria no projeto, quais eram os objetivos, quem eram os estagiários, por que

estavam ali, etc. Houve também uma pequena apresentação dos alunos – cuja maioria havia trazido as autorizações – que se mostraram bastante interessados. A maioria era participativa, opinava e também questionava a respeito.

Assim, os alunos se sentaram juntos a mesa para analisarem a constituição de um jornal. A estagiária Mariana foi quem guiou a maior parte da discussão, mostrando aos alunos as seções do jornal, sua funcionalidade, constituição básica de cada seção, e assim por diante. Foi depois desta pequena conversa que os alunos tiveram o intervalo da manhã (o recreio, que ocorre entre 10h e 10h15min), retornando às 10h15min.

Depois do intervalo, foi realizada a dinâmica prevista pelo plano para aquele primeiro encontro – que seria realmente mais geral –: os estagiários trariam várias reportagens e itens que compõem um jornal, juntamente com um suporte (folha de cartolina para serem realizadas as colagens), e os alunos se dividiriam em grupos – que seriam, posteriormente, organizados e orientados por cada dupla de estagiários – para montar diferentes seções de um jornal. As seções predeterminadas pelos estagiários foram: reportagem/notícia, esportes, anúncios e variedades. Foram formados dois grupos de quatro pessoas para trabalhar na seção de anúncios e variedades e um grupo maior de seis indivíduos para trabalhar com notícias e esportes (os dois grupos foram unidos por conta de todos os recortes selecionados estarem dentro de um mesmo gênero: reportagem).

A atividade foi iniciada com a seleção, por parte dos alunos, das notas e reportagens que comporiam cada seção. A partir daí os estagiários se dividiram entre os grupos, conforme o planejado, para realizar as orientações. Assim, as estagiárias Camila e Mariana orientaram a seção de notícias e esportes, Rubens e Jacqueline a seção dos anúncios e Clara e Roselena a seção de variedades.

Os alunos interagiram bem entre si, pois se conheciam pelo menos de vista e alguns, inclusive, estudavam na mesma turma. Houve também uma integração interessante com os estagiários: os alunos perguntavam, sugeriam, questionavam. A atividade durou até às 11h, quando teve de ser interrompida pela chegada do jornalista Rafael Martini, colunista da coluna Visor do diário Catarinense, que viria à escola dar uma palestra aos alunos envolvidos no projeto extraclasse a respeito do jornal como meio social.

Devido ao “pequeno” número de alunos que foi contemplar a palestra e o projeto, a turma 71, da 7ª série, foi liberada para acompanhar também a palestra. A discussão rendeu bastante questionamentos, gargalhadas, surpresas e foi muito importante para todos os alunos conhecerem um pouco mais sobre o que é a vida de um jornalista, como se dá a profissão e a

rotina diária da redação. A discussão, apesar de positiva para todos, foi bastante empolgante para os alunos que estavam envolvidos no projeto. Eles começaram a sentir o peso da responsabilidade do que é trabalhar em um jornal.

Terminada a palestra (em torno das 11h40min), os alunos da turma 71 foram encaminhados para a sua sala de aula e os que estavam envolvidos no projeto extraclasse foram orientados a comparecer ao encontro seguinte (sexta-feira, 04 de novembro) e instigados a pensar a respeito de pautas para seus trabalhos jornalísticos.

O encontro foi encerrado às 11h45min.

4.1.9 Extraclasse – Observação Encontro 2

Data: 04/11/11

9h15min/11h45min

Estagiárias: Camila e Mariana

No segundo encontro do projeto extraclasse, foi disponibilizado um tempo (em torno de 30 minutos) para que os alunos terminassem a montagem e colagem de seções de jornal, iniciada na aula anterior e depois socializassem a experiência e montagem com os colegas. Depois da finalização da montagem do jornal (que teve a presença de mais um aluno que veio contemplar o projeto), os alunos foram dispensados para que realizassem o intervalo matutino.

Com o retorno, às 10h15min, e os grupos já separados de acordo com as seções discutidas na aula anterior, inicia-se a proposta de cada estagiário para trabalhar com suas devidas seções. No caso das estagiárias Mariana e Camila: reportagem. Como colocado no planejamento, lemos algumas reportagens para introduzir os alunos ao gênero textual dentro do gênero jornalístico a ser trabalhado. Assim, cada aluno leu uma das reportagens selecionadas para compor a sua seção e, seguidamente, compartilhou as informações com os colegas.

Seguindo o terceiro tópico da metodologia daquele encontro (*Diálogo a respeito dos diversos tipos de reportagens, das suas características e das modalidades de produção (matéria, enquete, reportagem policial, etc.)*), as estagiárias iniciam uma conversa com os alunos, na qual apresentam alguns tipos de reportagens existentes e procuram classificar cada

reportagem lida de acordo com as predefinições. Também é enfocada pelas estagiárias a diferença entre notícias (que informam fatos mais objetivamente) e reportagens (que são textos bem mais profundos, investigativos e argumentativos). Como o grupo de alunos é pequeno, é relativamente fácil dialogar com os alunos.

Entre os tipos de reportagem existentes, citamos os três mais importantes – e por último todos os outros tipos de reportagens – como a reportagem crônica, que, de acordo com o próprio *gênero crônica*, ilustra fatos do cotidiano:

1. A “reportagem de fatos”, cujos fatos componentes são narrados a partir de uma ordem;
2. A “reportagem de ação”, que começa pelo fato mais atraente que será posteriormente detalhado – se trata daquela reportagem onde o jornalista está em constante movimento através dos fatos, participando assiduamente da ação;
3. A “reportagem documental”, que não precisa sair “imediatamente” e permite uma pesquisa antes de qualquer publicação;

Depois desta classificação técnica, incitamos os alunos a diferenciarem a reportagem lida por cada um deles, bem como classificar suas “partes”, refletindo sobre elas e tendo em vista o que foi mencionado pelas estagiárias: a reportagem é composta pela *manchete*, que é o título da reportagem, que resume e explica parcialmente o que será dito; pelo *lead*, que é um resumo, parte da reportagem, que aparece abaixo da manchete; e pelo *corpo*, com a linguagem específica adequada ao público alvo que a reportagem visa.

Assim, conversamos com os alunos pedindo que eles se dividissem entre os colegas em núcleos de trabalho. Existe a possibilidade de cada aluno trabalhar individualmente. Informamos aos alunos que os temas abordados deverão contemplar a comunidade escolar, e assim eles se dividem de maneira a cada menino escrever uma reportagem – uma sobre *games*, uma sobre *volleyball* e outra sobre um possível campeonato de futsal na escola – e as três meninas se uniriam para escrever uma reportagem sobre um suposto rato que foi encontrado – segundo boatos de semanas atrás – na pia do refeitório da escola. Desde o princípio as meninas foram alertadas sobre a periculosidade de trabalhar sobre tal tema, mas, de qualquer modo, foram instruídas a sondar a respeito do tema, visando descobrir a verdade. Se as estagiárias simplesmente proibissem as alunas de escrever sobre o tema escolhido por

elas, provavelmente isto seria um problema e as alunas acreditariam nos boatos, causando problemas à escola.

Durante o restante do tempo (20min) os alunos se empenharam em elaborar um roteiro para realizar a saída de campo e iniciar a escrita na aula seguinte. Um dos meninos, em especial, pouco se dedicou. As estagiárias realizaram as orientações e se despediram, esperando continuar com as reportagens no encontro seguinte.

O encontro foi encerrado às 11h45min.

4.1.10 Extraclasse – Observação Encontro 3

Data: 07/11/11

9h15min/11h45min

Estagiárias: Camila e Mariana

No terceiro encontro do projeto extraclasse é que se iniciaram os “problemas”. As estagiárias Mariana e Camila acreditam que isto aconteceu pelo fato de que os alunos iniciariam o processo de escrita neste encontro. Apenas dois alunos do grupo destinado a seção reportagem se fizeram presentes daquele encontro em diante. A professora de língua portuguesa da escola já havia nos alertado a respeito da possibilidade de alguns alunos debandarem por conta da escrita, o que fez com que as estagiárias não se sentissem tão mal.

Sendo assim, as estagiárias seguiram com o plano, voltado apenas para os dois alunos. Mariana orientou o aluno que se dispôs a trabalhar com uma reportagem sobre *games*, por meio de pesquisas a respeito de alguns jogos e imagens de jogos na sala de informática, e buscas por material para iniciar a produção textual.

Como apenas uma menina das três que estavam determinadas a realizar a reportagem sobre o rato no refeitório estava presente, Camila procurou investigar a respeito da questão, com a intenção de mudar o foco da reportagem. Sendo assim, a estagiária Camila, a aluna e Isabel, a professora orientadora do estágio, foram ao refeitório conversar com as merendeiras a respeito do caso. De imediato elas negaram o fato. Isabel sugeriu então que conversássemos com a orientadora educacional a fim de encontrar uma nova pauta para a reportagem.

A orientadora, de imediato, negou o fato de ser um rato, mas disse que entrou na cozinha da escola um pequeno camundongo do mato; pedindo que a reportagem não fosse

feita, porque qualquer pessoa entenderia “camundongo” como “rato”, o que denegria a imagem da escola. Infelizmente, de alguma maneira, esta conversa escapou da sala e gerou certa confusão entre o diretor escolar e alguns alunos participantes do projeto, acusados injustamente de terem espalhado esta notícia sobre um rato no refeitório pela escola. Confusão resolvida, a pauta foi mudada para a visita realizada pela Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito à 10ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Após o momento da coleta de dados a respeito do tema da reportagem – realizada pelo aluno e pela estagiária Mariana na sala de informática – e da estagiária Camila e sua aluna orientada terem decidido a sua pauta, os alunos se direcionaram ao intervalo.

Durante o intervalo, o aluno de Mariana realizou uma pesquisa de campo, questionando alguns alunos da escola a respeito de quanto tempo por dia eles passavam jogando vídeo game. Ao final do intervalo, Camila e sua aluna se dirigiram à sala dos professores a fim de entrevistar a professora Lidiane, da disciplina de ciências, que acompanhou a visita da escola à SEPEX, para então se dirigir à sala de informática e realizar pesquisas a respeito da feira em específico.

Em torno das 11h15min, ambos os alunos já tinham a sua disposição os materiais necessários para iniciar a composição do texto de suas reportagens. Sendo assim, Camila e Mariana utilizaram os últimos 30min de aula para iniciar a escrita junto aos alunos, e na aula seguinte finalizá-la e reescrevê-la, de acordo com o que fora planejado.

O encontro foi encerrado às 11h45min.

4.1.11 **Extraclasse – Observação Encontro 4**

Data: 11/11/11 9h15min/11h45min

Estagiárias: Camila e Mariana

O encontro começou às 9h15min, e o número de alunos que contemplou a *seção reportagem* do jornal foi o mesmo: dois.

Durante os primeiros 45min do encontro, Camila, Mariana e os dois alunos se ocuparam de verificar as informações dos textos produzidos até então. Depois de uma breve discussão sobre isto, em conjunto com os outros estagiários e alunos, foi decidido, a partir de

sugestões dos próprios alunos, que o nome do jornal escolar seria *Notícias da Bia* (Beatriz, devido ao nome da escola).

Às 10h, como de costume, os alunos saíram para o intervalo do lanche, e retornaram às 10h15min, para a continuação e finalização do trabalho. Foi durante o intervalo que a aluna responsável pela reportagem sobre a SEPEX entrevistou alguns conhecidos a respeito do que eles haviam achado da feira, questionando o seguinte:

1. O que você achou da SEPEX?
2. Qual foi a atração que mais lhe chamou atenção?

Alguns dos entrevistados deram respostas que contribuíram para a formatação final da reportagem.

Sendo assim, as estagiárias Camila e Mariana prosseguiram com a produção textual depois de os dados já estarem coletados. Como as estagiárias tinham apenas dois alunos, cada uma orientou separadamente as produções e a reescrita foi feita diretamente no computador.

Mariana, juntamente com o seu aluno, realizou a digitação da reportagem sobre *games* no notebook da professora orientadora do estágio depois de Camila e sua aluna, que iniciaram digitando a entrevista feita com a professora de ciências e o corpo de sua reportagem.

Enquanto Camila e sua aluna digitavam, Mariana e o aluno verificavam as imagens a serem utilizadas, e depois, enquanto Mariana e ele digitavam, Camila e a aluna foram conversar com a orientadora educacional a fim de encontrar as fotos tiradas pelos professores acompanhantes durante a visita da escola a feira. Chegando lá, a orientadora afirmou que as fotos se encontravam na sala de informática e Camila, com auxílio do pendrive, escolheu algumas fotos para seleção posterior.

Ambas as reportagens componentes do caderno de notícias estavam prontas antes do término do encontro, que foi às 11h45min. Os alunos foram avisados que deveriam ainda vir na semana seguinte para qualquer acerto final.

4.1.12 Extraclasse – Observação Encontro 5

Data: 18/11/11

9h15min/11h45min

Estagiárias: Camila e Mariana

O último encontro do projeto extraclasse foi bastante tranquilo. A aluna responsável pela reportagem sobre a 10ª SEPEX se ausentou – talvez por ter percebido que o escrito já estava concluído, e, sendo assim, apenas um aluno estava presente.

De modo geral, a única atividade realizada pelo grupo das estagiárias Camila e Mariana foi diagramar a reportagem num papel, para que o estagiário Rubens, responsável pela diagramação do jornal, tivesse uma ideia pronta da disposição textual no momento em que transportasse os textos para dentro do jornal. Como Rubens afirmou que isto não seria necessário e ele teria de formatar da maneira que melhor “coubesse”, a atividade foi deixada de lado.

O intervalo foi realizado normalmente e a continuação do encontro ocorreu baseada em conversas – na *seção notícias* – e em acertos finais, por parte dos outros núcleos de trabalho.

No fim das atividades, todos os integrantes do jornal foram tirar uma fotografia que faria parte do editorial, exceto a aluna faltante. O encontro foi encerrado às 11h30min no grupo de notícias.

4.2 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Analisar a aprendizagem dos alunos nos dois âmbitos trabalhados dentro do projeto docência e extraclasse é uma tarefa árdua, pois não leva em consideração somente a aprendizagem dos alunos, como uma tarefa passiva, mas compreende que a assimilação depende de todos os sujeitos envolvidos no processo: professores, alunos, escola.

Na experiência da docência, apesar de os conteúdos trabalhados terem fugido um pouco do planejamento do quarto semestre, devido à liberdade dada às estagiárias pela professora, os alunos se apropriaram bem dos conteúdos que deram base ao estudo do gênero

e que possibilitaram compreender os “contos de fadas”, um gênero tão conhecido, como algo que deve ser estudado e compreendido mais profundamente.

Deste modo, os conteúdos que foram mais bem aproveitados, na avaliação geral, foram aqueles que ajudam a entender as diferenças entre versões originais, clássicas e adaptadas dos contos de fadas, como também as características intrínsecas do gênero que o fazem ser reconhecido como tal nas esferas de interação humana. Quanto à linguagem, ainda notamos alunos com problemas bastante graves em construção frasal, ortografia, transposição do fonético para o grafêmico, sintaxe, entre outros. No entanto, não encontramos nenhum caso de problemas com conteúdo, particularmente no gênero trabalhado. Todos os textos traziam bastante conteúdo, com algumas ressalvas para aspectos destacados no estudo do gênero, que possui essencialmente aspectos do mágico e do maravilhoso, o que alguns alunos não compreenderam pela primeira vez.

A aprendizagem maior, no contexto do projeto de docência, aconteceu com aqueles alunos que quiseram seguir com o trabalho até a sua concretização no evento de contação de histórias no Hospital Infantil Joana de Gusmão. O primeiro desafio foi eliminar as limitações que existiam entre a leitura oralizada de uma história e o seu único nível performático possível: o teatro. Para os alunos, a única possibilidade de performance de leitura é o teatro. No entanto, isso foi trabalhado para introduzir o novo conceito, para os alunos, de contação de histórias, principalmente no seu nível simbólico de relação entre o imaginado e o visível. No nível humano, ao visitar o hospital e ter contato com uma realidade bem diferente da vista no dia a dia, a experiência foi muito enriquecedora, ganhando até mesmo adeptos para o trabalho voluntário em um futuro próximo.

No trabalho extraclasse, a proposta do jornal deve ser compreendida como suporte para o trabalho com os mais diversos gêneros, aproveitando para fazê-lo conscientemente do diálogo existente em cada enunciação. Só essa aprendizagem por parte dos alunos já justificou todo o trabalho feito: o escrever para o outro e entender que essa fala vai ter uma resposta é a essência do pensamento da teoria de Bakhtin.

O andamento do projeto, no nosso caso, foi bastante prejudicado pela falta de comprometimento de alguns alunos, que se comprometeram a vir e participar e que depois desistiram por ser necessário algum empenho. Apesar disso, os dois alunos que permaneceram fizeram um ótimo trabalho, vencendo até preconceitos já consolidados em relação ao desempenho escolar. No estudo dos gêneros os alunos se saíram bem, o que também aconteceu no nível da linguagem, necessitando de pequenas intervenções à medida

que o texto ia sendo escrito. Em partes, trabalhar com somente dois alunos possibilitou a nós, estagiárias, influenciar diretamente aos alunos, o que trouxe uma carga bastante grande de experiência quanto à possibilidade de superação de um aluno.

4.3 ENSAIOS E DEPOIMENTOS

4.3.1 Um ensaio de como ser no mundo docente

Camila Gabriela Pollnow

Olhar hoje, novembro de 2011, para o início do semestre, em agosto, é muito diferente; chega a ser contraditório. O ano de 2011 foi cheio de expectativas, desde o primeiro semestre, sobre o estágio que teria início em agosto. A expectativa maior de todos, acredito, era sobre “brincar de realizar a profissão básica e principal a qual o curso de Letras nos inclina”. Dentro dessa expectativa localizam-se *n* outras que, querendo ou não, não eram exatamente boas: *e se eu não gostar da experiência?; E se a turma me detestar?; E se não dermos conta de executar os planos?.* Infelizmente, durante a experiência de docência e do projeto extraclasse, não conseguimos dialogar com colegas que lecionaram em outras escolas, mas creio que a ansiedade tenha acontecido e sido normal para todos – talvez, de acordo com o psicológico de cada um, em maior ou menor grau.

Afirmo que, particularmente, nunca havia recebido uma descarga de adrenalina tão grande quanto na primeira aula do projeto de docência. Mesmo pensando que desde o início das nossas observações Mariana e eu já havíamos gostado bastante da turma 81 e da professora Ângela e imaginando que tudo daria certo, nada se compara a nossa primeira semana de aula, ocorrida na segunda semana do mês de outubro. Mariana e eu havíamos intercalado as aulas, de modo que cada uma executasse uma por semana, sendo que ela ficou com as aulas de terças-feiras e eu de sextas. Ao me recordar, as borboletas no estômago são reativadas.

No dia 11 de outubro foi a primeira aula, e Mariana começou. Os alunos aceitaram bem a ideia colocada pelo projeto, pareceram se empolgar e foram bem atentos. Durante a aula inteira fiquei apenas observando, o que foi muito difícil! Estava nervosa pelo nervosismo da Mariana e pelas ideias que eu tinha durante a aula, que contribuiriam no discurso dela, mas que não podiam ser emitidas naquele momento – afinal aquela aula inaugural era dela e não minha! Fora isso, meus sentimentos eram tranquilos e ansiosos para a minha vez.

A aula foi um sucesso. Quando saímos da sala de aula, porém, a tensão voltou. Foi depois da aula da Mariana que comecei a refletir sobre como seria a minha aula, e comecei a

planejá-la a partir do plano. Tantos detalhes, tantas possibilidades dos alunos me questionarem a respeito de n coisas! E se eu não soubesse? Preparei-me de todas as maneiras possíveis. Chegou, então, o dia 14 de outubro, dia da minha primeira aula. Esperado ou temido, não sabia ainda definir. Os colegas que viram a minha figura naquele dia sabiam o quão desolada eu estava (também fisicamente).

Para cooperar com a tensão momentânea, o aparelho que havíamos reservado para utilizar naquele dia e projetar o filme em sala de aula simplesmente foi utilizado por outra professora, sendo que ele estava desaparecido. Por sorte havíamos chegado mais cedo na escola, o que forneceu o tempo necessário para realizarmos os testes no aparelho disponível pela escola, que utilizaríamos, então, para exibir os trechos do filme dos *Irmãos Grimm*.

Sendo assim, entramos na sala de aula e Mariana me auxiliava na montagem do aparelho enquanto eu fazia a chamada. Sentei-me à mesa da professora e respirei profundamente por alguns instantes, enquanto alguns alunos me questionavam a respeito de eu estar nervosa ou não. É claro que eu estava, mas, a partir do momento que me perguntaram aquilo, minha tensão começou (por incrível que pareça, não lentamente) a esvaír. Eu estava me rasgando por dentro até aquele momento, mas depois da chamada, como num passe de mágica, tudo ficou normal. Eu mal podia acreditar. Apresentei-me, conversei um pouco acerca da aula, e o processo todo se iniciou. Eu mal conseguia acreditar em como os alunos me questionavam e participavam da aula; em como eles estavam sendo intensamente participativos!

Praticamente todo o planejado para aquela primeira experiência havia sido executado, exceto que a conclusão da leitura de *João e Maria*, que não foi realizada. Mas tudo bem! Diante do sucesso dos demais aspectos da aula, estava tudo ótimo. Assim, na hora do intervalo, os alunos se despediram e eu me senti muito, mas muito desgastada física e mentalmente. Foi, certamente, a maior injeção de adrenalina que já tomei na vida³⁷.

Depois deste dia, todos os outros foram psicologicamente mais tranquilos. Dias de sol e chuva para as crianças. Dias de bons ou maus ânimos. Houve pequenos momentos de desespero, principalmente, por exemplo, diante da euforia dos alunos em determinados momentos, onde a “bagunça” tomava conta. Na hora, o instante era desesperador. Mas cinco minutos depois, era compreensível. Compreensível porque somos todos seres humanos. Qual seria a graça de lidar diariamente com pessoas que agissem da mesma maneira? Que se

³⁷ Apesar de eu acreditar que não foi a última, pois isto provavelmente se repetirá a cada nova turma escolar com a qual eu me deparar durante a vida ou a cada início de semestre letivo.

comportassem igualmente? Se fosse assim, ser um bom professor seria fácil demais. Não seria nem preciso ter a vocação para a área, a bendita inclinação a ensinar e ser paciente. Bastaria realizar um processo maquinal diário, constituinte de determinadas profissões.

Cada instante que transcorria era único, de aprendizado fluindo por todos os lados. Acredito que principalmente para o meu, pois apesar de os alunos da turma 81 provavelmente terem tido vários professores estagiários em outras disciplinas, Mariana e eu tivemos apenas a turma 81. Foi incrível ver os alunos, lentamente, se deixando envolver pelo nosso projeto que foi, a princípio, tido como “coisa de criança”. Como já conhecíamos a turma, querendo ou não, criamos um pré-conceito da maioria dos alunos: sobre os que participavam e os que não participavam principalmente. As pessoas são mesmo imprevisíveis. Vimos vários destes pré-conceitos serem quebrados, o que foi muito positivo³⁸ principalmente para estes que nos surpreenderam. Acredito que os próprios alunos se surpreenderam com o seu sucesso!

Criamos laços com boa parte daquela turma, que serão eternos ao menos em nossas memórias.

Atividades de projeto de docência terminadas (em 28 de outubro) havia chegado o momento da realização do projeto extraclasse na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. Algo novo inclusive para a professora Isabel, nossa orientadora. Como proceder?

A partir de reuniões individuais, todo o projeto de elaboração de um jornal extraclasse foi realizado. Outro ponto que poderia instigar questionamentos a respeito da procedência das reuniões era que eram seis acadêmicos realizando apenas um projeto. Sem dúvida aprendemos a trabalhar em grupo, de maneira a fazer com que todos os nossos planos funcionassem e resultassem em sucesso.

O projeto seria aplicado a alunos que, ao contrário da turma 81 – do projeto de docência – não haviam sido acompanhados por nenhum dos acadêmicos em momento algum. Seriam alunos de 6º a 9º ano do período vespertino. Sendo assim, elaboramos autorizações para divulgar o projeto, de turma em turma, no período vespertino.

A tensão para este projeto foi incomparável em relação à primeira, principalmente porque o projeto se basearia em reuniões de grupo, e então teríamos uns aos outros em cada eventual momento em que coisas inesperadas acontecessem ou questões irrespondíveis fossem propostas. Fora este aspecto que funcionava como apaziguador, basicamente a única tensão que existia era a de quantos alunos prestigiariam os encontros.

³⁸ Quero dizer, valeu à pena, mesmo que alguns pré-conceitos negativos tenham sido confirmados.

Na primeira reunião, em 31 de outubro, houve um número relativamente grande de alunos. Já nas outras... Tudo bem. Os fortes permaneceram, o jornal foi elaborado junto aos alunos; enfim: o trabalho foi cumprido. Confesso que trabalhar no projeto de docência foi, de maneira geral, mais envolvente, mas o extraclasse nos trouxe um trabalho novo³⁹, diferente, e, tanto para os alunos que permaneceram quanto para a comunidade escolar, ele foi muito importante. Importante também para a integração entre os colegas de estágio.

Ao fim do estágio fica uma terrível sensação de vazio. Os projetos, elaborados com tanta atenção e capricho pelos acadêmicos, com toda a tensão do momento e todas⁴⁰ as possibilidades previstas, passa muito rápido. Afirmo agora com toda a certeza que ensinar é uma tarefa e uma profissão incrível, inigualável. Única. A aventura de se surpreender diariamente diante das surpresas pessoais de cada um, das atitudes inesperadas⁴¹, é impagável.

Por mais curto que tenha sido o período de estadia na escola, foi muito envolvente. Cada estagiária ministrou apenas três encontros previstos, mas os laços criados com aquela turma serão eternos, mesmo que na lembrança. E é assim que, pensando nas palavras de Adriana Falcão⁴², encerro esse registro: *Lembrança é quando, mesmo sem autorização, o seu pensamento reapresenta um capítulo*. Vou reviver, repensar, (re)refletir e reapresentar este capítulo da minha história ainda inúmeras vezes, enquanto minha memória permitir. E espero que assim também ocorra com todas as experiências futuras que estão a caminho, que vivem a caminho de cada professor.

³⁹ Claro que tudo no estágio foi “novo”, mas digamos que na “nossa época” já tivemos contato com estagiários em sala de aula, mas nunca com projetos desse gênero: por isso “novo”!

⁴⁰ Bem, a maioria.

⁴¹ Melhor quando positivas, é claro!

⁴² Verificar na página <http://frases.globo.com/adriana-falcao/157> - Acesso em 28. 11. 2011

4.3.2 Do treinamento fora d'água, da adaptação com boias até o mergulho!

Mariana Hoffmann

Muitas pessoas dizem, segundo o senso comum, que um professor só se torna efetivamente um professor quando vai para a sala de aula e experimenta, na prática, tudo aquilo que foi teorizado e discutido. No que se refere à formação atual dos professores – falo pela experiência da minha própria formação –, isso não é nem totalmente verdade, nem de todo mentira. O que percebi, principalmente depois de participar um pouco mais do contexto escolar, é que não há um professor sem a experiência de sala de aula, como também não há uma capacitação completa do professor sem as discussões e compreensões a respeito do processo educativo. O professor vai se constituindo à medida que vai incorporando em si a responsabilidade pela educação e refletindo sobre a sua prática.

Isso já havia sido falado por ocasião das observações de sala de aula, e se transformou num fato absolutamente inquestionável no decorrer da experiência da docência e do projeto extraclasse, tanto pelo fato das discussões teóricas que tive ao longo do curso terem se tornado indispensáveis no âmbito do planejamento e da execução das aulas, quanto por toda a teoria ganhar um novo olhar ao ser vista à luz da experiência prática.

Os aspectos que eu destacaria como os mais importantes da aprendizagem da docência, que acontece no estágio, são aqueles que me levaram a dar a devida importância aos fatores do planejamento e da avaliação. O planejamento, que tantas vezes é passado com pouca relevância durante a formação acadêmica, é a base que sustenta a atuação do professor na sala de aula, em frente à turma. Fora dele, não existe o professor produtor do seu conhecimento e dos alunos. Sem o planejamento, o professor não pode atuar coerentemente dentro da sua responsabilidade, que é saber quais conteúdos devem ser aprendidos pelos alunos e quais as estratégias que serão utilizadas na mobilização desses conhecimentos para conduzir a aprendizagem dos alunos. E somente o pânico da primeira aula se aproximando revela isso. É preparando a fala para alunos reais que nos faz ver e reconhecer as possibilidades que podem ser exploradas na aula que será dada.

Na avaliação não é diferente. No momento do planejamento, nem nos damos conta de como a avaliação é parte indispensável e indissociável do processo de aprendizagem. No nosso projeto, Camila e eu só nos preocupamos de considerar que a avaliação deveria ser coerente com as concepções assumidas nas bases teóricas do planejamento. No entanto, a

avaliação se mostrou extremamente importante na medida em que os critérios devem ser definidos em compatibilidade com os objetivos, e ser eficientes para medir o desempenho tanto do professor quanto do aluno. Na produção de textos, principalmente depois de um trabalho em período tão curto, a avaliação é um tópico bastante problemático, pois faz com que o professor avalie por pressupostos do que o aluno já deveria saber, e não pelo real, considerando a trajetória do aluno. No nosso caso, decidimos ser menos rigorosas com a primeira versão dos textos, partindo para avaliar a segunda versão de acordo com o crescimento em relação às nossas sugestões no texto. Isso minimizaria, na medida do possível, a formação do estereótipo do “aluno de oitava série” a partir do qual faríamos as comparações.

A questão emocional é muito característica desse processo do estágio e, acredito, de todo início de trabalho com a docência. A cada turma é uma nova descoberta, um novo desafio, mas no estágio acaba sendo muito mais novo. A ansiedade quase toma conta, e nisso corremos risco de colocar a perder o início da nossa relação com a turma. Eu, que nunca tive problemas de falar em público e/ou apresentar trabalhos durante a trajetória acadêmica, sofri uma verdadeira sobrecarga de ansiedade momentos antes de entrar na sala pela primeira vez. Fomos alunos há bem pouco tempo, o somos ainda na universidade e, portanto, sabemos que tipo de cobranças os alunos fazem aos professores. É medo de tudo: de os alunos não gostarem de nós, da matéria, do assunto, do jeito de explicar, de não conseguir explicar, enfim. A sorte é que nós planejamos as ações, temos consciência de que o nosso dever é saber o que precisa ser ensinado, e que sabemos como os adolescentes em geral costumam se comportar.

Uma dificuldade que eu devo trabalhar para superá-la é a dificuldade em decorar os nomes dos alunos. Isso prejudica muito o desempenho em sala de aula, na interação com os alunos, e principalmente na avaliação.

A disciplina dos alunos em sala de aula é um tema que há muito “saiu de moda” por substituição a um discurso que preza mais incentivar e dar voz à criticidade do aluno, como se abrir todos os espaços fosse a resolução de todos os problemas. Eu, particularmente, não creio que a disciplina rígida seja desejável, mas a criticidade do aluno, quando é indiscriminada e questiona a função da escola como espaço de aprendizagem, é totalmente questionável. Digo isto porque, apesar de saber que o comportamento adolescente deve ser compreendido como instável e merecer considerações bastante específicas, creio que presenciamos, durante o período de docência, algumas cenas de total desrespeito ao ambiente de aprendizagem que

teoricamente seria favorecido com a criticidade do aluno. Trocando em miúdos, os alunos não poderiam ter direito à criticidade se não entendessem que ela faz parte do processo de aprendizagem. Bagunça, agitação, desrespeito e indisciplina são se parecem com o projeto que pretendia dar tanta voz e tantas liberdades aos alunos, e são coisas que não poderiam ter entrado na escola à custa de “uma educação mais crítica”.

Apesar dos problemas relacionados à indisciplina, o mais revigorante de todo o trabalho feito é ver os resultados florescendo. Muitos daqueles que considerávamos pouco comprometidos durante a observação, ou até no comportamento em sala de aula durante a docência, produziram resultados ótimos, surpreendendo positivamente em todos os aspectos. Na verdade, essa quebra de preconceitos que se constroem só pode ser benéfica, tanto para o aluno que se supera e progride quanto para o professor, que se vê motivado no seu trabalho de investir, de incentivar e ensinar.

O estágio é um momento privilegiado para essa transformação do aluno concluinte do curso de licenciatura em professor por permitir o diálogo entre o estagiário e seu companheiro de dupla, por poderem comentar, questionar, planejar e aperfeiçoar-se mutuamente, com os companheiros de turma, que estão passando pela mesma experiência, com o professor orientador, fornecendo todo o suporte e com a escola, em todos os seus ambientes. Podemos dizer que já é “cair na água”, como se diz? Sim, mas estamos muito bem protegidos por todas as boias necessárias, até o momento em que poderemos mergulhar em águas mais profundas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar de novas experiências é sempre algo positivo para qualquer pessoa que reconheça a importância real delas. Durante todo o curso de Letras Português – Língua e Literatura Vernáculas, o acadêmico que deseja seguir a carreira docente se questiona a respeito do momento do curso em que a pretensão se tornará prática; e, de fato, os momentos em que isto ocorre – antes do momento presente da 8ª fase, onde realizamos a primeira prática de estágio, cursando a disciplina MEN 7001 – Estágio Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I – são muito reduzidos devido ao currículo do curso, acreditamos, que não é direcionado à licenciatura desde o princípio.

A expectativa é sempre grande e, infelizmente, é possível que esta falta de oportunidade de realizar a prática de ensino e acompanhar o cotidiano de uma escola seja responsável pelo grande número de desistência de vários acadêmicos ao longo do curso. Para a maioria das pessoas é uma tarefa difícil saber se a profissão principal à qual o curso que se segue remete é aquela que realmente gostaríamos de seguir, sem que haja um constante contato com ela.

Porém, aos que até aqui persistiram e tiveram a possibilidade de cursar a disciplina que oferece este contato direto com docentes e com toda a rotina escolar, inclusive dentro de sala de aula, tenho certeza de que foi completamente positivo. A oportunidade de lidar com determinadas situações só aconteceria neste momento do curso precisamente.

A possibilidade de acompanhar a professora da turma 81 durante 10 horas aula foi uma experiência única, funcionando muito positivamente para a nossa primeira efetiva experiência docente – maior incentivo, durante tanto tempo esperado, vindo do curso de Letras Português para que o acadêmico consiga o grau de licenciado em Letras, para, agora sim, executar sua profissão com a certeza de que a carreira é realmente desejada.

A realização do projeto de docência, bem como o planejamento (já que assim conseguimos transformar o projeto que tínhamos em mente em algo “aceitável” – o que a primeira vista não seria – para uma turma daquela faixa etária), que ocorreu antes, tornaram-se muito mais simples depois do acompanhamento, onde percebemos o perfil da turma e, inclusive, já criamos alguns laços com os alunos, a partir de saídas de campo, por exemplo. Desta maneira tornou-se relativamente acessível lidar com os alunos em sala de aula.

Como conhecer a turma na qual seria realizado o projeto de docência e preparar suas aulas era o que mais temíamos diante desta nova experiência (principalmente diante do fato de que as aulas seriam ministradas separadamente), a efetivação do projeto extraclasse foi dos males o menor. Como os encontros ocorriam em uma só sala e com a presença de outros quatro estagiários, além de Camila e Mariana, as atividades desenvolveram-se de maneira bastante livre e descontraída, com uma participação constante de todos.

Toda esta primeira experiência de docência nos faz pensar que, apesar de a realidade de boa parte das escolas do país não ser nem um pouco próxima da realidade presente na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, é animador perceber como há profissionais competentes na área do ensino de Língua Portuguesa e como ainda é possível estabelecer uma relação de cordialidade entre os estudantes e professores.

6 REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Ensino fundamental de nove anos: avanços e contradições**. Publicado em dezembro de 2009 no PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542009000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 set. 2011.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979]

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G.G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. 316 p.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL FILHO, Pedro. **A constituição da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito: 1935 - 1992**. Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. 157f.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (orgs). **Gêneros orais e escritos na escola**. Coleção As faces da linguística aplicada. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 94-128

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JUNIOR, José Hamilton. **Gramática Nova**. 15ª São Paulo: Ática, 2010. 448 p.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 6ª Ed. 284 p.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez, 1986.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In.: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros – teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

7 ANEXOS

7.1 TERMOS SIARE


**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

 Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 354913

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis, CNPJ 82.892.282/0001-43, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Edilton Luís Piacentini, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Camila Gabriela Pollnow, CPF 064.698.089-05, telefone 4884334630, e-mail cami_amiami@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 8174008 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, mediante intermediação do(a) Fundação Carlos Jofre do Amaral - FCJA como agente de integração (AGI), na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE, a UFSC e o AGI em 01/04/2009 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, de 08/08/2011 a 15/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ângela Beirith.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 11 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 354913

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação na turma de 9º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 25 de agosto de 2011.

Edilton Luís Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Camila Gabriela Pollnow - Estagiário

 Diva Zandomenego - Coordenadora do Curso - UFSC
 Subcoordenadora do Curso de Graduação
 em Letras Português
 CCE/UFSC

Ângela Beirith - Supervisor(a) no local de Estágio



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 354750

O(A) Prefeitura Municipal de Florianópolis, CNPJ 82.892.282/0001-43, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Edilton Luis Piacentini, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Mariana Hoffmann, CPF 079.069.329-19, telefone 4832420781, e-mail marianahoffmann16@yahoo.com.br, regularmente matriculado(a) sob número 8174024 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, mediante intermediação do(a) Fundação Carlos Jofre do Amaral - FCJA como agente de integração (AGI), na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE, a UFSC e o AGI em 01/04/2009 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 20 horas (4 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, de 08/08/2011 a 15/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Ângela Beirith.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 11 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 354750

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação na turma de 9º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 25 de agosto de 2011.

Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Isabel De Oliveira E Silva Monguilhott - Prof.(a) Orientador(a)

Mariana Hoffmann - Estagiário

Diva Zandomenego - Coordenadora de Estágios do Curso - UFSC
Subcoordenadora do Curso de Graduação
em Letras Portuguesas

Ângela Beirith - Supervisor(a) no local de Estágio

7.2 FICHAS DE REGISTRO DAS OBSERVAÇÕES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 3721-9243 - Fax: (48) 3721-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Turma: 81

Professor(a): Ângela Biveth

Estagiário(a): Carolina Gabriela Polmann

Período de observação total: 10 horas/aula

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	19/08/2011	8:30 - 9:15	Funções + apresentações de livros	AB
Aula 2	19/08/2011	9:15 - 10:00	apresentações de livros	AB
Aula 3	23/08/2011	10:15 - 11:00	Resolução prova IFSC	AB
Aula 4	23/08/2011	11:00 - 11:45	Resolução prova IFSC - cultura dos textos	AB
Aula 5	26/08/2011	8:30 - 9:15	correção prova IFSC	AB
Aula 6	26/08/2011	9:15 - 10:00	correção prova IFSC	AB
Aula 7	30/08/2011	10:15 - 11:00	correção prova IFSC	AB
Aula 8	30/08/2011	11:00 - 11:45	correção prova IFSC	AB
Aula 9	02/09/2011	8:30 - 9:15	uso dos parágrafos + questionário	AB
Aula 10	02/09/2011	9:15 - 10:00	uso dos parágrafos + discursos sobre os livros	AB

M. Carminati

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E
ESTÁGIO



Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 - Florianópolis - SC - Brasil
Fone: (48) 3721-9243 - Fax: (48) 3721-8703

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE PORTUGUÊS - ENSINO FUNDAMENTAL

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Turma: 81
Professor(a): Ângela Beirith
Estagiário(a): Mariana Hoffmann
Período de observação total: _____

Aula	Dia	Hora	Conhecimentos trabalhados na aula	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	19/08	8:30 - 9:15	Prenomes + apresentação dos livros	AB
Aula 2	19/08	9:15 - 9:57	apresentação dos livros	AB
Aula 3	23/08	10:15 - 11:00	Resolução da prova do IFSC	AB
Aula 4	23/08	11:00 - 11:45	Socialização, leitura da prova do IFSC	AB
Aula 5	26/08	8:30 - 9:15	Correção da prova do IFSC	AB
Aula 6	26/08	9:15 - 10:00	Correção da prova do IFSC	AB
Aula 7	30/08	10:15 - 11:00	Correção da prova do IFSC	AB
Aula 8	30/08	11:00 - 11:45	Correção da prova do IFSC	AB
Aula 9	02/09	8:30 - 9:15	uso dos parágrafos, artigos, questionários	AB
Aula 10	02/09	9:15 - 10:00	conversa sobre as leituras	AB

M. Caminati

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

7.3 MATERIAL DE APOIO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO

Histórico das formações continuadas:

BREVE HISTÓRICO DA TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA DA ESCOLA E ORIENTAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO/2010

*1. CURSO DE FORMAÇÃO

"LER E ESCREVER: COMPROMISSO DA ESCOLA, COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS"

Palestrante: Terezinha Bertin

Síntese dos conteúdos trabalhados - 2004 a 2009

2004

Apresentação dos níveis de leitura ou das etapas de apropriação de um texto verbal ou não-verbal: compreensão imediata, interpretação e extrapolação.

2005

Definição de gênero e as implicações pedagógicas no trabalho com gêneros discursivos.

Esfera de comunicação.

Proposta de agrupamentos de gêneros orais e escritos, de Dolz e Schneuwly (narrar, relatar, argumentar, expor e instruir)

2006

Estratégias de leitura adequadas aos gêneros

Retomada da esfera de comunicação e dos níveis de abordagem do texto: compreensão imediata, interpretação e extrapolação

A mediação do professor como uma intervenção planejada e qualificada

Concepção de leitura

Estratégias de leitura

Fatores de compreensão da leitura

2007

Retomada da concepção de leitura adotada pela Escola: leitura como construção de sentido

A leitura como metacompetência e objeto de ensino de todas as áreas do conhecimento

Articulação gênero e estratégia de leitura

Concepção de currículo

Eixos articuladores do currículo

Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais (César Coll)

Proposta de uma sequência didática para a elaboração do resumo

2008

O papel dos gêneros na formação do leitor proficiente

Definição de uma proposta de gêneros textuais: um desafio para a Escola Beatriz

A leitura como um dos eixos articuladores do currículo

O conteúdo curricular nas três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal

2009

Conteúdos conceituais: fatos e conceitos

A aprendizagem, o ensino e a avaliação de fatos e conceitos

Aprendizagem memorística e aprendizagem significativa

A importância da mobilização dos conhecimentos prévios para a aprendizagem significativa

A necessidade de sequências didáticas para o ensino dos conteúdos

Eixos articuladores do currículo

*2. METAS DEFINIDAS NO PERÍODO DE 2004 A 2009

Professores, de todas as disciplinas envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009)

Planejamento qualificado em torno do eixo – ler e escrever: compromisso de todas as áreas (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009)

Proposta de gêneros textuais definida (2008, 2009)

2.1 Proposta de metas para 2010

Professores de todas as disciplinas envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes da escrita

Planejamento qualificado em torno do eixo – ler e escrever: compromisso de todas as áreas

Definição dos conteúdos a serem trabalhados do 1º ao 9º ano, com ênfase para os conteúdos procedimentais que envolvem a leitura

3. ALGUMAS CONCEPÇÕES ACATADAS PELA ESCOLA DURANTE O CURSO DE FORMAÇÃO

Currículo (ata 2007)

*A escola tem como um dos seus principais objetivos a formação do leitor proficiente e, neste sentido, o domínio dos gêneros discursivos é fundamental e necessário para todas as áreas do conhecimento.

Cesar Coll fala em competência comunicativa em todas as áreas do conhecimento como forma de avançar o próprio conhecimento. Devemos então refletir um pouco mais sobre como os conteúdos escolares se relacionam com os estudos que temos feito sobre os gêneros textuais.

O currículo constitui-se em um dos itens do desenvolvimento do projeto político-pedagógico. É um espaço de ação e de escolhas da escola, do professor. Se entendermos o currículo como toda e qualquer ação que tenha como objetivo a formação do aluno, tudo que é feito na escola passa a ser atividade curricular. O currículo é sempre um recorte, é fruto de escolhas, por isso a responsabilidade da escola, dos professores, é ainda maior.

Na discussão do currículo, um dos grandes desafios para o professor, para a escola, é a definição de quais conteúdos serão trabalhados e a sistematização desses conhecimentos no espaço escolar. A escolha desses conteúdos é resultado também do contexto, do momento histórico em que se vive. No currículo deve estar explicitado o referencial teórico da escola.

*Para ter um currículo relacional, integrado, a escola deve definir eixos articuladores, princípios metodológicos, bases epistemológicas comuns, como a leitura, por exemplo.

Conteúdo (livro do Coll)

Os conteúdos curriculares são uma seleção de formas e saberes culturais: conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, interesses, modelos de conduta, etc.

São uma seleção de formas ou saberes culturais cuja assimilação é considerada essencial para que se produza um desenvolvimento e uma socialização adequada aos alunos dentro da sociedade a qual pertencem.

Somente os saberes e as formas culturais cuja assimilação correta e plena requer uma ajuda específica deveriam ser incluídos como conteúdos de ensino e de aprendizagem nas propostas curriculares.

Considera-se que os fatos e conceitos são somente um tipo de conteúdos e que juntamente com eles devem ser levados em consideração os outros tipos, os procedimentais e os atitudinais.

Considerar os procedimentos e as atitudes, os valores e as normas como conteúdos, no mesmo nível que os fatos e os conceitos, requer chamar a atenção sobre o fato de que tudo o que pode ser aprendido pelos alunos pode e deve ser ensinado pelos professores.

Leitura (atas 2006, 2007, 2008)

A proficiência em leitura envolve a compreensão, a interpretação e a apreciação crítica de diferentes tipos de textos, de textos de uso na sociedade, de textos contínuos e não contínuos.

✶ A leitura como uma metacompetência, chave para novas aprendizagens, que deve ser desenvolvida por todas as áreas de estudo.

Etapas que envolvem a preparação e a leitura de um texto:

- ativação de conhecimentos prévios (experiências, conhecimento do mundo, conhecimentos linguísticos e textuais);
- compreensão imediata/literal (entendimento do sentido literal, decodificação imediata, localização de informações, levantamento de dados, reconhecimento do gênero/seqüência);
- interpretação (estabelecer relações/fazer inferências/verificar se as deduções podem ser sustentadas com elementos do texto);
- extrapolação (estabelecer relações entre o texto e extra-texto, compreender/ler a realidade a partir da leitura do texto, criticar/apreciar/posicionar-se frente ao texto/tema, elaborar raciocínios, abstrações a partir do referencial e da interpretação do texto).

A leitura é sempre o espaço do possível. Ler é estabelecer relações.

Definir um bom texto e uma boa estratégia de leitura é tarefa do professor.

Leitura um instrumento valioso para apropriação de conhecimentos.

É preciso sentir necessidade de ler (a leitura como descoberta de outros mundos).

Um trabalho voltado para o desenvolvimento da leitura, do estudo e da interpretação dos textos deve prever procedimentos que possibilitem a sistematização desse processo. Esses procedimentos serão tratados como níveis de abordagem do texto ou como níveis de proficiência que o leitor deve atingir, sendo eles: compreensão imediata, interpretação propriamente dita, extrapolação e crítica.

A abordagem de textos na ótica dos gêneros do discurso favorece a percepção de que, no mundo das linguagens, a produção de sentidos é sempre contextualizada, circunstancializada em situações específicas de comunicação e carregada de intenções.

✶ A leitura é uma estratégia, mas também um conteúdo de ensino.

Gênero (ata 2005, 2006, 2008, livro didático de LPG da Terezinha Bertin, livro “A prática da linguagem em sala de aula”)

A abordagem de textos na ótica dos **gêneros do discurso** favorece o desenvolvimento da percepção de que, no mundo das linguagens, a produção de sentidos é sempre **contextualizada, circunstancializada em situações específicas de comunicação e carregada de intenções**. É a dimensão social da linguagem, dos textos.

*“Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**.”* BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G.G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279.

Os gêneros são determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou o que pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;

estilo: configurações específicas da linguagem derivadas principalmente da posição assumida pelo locutor; formas específicas de organizar conjuntos de seqüências dos enunciados. (Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa, 1998, p. 21)

Quadro de agrupamentos de gêneros orais e escritos, proposto por Schneuwly e Dolz: ordem do arrar (ficção), ordem do relatar (real), ordem do argumentar, ordem do expor e ordem do instruir; articulado ao critério de agrupamento de gêneros indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: gêneros literários, de imprensa, de divulgação científica e de publicidade.

Critérios para a seleção de gêneros:

- ✓ gêneros da esfera pública, já que os gêneros de domínio privado são, muitas vezes, aprendidos sem a necessidade de uma situação formal de ensino;
- ✓ o projeto de escola, tendo em vista o tipo de indivíduo que se pretende prioritariamente formar;
- ✓ gêneros necessários para a vida escolar e acadêmica, pois ajudam a garantir um certo sucesso escolar;
- ✓ programações de outras áreas – que podem pressupor o domínio de algum gênero;
- ✓ gêneros necessários para o exercício da cidadania.

Seqüência didática

Trata-se de atividades planejadas para serem desenvolvidas, de maneira seqüenciada, com a finalidade de tematizar aspectos envolvidos na produção de textos organizados em um determinado gênero, de maneira a possibilitar aos alunos a maestria na sua escrita. São atividades que têm como objetivo aprendizagem de características da 'estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero' e as configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador e os conjuntos particulares de seqüências textuais e de tipos discursivos que formam a sua estrutura." (BRÄKLING, Kátia L. In: ROJO, Roxane. **A prática da linguagem em sala de aula**. São Paulo: EDUC: Campinas; Mercado das Letras, 2000. p. 224-225.)

EIXOS DE ARTICULAÇÃO DO CURRÍCULO ELENCADOS DURANTE O CURSO DE FORMAÇÃO

Leitura e escrita como compromisso de todas as áreas

Compromisso com o letramento

Interdisciplinaridade

Contextualização dos conteúdos

Leitura de textos em linguagem verbal e não-verbal: domínio de formas, códigos e convenções dos diversos sistemas de representação

Leitura como conteúdo de ensino:

- ✓ sistematização de processos e estratégias de leitura;
- ✓ sistematização de níveis de proficiência em leitura (compreensão imediata, interpretação e extrapolação).

Formulação de estratégias de leitura para a compreensão de textos específicos das áreas de estudo, envolvendo:

- ✓ dedução de significados a partir do contexto;
- ✓ seleção de informações relevantes.

Acesso a informações relativas à sua área do conhecimento

Ordenação e sistematização de conhecimentos e informações:

- ✓ transpor da oralidade para a escrita;
- ✓ registrar o que foi estudado ou observado;
- ✓ anotar termos-chave a partir de algo ouvido, lido ou assistido.

5. NOSSO DESAFIO PARA 2010

Implementação da meta: “definição dos conteúdos a serem trabalhados do 1º ao 9º ano, com ênfase para os conteúdos procedimentais que envolvem a leitura”.

Primeira tarefa: elaboração do planejamento do I Bimestre por ano/disciplina apontando os objetivos a serem alcançados e os conteúdos conceituais, procedimentais (ênfase na leitura) e atitudinais

1º Ano	Objetivos Capacidades e habilidades esperadas	Conteúdos		
		Conceituais	Procedimentais	Atitudinais
1º B				

A elaboração desse planejamento deverá ser feita no período de 22/02 a 08/04, **na Escola** (professores séries iniciais – será feito um cronograma específico; professores das séries finais – será feito no dia de hora-atividade).

Entrega desse planejamento até o dia 09 de abril (digitado).

Previsão de período para realização do Curso de Formação para discussão do planejamento: 19 a 23 de abril.

A realização desse planejamento não exclui a necessidade de cada professor planejar as suas aulas, elaborando sequências didáticas para o ensino dos conteúdos elencados. Lembrando que o Conselho de Classe do I e II bimestres constitui-se na apresentação dessas sequências.

6. SUGESTÃO DE MATERIAL PARA CONSULTA

Atas do Curso de Formação

COLL, César; POZO, Juan Ignacio et al. **Os conteúdos na reforma:** ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais (diferentes áreas)

Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis – 2008

Programa de Formação Continuada de Professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental – pró-letramento (sobretudo séries iniciais)

Livros didáticos adotados pela Escola (diferentes áreas)

Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores

Proposta de planejamento de Língua Portuguesa – 1º ao 9º ano elaborado pela Professora Terezinha Bertin

Florianópolis, 05 de fevereiro de 2010.

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
 Disciplina: História - Professora: Jonete
 Aluna: Emomuelia da Silva - nº 5 - Turma: 81
 Teromopolis, 30 de agosto de 2011

Amita Garibaldi

Amã Maria
 heroína de verdade
 futura Amita Garibaldi.

Casou-se aos 14 anos
 com Manuel Duarte
 separou-se logo depois.

Quando conheceu Giuseppe Garibaldi
 figura lendária.
 homem romântico
 seu amor despertou.
 por ele se apaixonou
 e lutou bravamente
 infelizmente ficou doente
 e não ficou nem
 um pouco contente

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
 Disciplina: Ciências - Prof.^a Ludiane
 Aluna: Lúcia Szamanski N.º 01 T. 71
 Florianópolis, 06 de setembro de 2011

Minha Pirâmide Alimentar

Horário	Alimento	Quantidade
Manhã	Nescaí Cereal	1 porção
	Banana	1
	Leite	1 xícara
Lanche	Maca	1
	água	1/2 copo
Almoço	Arroz	2 colheres
	Feijão	1/2 concha
	Carne	
	Batata Feita	1/2 porção
	Suco Natural	1 copo
	Fruta	1
Lanche	Pão	2 fatias
	Hamburguer	1
	Ovo	1
	Refri	1 copo
Janta	Canja de Galinha	1 prato
	Banana	2
Lanche Noturno	Iogurt	1 tubo
	Maca	1
	Pão	2 fatias
	Presunto/Queijo	1 fatia
		" " " "

Minha alimentação é boa, mas não é ótima. Para melhor ela é preciso que eu coma mais verduras (já que não como nenhuma), mas sem ser isso considere minha alimentação boa e adequada para uma atleta pois eu como fruta, pão, e gordura na medida adequada para mim.

Todo dia tento manter minha alimentação em 6 (seis) refeições diárias (café da manhã, lanche, almoço, lanche da tarde, janta e lanche noturno) mas sempre acabo comendo alguma coisa no meio delas por exemplo uma fruta ou um pedaço de bolo, não sei se isso é correto, ou se interfere no meu corpo.

7.4 PLANEJAMENTO DA PROFESSORA

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO
PLANEJAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA 2011 – 8ª SÉRIE
PROFESSORA: ÂNGELA BEIRITH**

Objetivos gerais de Língua Portuguesa: formar o aluno como leitor e produtor de textos e como um interlocutor mais seguro e mais consciente dos usos da língua e das características que constituem os gêneros – orais e escritos – mais comuns em circulação na sociedade. Valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar.

I BIMESTRE – FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL: PREVISÃO 36 AULAS

Conteúdo	Objetivos	Gênero como conteúdo	Gênero como estratégia	Suporte de informação	Metodologia	Avaliação
A língua na era da informação	Estimular para a percepção das mudanças na língua: quanto à maneira como as pessoas se relacionam e quanto à linguagem.	Crônica	Carta: "A despedida do trema" Letra de música: "Pela internet"	Texto da web Livro didático Mapa geográfico	Leitura e estudo do texto "A despedida do trema" Pesquisa em dicionário sobre o significado de palavras do texto Audição e estudo da letra da música "Pela internet", de Gilberto Gil	Participação durante as aulas Cumprimento das tarefas encaminhadas Produção de parágrafo argumentativo Produção textual: crônica
Linguagem própria (denotativa) e linguagem figurada (conotativa)	Identificar, e perceber, nos textos: linguagem própria (denotativa) e linguagem figurada (conotativa).		Crônica: "A vida pelo telefone"	Livros de literatura Dicionários	Identificação, no mapa, dos locais citados na letra da música Leitura, interpretação e atividades escritas sobre a crônica: "A vida pelo telefone", de Valcyr Carrasco	Prova bimestral Prova bimestral de recuperação
Figuras de linguagem: trocadilho, aliteração, metáfora	Identificar no texto e perceber o uso da rima e de neologismos como recursos de linguagem.					
Escolhas de linguagem: rima Neologismo	Identificar no texto e perceber o uso de figuras de linguagem como recursos de estilo: jogos				Leitura do poema "Neologismo", de Manuel Bandeira	

<p>Argumentatividade</p>	<p>sonoros (alteração, assonância), metáfora, trocadilho.</p> <p>Desenvolver habilidades de leitura: busca e extração de informações não explicitadas, apoiando-se em deduções.</p> <p>Produzir argumentação em torno de um tema.</p>	<p>Crónica "A letra e a cidade"</p>	<p>Levantamento coletivo e registro no quadro de argumentos e contra-argumentos a respeito do uso da tecnologia para a comunicação humana</p> <p>Produção de dois parágrafos argumentativos: vantagens e desvantagens da tecnologia para a comunicação humana</p> <p>Leitura da crónica "A letra e a cidade"</p> <p>Produção de parágrafo argumentativo: aspectos positivos e negativos da quantidade de imagens que fazem parte da paisagem da cidade (p. 15)</p> <p>Realização de exercícios escritos sobre substantivo, artigo, adjetivo e locução adjectiva, numeral; correção coletiva</p> <p>Leitura e estudo da crónica: "Da arte de comer melancia"</p> <p>Leitura de crónicas diversas</p> <p>Produção de uma crónica a partir do mote: "Da arte de..."</p> <p>Exposição dos textos em mural</p>	
<p>Classes de palavras: revisão: substantivo, artigo, adjetivo e locução adjectiva, numeral</p>	<p>Revisar e identificar classes de palavras e sua função no texto.</p> <p>Analisar e revisar o texto com vistas a utilizar os conhecimentos aprendidos em análise linguística na reafecção do texto.</p>			
<p>Características do género crónica</p>	<p>Analisar e revisar o próprio texto com vistas a utilizar os conhecimentos aprendidos sobre o género estudado (crónica)</p>			

II BIMESTRE – MAIO, JUNHO, JULHO: PREVISÃO 38 AULAS

Conteúdo	Objetivos	Gênero como conteúdo	Gênero como estratégia	Suporte de Informação	Metodologia	Avaliação
Romance	Estimular o gosto pela leitura, buscando levar o aluno a fazer dela uma forma habitual de lazer	Romance Os miseráveis, de Victor Hugo		Livro didático	Projeto de leitura: leitura do romance <i>Os miseráveis</i> , de Victor Hugo	Participação durante as aulas
Características do gênero romance	Ampliar o universo cultural dos alunos			Obra traduzida e adaptada <i>Os Miseráveis</i> , de Victor Hugo	Discussão: o que caracteriza uma obra como clássica?	Cumprimento das tarefas encaminhadas
Compreensão e interpretação de textos	Desenvolver habilidades de leitura: busca e extração de informações não explicitadas, apoiando-se em deduções			Dicionários	Introdução à leitura de <i>Os miseráveis</i> por meio da apresentação dos principais personagens da obra	Apresentação de capítulo do livro (Projeto de leitura)
Classes de palavras: revisão de advérbio e locução adverbial	Identificar e utilizar classes de palavras e sua função no texto				Organização das duplas e sorteio das datas para a apresentação dos capítulos do livro	Produção textual: ficha de leitura
Pontuação: uso da vírgula: o apostro e o uso da vírgula: a locução adverbial e o uso da vírgula	Analisar e revisar o texto com vistas a utilizar os conhecimentos aprendidos em análise linguística na refação do texto				Apresentação e discussão de roteiro contendo critérios de apresentação dos capítulos	
Uso de mal/mau	Reconhecer a diferença e entre o advérbio mal e o adjetivo mau				Realização de exercícios escritos sobre advérbio, locução adverbial e pontuação; correção coletiva	
Uso de mas/mais/más	Reconhecer a diferença entre a conjunção mas, advérbio mais e o adjetivo más				Assistência do filme <i>Os Miseráveis</i>	

III BIMESTRE – AGOSTO, SETEMBRO: PREVISÃO 36 AULAS

Conteúdo	Objetivos	Gênero como conteúdo	Gênero como estratégia	Suporte de informação	Metodologia	Avaliação
Romance Crônica e conto Figuras de linguagem: metonímia, ironia, polisíndeto Compreensão e interpretação de textos Cartum	Estimular o gosto pela leitura, buscando levar o aluno a fazer dela uma forma habitual de lazer. Ampliar o universo cultural dos alunos. Disponibilizar informações sobre os romances lidos aos demais alunos da escola Identificar recursos de estilo: metonímia ironia polisíndeto Identificar as características do cartum. Reconhecer cartum como sequência narrativa. Desenvolver habilidades de leitura: busca e extração de informações não explicitadas, apoiando-se em deduções. Reconhecer pronomes como elementos que podem substituir palavras e expressões para evitar repetições e estabelecer coesão entre as partes de	Texto misto (conto e crônica): "Metonímia, ou a vingança do enganado"	Texto informativo Poema Romance Crônica "A atitude suspeita", de Luís Fernando Veríssimo	Livros de literatura Dicionários Livro didático Reprodução prova IFSC-ingresso 2011/02	Projeto de leitura: leitura de romances diversos da biblioteca da Escola Apresentação, pela biblioteca, dos novos livros recebidos pela Escola Estimulo a que os alunos leiam um romance para: ampliar as informações sobre a obra escolhida; registrar sua opinião sobre ela; confirmar/refutar e/ou ampliar as palavras-chave levantadas pela biblioteca sobre o conteúdo de cada obra Ampliação de resumo do romance lido Realização de exercícios escritos sobre pronomes; correção coletiva Atividades de substituição, em textos, de palavras e expressões por pronomes Atividades de reconhecimento, em textos, de pronomes e da relação de coesão que podem estabelecer entre suas partes.	Participação durante as aulas Cumprimento das tarefas encaminhadas Produção textual: ampliação de resumo Prova bimestral Prova Bimestral de Recuperação
Classes de palavras: revisão: pronome pessoal, possessivo, demonstrativo						

<p>Ortografia: uso dos porquês: por que, por quê, porque, porquê</p>	<p>Diferenciar e utilizar adequadamente os diferentes tipos de porque.</p>	<p>Criação de cartazes sobre o uso dos porquês.</p>	
<p>Texto informativo</p>	<p>Analisar e revisar o próprio texto com vistas a utilizar os conhecimentos aprendidos em análise linguística na reatção do texto.</p>	<p>Realização de exercícios escritos sobre uso dos porquês; correção coletiva</p>	
<p>Poema</p>	<p>Familiarizar os alunos ao tipo de avaliação realizada pelo IFSC</p>	<p>Fazer e discutir as questões da prova de ingresso 2011/02 do IFSC</p>	
<p>Tonicidade: fonema/letra vogal, semivogal, consoante; sílaba</p>	<p>Identificar algumas semelhanças e diferenças entre crônica e conto</p>	<p>Leitura e interpretação do texto misto (conto dentro de uma crônica) "Metonímia, ou a vingança do enganado"</p>	
<p>Encontros vocálicos: ditongo, tritongo, hiato</p>	<p>Rever a relação fonema/letra, vogal, consoante, sílaba</p>	<p>Realização de atividades escritas de compreensão e interpretação do texto e correção coletiva</p>	
<p>Encontros consonantais</p>	<p>Reconhecer e diferenciar vogal e semivogal</p>	<p>Realização de exercícios sobre encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos; correção coletiva</p>	
<p>Dígrafos</p>	<p>Reconhecer e diferenciar ditongo, tritongo e hiato</p>	<p>Pesquisa, recorte e colagem, em folhas e cartazes, de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas</p>	
<p>Sinais gráficos: acento agudo, acento circunflexo, acento grave</p>	<p>Rever os sinais gráficos: acento agudo, acento circunflexo, acento grave</p>	<p>Rever a classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica como forma de introdução às regras de acentuação gráfica</p>	
<p>Revisão: classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica: oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas monossílabas átonas e tônicas</p>	<p>Rever a classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica como forma de introdução às regras de acentuação gráfica</p>	<p>Pesquisa, recorte e colagem, em folhas e cartazes, de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas</p>	

7.5 MATERIAIS UTILIZADOS EM SALA NA OBSERVAÇÃO

ATIVIDADE ESCRITA – PRONOMES

Reescreva o texto abaixo alterando o que for necessário para evitar o excesso de repetições. Lembre-se de que os pronomes podem ajudá-lo/lá: necessário para evitar

O endereço das famílias R. e S. é um buraco que fica embaixo de um viaduto sem nome, na Zona Norte de São Paulo. As crianças que moram no local se amontoam para dormir em colchões espalhados pelo chão. Além das péssimas condições de higiene, as crianças correm risco ao brincarem em uma área tão próxima à rua, onde carros passam a mais de cem quilômetros por hora. O “quintal” das crianças é um gramado da marginal Tietê.
As crianças esperam que as autoridades ajudem as crianças a ter uma moradia mais digna.

(CALSAVARA, Katia. Moradia: Embaixo da Ponte, Sem Número. *Folha de S. Paulo*, 27 out.2001. Adaptado)

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Disciplina: Português Professora: Ângela Beirith
Aluno(a): _____ Nº: ____ Turma: ____
Florianópolis, _____ de _____ de 2011.

Nota: _____
Corretor(a): _____

ATIVIDADE - USO DE MAS, MÁS E MAIS

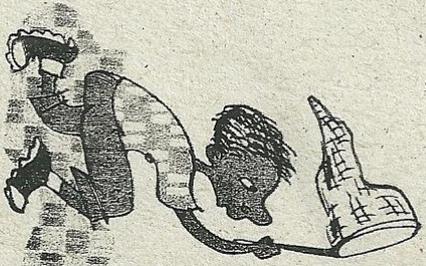
MAS → conjunção; equivale a porém, contudo, entretanto

MÁS → adjetivo (antônimo de boas)

MAIS → advérbio de intensidade

Complete as frases com as palavras **mas**, **más** ou **mais**.

- a) De vez em quando dá briga no jogo, _____ é normal.
- b) Coloque _____ açúcar, _____ não deixe o suco muito doce.
- c) As _____ ações podem até ser perdoadas, _____ dificilmente são esquecidas.
- d) Hoje estou cansada, _____ ainda preciso estudar.
- e) Talvez ele esteja _____ animado amanhã, _____ hoje ele está muito triste.
- f) Valoriza-se _____ o que se conquista com esforço.
- g) Sua companhia não é recomendável, porque ele tem _____ intenções.



por que

porquê

porque

por quê

02/10/2011

1. **Por que:** é empregado em frases interrogativas diretas ou indiretas:
Por que você se foi? (interrogativa direta)
 “Não sei **por que** você se foi, quantas saudades eu senti...” (interrogativa indireta)
2. **Por quê:** é empregado em final de frases interrogativas:
 O seu telefone não está chamando **por quê?**
3. **Por que:** é empregado em frases em que pode ser substituído por **pelo qual/pela qual:**
 Um grande congestionamento foi a razão **por que** me atrasei.
 A rua **por que** passo todos os dias está alagada.
4. **Porque:** é empregado em respostas ou explicações. Pode ser substituído por **pois:**
 Termine logo a atividade **porque** o tempo está se esgotando. (explicação)
 Clarice não foi à aula **porque** estava doente. (causa)
5. **Porquê:** é empregado em frases em que pode ser substituído por **o motivo.** Quando substantivado (geralmente acompanhado de artigo), recebe acento gráfico:
 Você não esclareceu o **porquê** de sua raiva.

7.6 QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
8ª série – Turma 81

1) Onde você mora?

2) Quantas pessoas moram com você?

3) Qual o meio de transporte que você usa para vir para a escola?

4) Qual é o seu estilo musical preferido? E filmes?

5) O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

6) Você possui computador em casa? E internet?

7) Você costuma pegar livros na biblioteca? De que tipo?

7.7 AMOSTRA DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Nome: Alexandre Yaroni n.º 1

Turma 81

(A) Em que bairro você mora? Que meio de transporte você usa para vir para a escola?

Centro, Latão (ônibus)

(B) Quantas pessoas moram com você?

3 mãe eu, irmã e meu cachorro (Furacão)

(C) O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ficar no computador e sair com os amigos

(D) Qual o seu estilo de música favorito? E de filmes?

Ragga, Terror

(E) Você possui computador em casa? E internet?

Claro que sim sim

(F) Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca? Quais tipos de livros?

qual quer livro

8

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza BritoNome: Karina Goetten

Turma 81

(A) Em que bairro você mora? Que meio de transporte você usa para vir para a escola?

Quando chove venho de ônibus e não venho à pé. E moro no Saco dos Guimarães.

(B) Quantas pessoas moram com você?

moram 5 pessoas. eu, minha mãe e os meus 2 irmãos.

(C) O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

gosto de ver TV, jogar bola e ir na casa dos vizinhos.

(D) Qual o seu estilo de música favorito? E de filmes?

gosto de pagode, funk, pop. E de filmes gosto de comédia, romance e terror.

(E) Você possui computador em casa? E internet?

não.

(F) Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca? Quais tipos de livros?

Pego bem poucos e todos que eu peguei foi sobre fatos reais coisas da vida mesmo tipo crimes, droga vários tipos.



19

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Nome: Marina Julia Ucho

Turma 81

(A) Em que bairro você mora? Que meio de transporte você usa para vir para a escola?

Ucho no Bairro Pombal e uso de ônibus e nem venho de carro para escola, para escola venho a pé.

(B) Quantas pessoas moram com você?

No momento eu moro com minha mãe, minha tia Sandra e minha prima Tainara.

(C) O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Particularmente gosto de colodiar, ser sexta e dormir.

(D) Qual o seu estilo de música favorito? E de filmes?

Rock, Hip Hop, eletrônica, Rap e Funk.

Filmes que me interessam é Jaxxon e comédia.

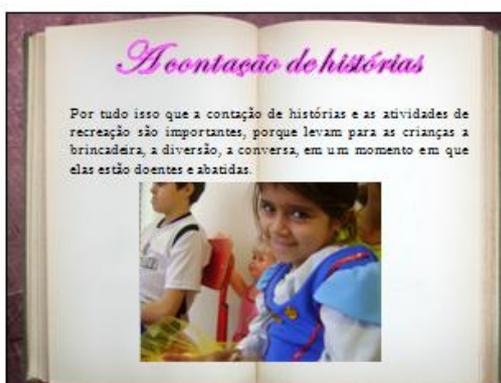
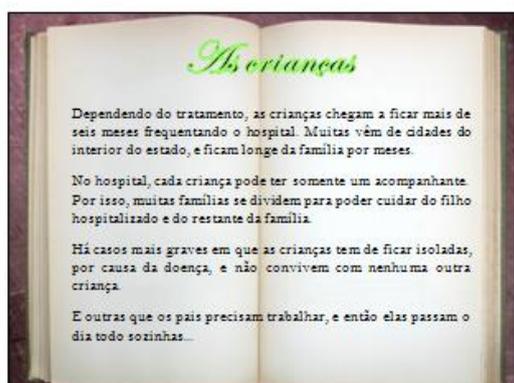
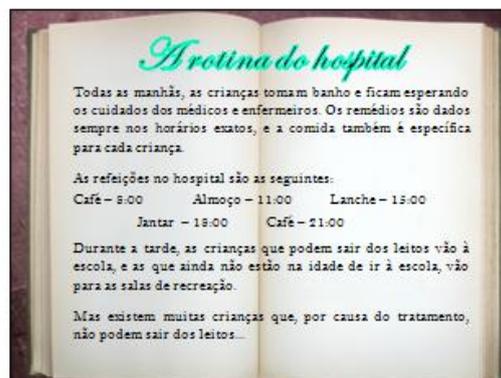
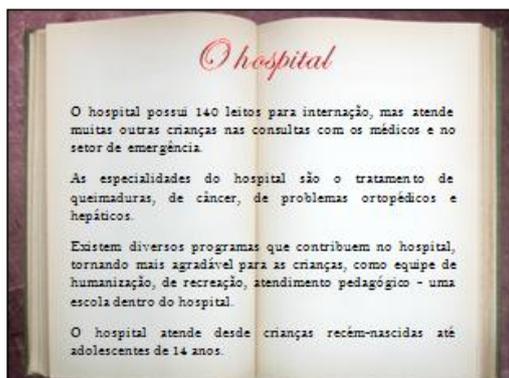
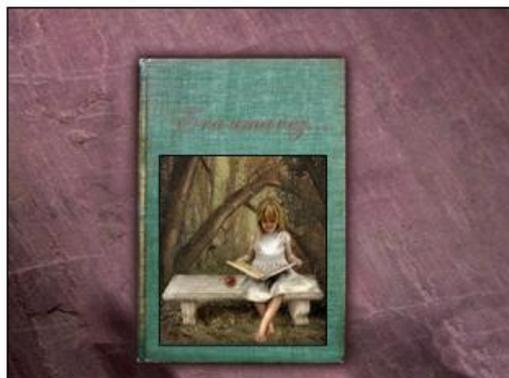
(E) Você possui computador em casa? E internet?

Sim possui mas não tenho internet, apenas em celular.

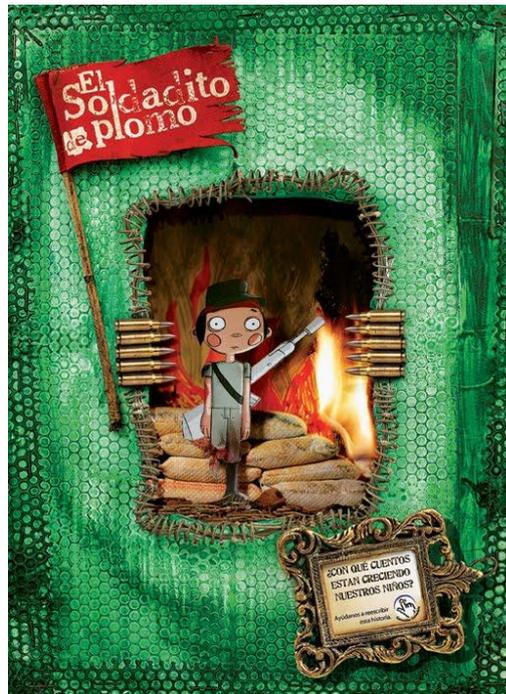
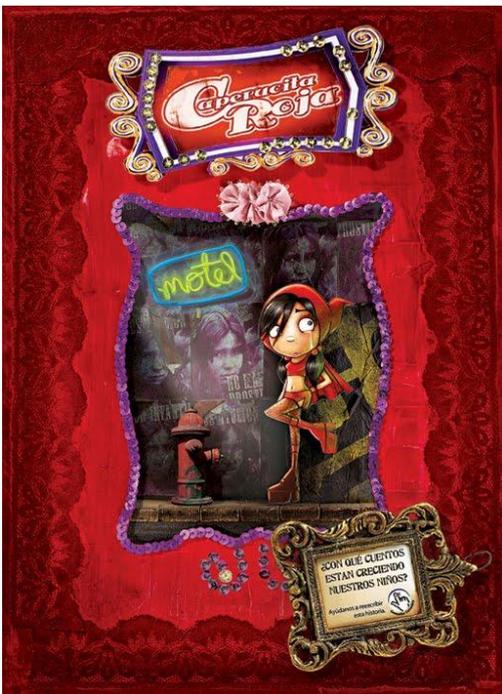
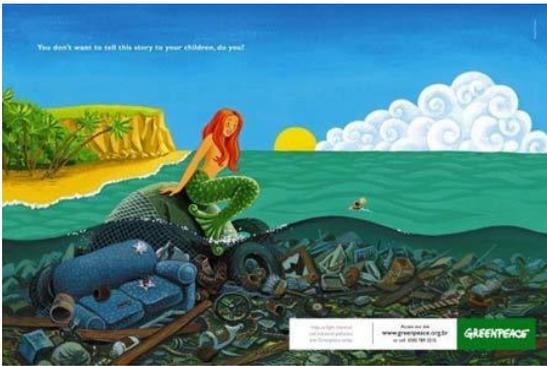
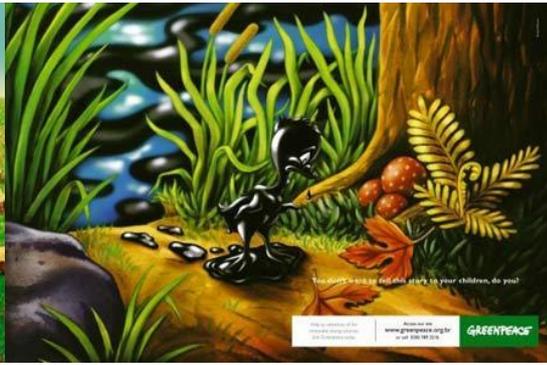
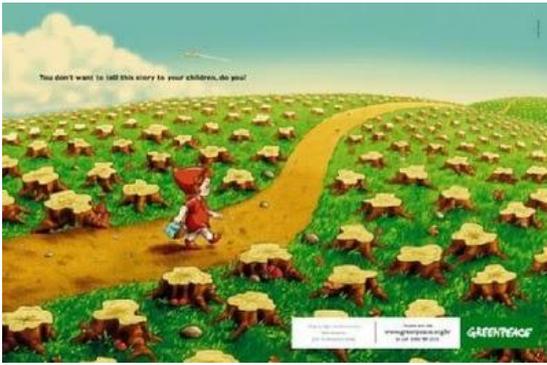
(F) Com que frequência você pega livros emprestados na biblioteca? Quais tipos de livros?

Uma por semana e gosto de ler romances e contos que falam sobre a realidade.

7.8 MATERIAIS UTILIZADOS NA DOCÊNCIA









O Boticário

USE O BOTICÁRIO
E PONHA O LOBO MAU
NA COLEIRA.

O Boticário

CONTO DE FADAS
MODERNO NÃO TEM FADAS,
MAS CONSULTORAS
DO BOTICÁRIO.

O Boticário

PARA QUE VARINHA
DE CONDÃO QUANDO SE TEM
MAQUIAGEM O BOTICÁRIO?

O Boticário

USE O BOTICÁRIO
E NÃO DEIXE O DRAGÃO
SAIR DE PERTO.

JOÃO E MARIA

Era uma vez um menino chamado João e sua irmã Maria, que moravam em uma casa perto da floresta. Um dia, sua mãe pediu que fossem buscar galhos secos para acender o fogo. Não precisavam trazer muitos, apenas o bastante para acender a lareira.

- Não vão muito longe. Os galhos que temos aqui perto já servem, não vão se perder por aí...

- Pode deixar, mamãe, vamos voltar logo!

E lá se foram os dois procurar gravetos secos por ali, entre várias brincadeiras. Não queriam ir longe, mas estavam tão curiosos com a floresta que resolveram arriscar só um pouquinho.

Maria teve uma ideia genial: foi marcando todo o caminho, para saber por onde voltar: assim não iriam se perder. E brincaram à vontade.

Já estava querendo escurecer quando resolveram voltar. Maria foi logo procurando os pedacinhos de pão que deviam estar marcando o caminho, mas...

Os passarinhos que moravam ali estavam achando ótimo aquele lanchinho, e não deixaram nem um miolinho de pão sobrar. Não havia como achar o caminho de volta para casa. A ideia de marcar o caminho tinha sido ótima, mas não com pedacinhos de pão.

- Agora estamos os dois com fome e perdidos!

Andaram de um lado para outro, mas nada de encontrar o caminho de casa, cada vez mais escuro.

A noite já tinha chegado, quando João teve uma boa ideia:

- Vou subir na árvore mais alta e ver se encontro alguma casa para passarmos a noite.

Maria achou ótimo, pois já estava muito assustada com os ruídos da noite na floresta. E João encontrou alguma coisa:

- Tem uma luz daquele lado! Vamos lá ver!

Os dois correram na direção da luz acesa da casa mais próxima.

Ao chegarem, viram uma velhinha que parecia muito boazinha e sorridente.

- Venham cá! Venham, meus amiguinhos. Aqui vão encontrar muita comida gostosa.

(os dois estavam morrendo de fome)

Então viram a casa de perto:

- Uuuuuau!

As paredes eram de chocolate com castanhas, o telhado era de brigadeiro, as portas de biscoito fresquinho, as janelas de gelatina, tudo enfeitado com caramelo, sorvete e balas coloridas. Uhhmm!

- Comam tudo, meus amiguinhos, é para vocês. Depois podem descansar em camas fofinhas e bem quentinhas. Amanhã acharemos a casa de vocês.

E os dois obedeceram contentes, e acabaram dormindo cansados de um dia tão cheio.

Acordaram antes de o sol nascer, pensando que estavam na maravilhosa casa de doces.

Mas, que nada:

A casa tinha desaparecido como se fosse mágica. Em seu lugar havia uma horrível casa de bruxa, com morcegos e tudo.

Uma gargalhada terrível vinha da escada, por onde chegou a bruxa malvada com sua coruja:

- *Pensaram que iam escapar, não? Vão ficar presos aqui para sempre, e nunca mais vou deixar que voltem para casa. Ha! Ha! Ha!*

A bruxa mandou Maria para a cozinha preparar comida para todos: agora ela era a empregada da casa. Tinha que fazer todo o serviço, *se não...*

Prendeu João numa gaiola e disse:

- *Menino: trate de ficar bem gordinho! Quando estiver pronto, vai virar o meu jantar especial. Ha! Ha! Ha!*

Maria foi a primeira a reparar que a bruxa malvada não enxergava bem. Tudo ela trazia bem perto dos olhos para ver direito.

Para saber se João estava engordando bem, toda noite chamava o menino e mandava que mostrasse o seu dedinho da mão. Apertava bem, e dizia que ainda estava muito magrinho.

- *Maria! Faça mais comida! Ele tem que engordar. Depressa!*

João, preso na gaiola já nem sentia fome, de tão triste que estava. Queria voltar a ser livre, correr solto com seus amigos e brinquedos. Lembrava bem como isso era bom.

Maria tentava encontrar uma saída para os dois, enquanto fazia o serviço sem nenhum brinquedo. Tinha saudades de tudo em casa, mas como enganar a bruxa e fugir?

Foi na cozinha que teve uma ideia:

Colocou para assar no espeto uma galinha, escondendo um ossinho comprido e bem fininho. Quando levou a comida para João, disse a ele bem baixinho, para a bruxa não escutar:

- *Esconda este ossinho para fingir que é seu dedo bem magrinho e enganar a bruxa. Ela não enxerga quase nada...*

- *Quietos aí! Quem disse que podem conversar?*

Desse dia em diante, João sempre mostrava o ossinho para a bruxa apertar quando ela queria saber se ele já estava bem gordinho.

- *Maria! Esse menino está magro como um palito. Faça mais comida!*

E Maria fazia muitas coisas para que os dois ficassem bem fortes para poder fugir.

Em toda parte, a menina procurava o lugar onde a bruxa escondia a chave da gaiola, mas não conseguia encontrar. Tudo agora dependia da força de João para fugirem dali.

Naquela noite, João se esforçou muito, e acabou conseguindo soltar a grade da gaiola. Tinha ficado bem forte, e a bruxa nem sabia disso.

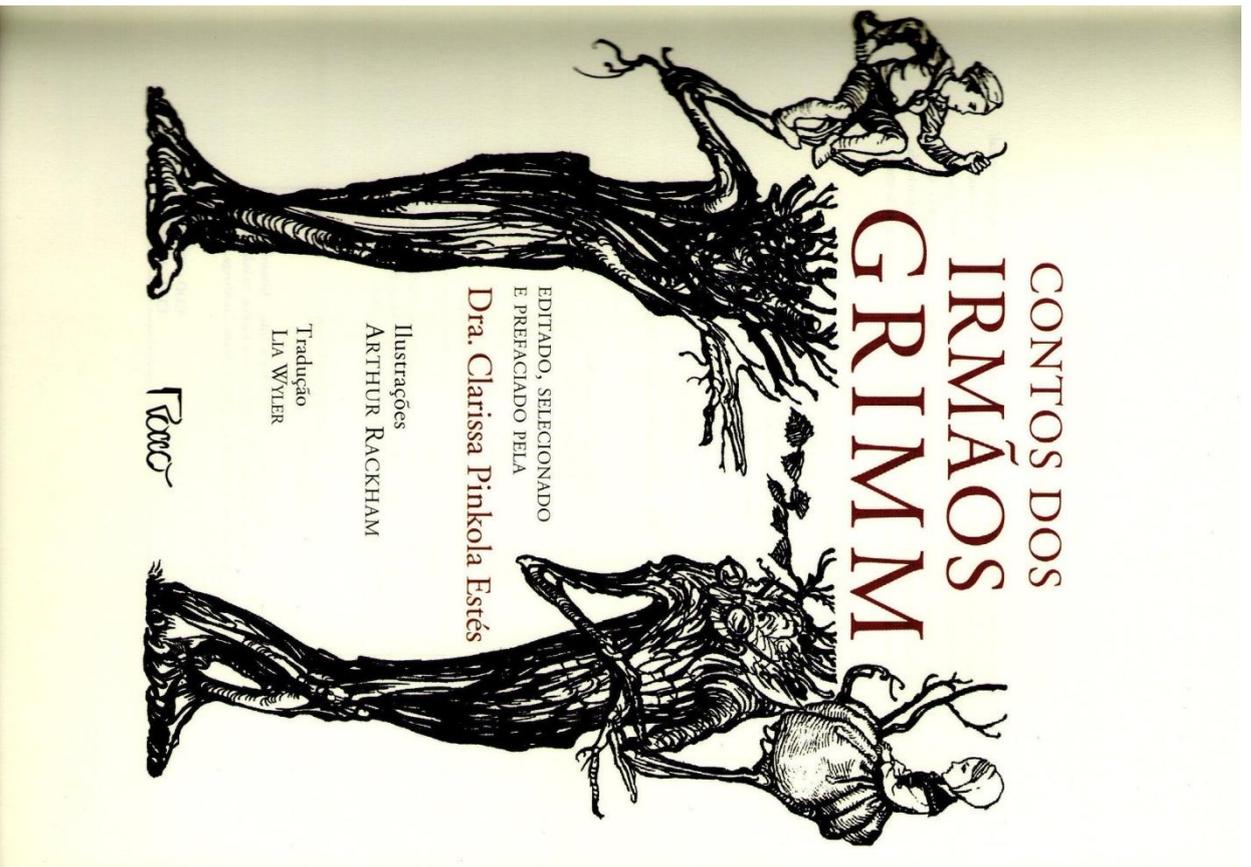
Os dois correram para se esconder na floresta antes que a bruxa acordasse. Na luz do dia, conseguiram achar o caminho de casa, e nunca mais voltaram naquele lado da floresta.

FIM

© Copyright 2001 - 2002 Flávia Feijó. Todos direitos reservados

Disponível em <http://feijo.com/~flavia/joaomaria.html>

JOÃO E MARIA – IRMÃOS GRIMM



JOÃO E MARIA



PERTO DE UMA VASTA FLORESTA vivia um lenhador com a mulher e dois filhos dele. O menino se chamava João e a menina, Maria. Eles sempre foram muito pobres e não tiveram muito o que comer; mas um dia houve uma grande fome em sua terra, e não puderam mais comprar o pão de cada dia.

Certa noite o homem estava deitado na cama preocupando-se com seus problemas, então suspirou e disse à mulher:

— Que vai ser de nós? Como vamos alimentar nossas pobres crianças quando não temos nada para nós?

— Vou lhe dizer, marido, amanhã as levaremos bem cedo para a parte mais densa da floresta. Acenderemos uma fogueira e daremos a elas um pedaço de pão; então iremos trabalhar e as deixaremos sozinhas. Não conseguirão encontrar o caminho de volta e assim nos livraremos delas.

— Não, mulher — disse o homem —, não faremos isso. Eu nunca teria coragem de deixar meus filhos sozinhos na floresta, as feras logo os estragariam.

— Como você é bobo! Então nós quatro vamos morrer de fome. Pode ir preparando logo as tábuas para os nossos caixões.

E não deu descanso ao marido até ele concordar.

— Ainda assim me entristeço pelas pobres crianças.

Os dois irmãos também não conseguiam dormir por causa da fome e ouviram o que a madrasta estava dizendo ao pai.

Maria chorou de amargura:

— É o nosso fim agora!

— Fique quieta, Maria! — consolou-a João. — Não chore, encontrarei uma saída.

Quando os mais velhos já tinham adormecido ele se levantou, vestiu seu casaco e saiu sem fazer barulho. A lua estava muito clara e as pedrinhas

brancas ao redor da casa brilhavam como moedas recém-cunhadas. João abaixou e encheu os bolsos com todas que pôde.

Voltou então para Maria e disse:

— Fique tranquila, maninha, e vá dormir. Deus não vai nos abandonar! — E ele também foi dormir.

Quando o dia raiou, antes de o sol aparecer, a mulher chamou:

— Levantem, seus preguiçosos, vamos à floresta buscar lenha.

Então deu um pedaço de pão a cada um.

— Isso é para o almoço de vocês, mas não comam antes da hora, porque não ganharão mais.

Maria guardou o pão embaixo do avental, pois João tinha os bolsos cheios de pedras. E rumaram todos para a floresta.

Quando se distanciaram um pouco, João parou para olhar a casa e voltou a fazer isso várias vezes.

O pai perguntou:

— João, está parando para olhar o quê? Preste atenção e não pare.

— Ah, pai — respondeu o menino —, estou olhando para o meu gato branco sentado no telhado, querendo se despedir de mim.

— Bobinho! Aquilo não é um gato, é o reflexo do sol da manhã na minha minhé.

João não estivera olhando o gato, mas deixando cair uma pedrinha no chão toda vez que parava. Quando já iam longe pela floresta, o pai disse:

— Agora, crianças, catem um pouco de lenha. Quero fazer uma fogueira para aquecê-las.

João e Maria juntaram uns gravetos e dali a pouco tinham feito uma enorme pilha. Então o pai acendeu a pilha e, quando o fogo pegou, a mulher disse:

— Agora deitem-se perto da fogueira e descansem enquanto corríamos lenha; quando terminarmos voltaremos para buscá-los.

João e Maria se sentaram ao pé da fogueira e, quando chegou a hora do almoço, cada um comeu o seu pedacinho de pão, achando que o pai estava



bem próximo porque podiam ouvir o ruído do machado. Mas não era o machado, era um galho que o homem amarrara a uma árvore seca e que batia quando balançava para a frente e para trás. As crianças ficaram ali tanto tempo que se cansaram, seus olhos começaram a fechar e logo ferraram no sono.

Quando acordaram estava muito escuro. Maria começou a choramingar:

— Como é que vamos sair da floresta?

Mas João consolou-a:

— Espere um pouco até a lua nascer e logo acharemos o nosso caminho.

Quando a lua cheia subiu, João pegou a mão da irmãzinha e começaram a seguir os seixos que brilhavam como moedas recém-cunhadas. Caminharam a noite inteira e pela manhã depararam com a casa do pai.

Eles bateram à porta e, quando a mulher abriu e viu as duas crianças, disse:

— Que meninos malcomportados, por que dormiram tanto na floresta? Achamos que vocês não pretendiam mais voltar.

Mas o pai ficou contente, porque seu coração se condoera ao abandoná-los. Não demorou muito, o casal estava novamente na penúria, e as crianças ouviram a mulher deitada à noite dizer ao marido:

— Comemos tudo outra vez, a não ser a metade de um pão, depois não teremos mais nada. As crianças precisam ir embora; nós as levaremos mais para o fundo da floresta para que não possam encontrar o caminho de volta. Não resta mais nada a fazer.

O homem ficou muito penalizado e disse:

— É melhor reparirmos o último pedaço de pão com as crianças.

Mas a mulher não quis escutá-lo, só fez ralar com o marido e censurá-lo. Uma pessoa que já concordou uma vez tem de concordar duas, e ele, tendo cedido da primeira vez, logo teve de ceder uma segunda. As crianças mais uma vez estavam bem acordadas e ouviam a conversa.

Quando os mais velhos foram dormir João novamente levantou-se com a intenção de sair e arrastar mais pedrinhas, mas a mulher trancaera a porta e ele não pôde sair. Consolou porém a irmãzinha dizendo:

— Não chore, Maria, vá dormir. Deus nos ajudará.

Muito cedo no dia seguinte a mulher fez as crianças se levantarem e deu a cada uma um pedaço de pão ainda menor que o da vez anterior. A criança do lado da floresta João esfarelou-o dentro do bolso e de vez em quando parava para atirar uma migalha no chão.

— João, por que está parando para olhar para os lados? — perguntou o pai.

— Estou tentando ver a minha pomba que está pousada no telhado e quer se despedir de mim — respondeu o menino.



— Que rolinho! — disse a mulher. — Aquilo não é uma pomba, é o reflexo do sol da manhã na chaminé.

Ainda assim, João foi espalhando os farelos aqui e ali. A mulher se embrenhou na floresta com as crianças até onde nunca tinham estado na vida. Mais uma vez armaram uma fogueira e ela disse:

— Fiquem aqui, crianças, e quando estiverem cansadas podem dormir um pouco. Vamos mais adiante cortar lenha, e, à noite, quando tivermos terminado, voltaremos para buscá-las.

Na hora do almoço Maria dividiu seu pão com João, porque o irmão havia esfarelado o dele no caminho. Depois foram dormir e a noite chegou, mas ninguém veio buscar as pobres crianças.

Já estava bem escuro quando eles acordaram e João animou a irmazinha:

— Espere um pouco, Maria, até a lua nascer, então poderemos ver as migalhas de pão que espalhei para marcar o caminho de casa.

Quando a lua subiu eles começaram a andar, mas não encontraram as migalhas, os milhares de pássaros na floresta haviam ciscado e comido tudo.

João disse à Maria:

— Logo encontraremos o caminho.

Mas não puderam encontrá-lo. Caminharam a noite inteira e todo o dia seguinte, da manhã à noite, e não conseguiram sair da floresta.

Sentiam muita fome, pois não tinham comido nada além de alguns frutos que encontraram. Estavam tão cansados que suas pernas não aguentavam mais caminhar e se deitaram embaixo de uma árvore para dormir.

Quando acordaram de manhã, era o terceiro dia desde que haviam saído da casa do pai. Recomeçaram a caminhar, mas só conseguiram se embrenhar ainda mais na floresta, e se não aparecesse socorro logo iriam perecer.

Ao meio-dia, viram um bonito pássaro branco como a neve pousado em uma árvore. Tinha um canto tão belo que as crianças pararam para escutá-lo. Então a ave se calou, bateu as asas e voou em volta deles. As crianças a seguiram e chegaram a uma casinha em cujo telhado a ave pousou.

Quando se aproximaram, viram que a casinha era feita de biscoitos, o telhado de bolo e as janelas eram de açúcar-cande.

— Isso é exatamente o que queremos — disse João. — Vamos fazer uma boa refeição. Vou comer um pedaço do telhado, Maria, e você pode comer um pedacinho da janela, será bem gostoso.

João se esticou e partiu uma migalha de bolo para experimentar que gosto tinha. Maria foi até a janela e deu uma mordidinha. Uma voz meiga chamou de dentro da casa:

— Rói, rói como um ratinho.
Quem está roendo minha casinha?

As crianças responderam:

— É o vento, na terra sopra o vento.
Vento que desce do firmamento.

E continuaram a comer sem se incomodar. João, que achara o rebuscado muito gostoso, partiu uma boa fatia; Maria tirou uma vidraça inteira da janela e se sentou no chão para se deliciar.

De repente a porta se abriu e uma velha muito velha, que se apoiava em uma muleta, saiu mancando. João e Maria levaram tal susto que largaram o que tinham nas mãos.

Mas a velha apenas sacudiu a cabeça e disse:

— Ah, queridas crianças, que foi que as trouxe aqui? Entrem e fiquem comigo, nada de mau lhes acontecerá.

Ela tomou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Serviu-lhes um belo almoço, panquecas com açúcar, leite, maçãs e nozes. Depois mostrou-lhes duas caminhas brancas em que eles se deitaram pensando que estavam no paraíso.

A velha, embora parecesse muito simpática, era na realidade uma velha bruxa malvada que ficava à espreita de crianças e construía a casa de biscoitos para atraí-las. Sempre que conseguia capturar uma criança ela a cozinhava e a comia, considerando tudo um belo banquete. As bruxas têm olhos vermelhos e não enxergam muito longe, mas têm o olfato apurado como os bichos e percebem a aproximação dos seres humanos.

Quando João e Maria se aproximaram, ela riu maldosamente com seus botões e disse com desdém:

— Agora apanhei-os, eles não me escaparão.

Levantou-se cedo na manhã seguinte antes de as crianças acordarem e quando as viu adormecidas com lindas bochechas rosadas, murmurou: "Vão dar um petisco saboroso."

Segurou João com a mão ossuda e levou-o para um estábulo onde o prendeu atrás de uma porta com grades. Ele poderia gritar o quanto quisesse se que ela não se incomodaria. Foi em seguida buscar Maria, sacudiu-a até acordá-la e gritou:

— Levante-se, preguiçosa, vá buscar água e cozinhe uma coisa gostosinha para o seu irmão; ele está no estábulo e tem de ser engordado. Quando estiver bem gordo eu o comerei.



Maria começou a chorar de amargura, mas não adiantou, teve de obedecer às ordens da bruxa. A melhor comida era preparada para o pobre João, Maria só comia cascas de camarão de água doce.

Toda manhã a velha ia mancando até o estábulo e gritava:

— João, me mostre o seu dedo para eu ver o quanto você já engordou. João estendia um ossinho e a velha, que tinha a vista fraca e não enxergava direito, pensava que era um dedo e ficava muito admirada que o menino não engordasse.

Como se passaram quatro semanas e João continuava magro, ela ficou impaciente e não quis mais esperar.

— Agora, Maria — gritou —, mexa-se e vá buscar água. Gordo ou magro, amanhã vou matar e comer João.

Ah, como a pobrezinha chorou. Enquanto carregava a água, as lágrimas escorriam por suas faces.

— Meu bom Deus, nos ajude! — pediu. — Se as feras na floresta tivessem nos devorado, ao menos teríamos morrido juntos.

— Pode poupar as lamentações, não vão adiantar — disse a velha.

Cedo pela manhã Maria teve de sair para encher a chaleira com água depois acender o fogão e pendurar a chaleira para a água ferver.

— Primeiro vamos assar o pão — disse a bruxa. — Já esquentei o forno e preparei a massa.

E empurrou a pobre Maria na direção do forno, dizendo:

— Entre para ver se está bem aquecido e então poremos o pão aí dentro. Ela pretendia, quando Maria tivesse entrado, fechar a porta do forno e assá-la.

Mas a menina percebeu sua intenção e respondeu:

— Não sei como entrar. Como devo fazer?

— Sua pateral! — exclamou a bruxa. — A porta é bastante grande, você pode ver que até eu poderia entrar!

A bruxa se aproximou e meteu a cabeça no forno. Mas Maria deu-lhe um empurrão que a arremessou para dentro, em seguida bateu a porta e passou a tranca no forno.

— Oh! Oh! — ela começou a dar gritos horríveis. Mas Maria fugiu e deixou a bruxa morrer sozinha.

Correu então o mais rápido que pôde ao estábulo. Abriu a porta e gritou: — João, você está salvo. A bruxa velha morreu.

João saltou como um pássaro para fora da gaiola quando Maria abriu a porta. Como os dois ficaram contentes! Caíram nos braços um do outro, beijaram e dançaram de felicidade.

Não havendo mais nada a temer, entraram na casa da bruxa e encontraram arcaas cheias de pérolas e pedras preciosas por todo canto.

— São melhores que as pedrinhas — disse João enquanto enchia os bolsos.

— Preciso levar alguma coisa para casa também — comentou Maria e encheu o avental.

— Agora temos de ir — lembrou João —, precisamos conseguir sair desta floresta encantada.

Não tinham ido muito longe quando depararam com um lago.

— Não podemos atravessá-lo — disse João —, não estou vendo pedras submersas nem ponte.

— E também não há barcos. Mas tem um pato nadando. Ele nos ajudará se lhe pedirmos. — Então Maria gritou:

— Não tem caminho nem ponte

e não poderemos passar.

Nos leve depressa nas costas, patinho que está aí a nadar!

O pato veio nadando ao seu encontro, João montou em suas costas e disse à irmã para sentar em seu colo.

— Não — respondeu Maria —, ficará pesado demais para o pato; ele precisa nos levar um de cada vez.

A boa ave assim fez e, quando estavam na outra margem sãos e salvos, caminharam durante mais algum tempo. A floresta começou a parecer familiar, e por fim avistaram ao longe a casa do pai. Saíram correndo e irromperam pela casa, onde se atiraram ao pescoço do pai. O homem não tivera um único minuto de felicidade desde que abandonara os filhos na floresta. E nesse meio-tempo sua mulher morrerá também.

Maria sacudiu o avental e espalhou as pérolas e as pedras preciosas por todo o chão, e João acrescentou outro tanto que foi tirando aos punhados dos bolsos.

Com isso todas as suas aflições terminaram e eles viveram juntos na maior felicidade possível.

A GATA BORRALHEIRA – IRMÃOS GRIMM



A GATA BORRALHEIRA



A MULHER DE UM RICAÇO ADOECIU e, quando sentiu que seu fim se aproximava, chamou a única filha do casal ao seu quarto e disse: — Filha, querida, continue a ser devota e boa, assim Deus sempre a ajudará, e lá do céu eu olharei por você e a protegerei.

Dizendo isso a mulher fechou os olhos e deu o último suspiro.

A menina continuou sendo devota e boa, e todo dia ia ao túmulo da mãe e chorava. Quando chegou o inverno, a neve cobriu o túmulo com um manto branco, e quando o sol de primavera tornou a descobri-lo, o homem não chamou outra vez. A nova mulher trouxe suas duas filhas, que eram agradáveis e bonitas por fora, mas malvadas e feias por dentro.

Assim começou um período de tristezas para a infeliz enteada.

— Essa pateta vai se sentar conosco na sala? — perguntavam elas.

— Quem quer comer o pão tem de trabalhar para ganhá-lo; vá se sentar com a ajudante de cozinha.

Confiaram-lhe suas roupas bonitas, a fizeram vestir uma roupa cinzenta e lhe deram tamancos de madeira para calçar.

— Olhem só como a orgulhosa princesa está bem-vestida — caçoaram ao ouvi-la para a cozinha. Ali a menina foi obrigada a fazer trabalhos pesados de manhã à noite, a se levantar com o nascer do sol, a carregar água, acender o fogão, cozinhar e lavar. Não satisfeitas, as irmãs lhe infligiam todos os vexames em que conseguiam pensar; zombavam dela e atiravam ervilhas e lentilhas no borralho para obrigá-la a se sentar para catá-las. À noite, quando ela estava exausta de tanto trabalhar, não tinha cama a que se recolher e ia se deitar no fogão sobre as cinzas. Por isso parecia sempre empoetada e suja e chamavam Borralheira.

Aconteceu um dia que o pai decidiu ir a uma feira. Perguntou então às duas enteadas o que gostariam que ele lhes trouxesse.

– Roupas finas – disse uma.
– Pérolas e joias – disse a outra.

– E você, Cinderela? – perguntou ele. – Que gostaria?

– Pai, quebre o primeiro galho que roçar o seu chapéu quando estiver voltando para casa.

Muito bem, para as duas enteadas ele trouxe belas roupas, pérolas e joias, e na volta para casa, ao passar por um arvoredo verdejante, roçou nele um raminho de aveleira que derrubou o seu chapéu. Então o homem partiu-o e levou.

Quando chegou em casa deu às duas enteadas o que haviam pedido e à Borrallheira deu o raminho de aveleira.

Borrallheira agradeceu ao pai, foi ao túmulo da mãe e ali plantou o raminho; chorou tanto que suas lágrimas o regaram, e o raminho criou raízes e se tornou uma bela árvore.

Borrallheira ia ao túmulo três vezes por dia, chorava e rezava, e todas as vezes um passarinho branco vinha se empoletrar na árvore; quando ela formulava um desejo, o passarinho lhe atirava o que pedira.

Então aconteceu que o rei anunciou um festival de três dias ao qual todas as moças bonitas do reino foram convidadas para que seu filho, o príncipe, pudesse escolher uma noiva.

Quando as duas enteadas souberam que também iriam comparecer, ficaram muito animadas, chamaram Borrallheira e disseram:

– Escove os nossos cabelos e limpe os nossos sapatos e afovele nossos cintos, porque vamos à festa no palácio do rei.

Borrallheira obedeceu, mas chorou, porque teria gostado de acompanhar-las ao baile, e pediu à madrastra licença para ir também.

– Você, Borrallheira! – exclamou. – Ora, você está coberta de cinzas e sujeira. Você ir ao festival! Nem ao menos tem roupas e sapatos, e ainda assim quer ir ao baile?

Como ela continuasse a insistir, a madrastra disse:

– Muito bem, joguei um prato de lentilhas no borralho. Se você as catar em duas horas poderá ir conosco.

A moça saiu pela porta dos fundos para ir ao jardim e disse:

– Pombo genitis, rolinhas e passarinhos que há no céu, venham me ajudar.

As boas no prato separam, as ruins levem para plantar.

Então dois pombos brancos entraram pela janela da cozinha, no que tinham seguidos pelas rolinhas, e finalmente todos os passarinhos no céu vieram pindo e pousaram no borralho. E os pombos disseram sim com a cabeça, e bica puseram todas as lentilhas boas no prato. Nem bem tinha hora se passara, eles tinham terminado e tomado a sair pela janela.

Então a menina levou o prato para a madrastra, contente, pensando que agora poderia acompanhá-las à festa.

Mas a madrastra disse:

– Não, Borrallheira, você não tem roupas e não sabe dançar; só irão tirar você.

Mas quando a menina começou a chorar, a madrastra disse:

– Se em uma hora você conseguir catar dois pratos cheios de lentilhas do borralho, poderá ir conosco.

E pensou: “Ela jamais conseguirá fazer isso.”

Depois que a madrastra atirou os pratos de lentilha no borralho, a moça saiu pela porta dos fundos e chamou:

– Pombo genitis, rolinhas e passarinhos que há no céu, venham me ajudar.

As boas no prato separam, as ruins levem para plantar.

Então dois pombos brancos entraram pela janela da cozinha, no que tinham seguidos pelas rolinhas, e finalmente todos os passarinhos no céu vieram pindo e pousaram no borralho, e em menos de uma hora tudo tinha sido catado e eles tinham partido.

Então a moça levou o prato para a madrastra, alegre, pensando que agora poderia acompanhá-las à festa.

Mas a madrastra disse:

– Não adiantou nada. Você não pode ir conosco porque não tem roupa e não sabe dançar. Sentiríamos muita vergonha de você.

E dizendo isso deu-lhe as costas e saiu apressada com suas orgulhosas filhas.

Assim que elas saíram de casa, Borrallheira foi ao túmulo da mãe sob a aveleira e disse:

– Balance e trema, arvoreta amada,
e me cubra toda de ouro e prata.

Então o pássaro lhe atirou um vestido de ouro e prata e um par de sapatos bordados com fios de seda e prata. Às pressas ela se vestiu e foi. Mas a

madrasta e suas filhas não a reconheceram e acharam que ela era uma princesa estrangeira, tão bela estava com seu vestido dourado. Nem pensaram em Borrallheira, imaginaram que estivesse sentada ao pé do borralho carando as lentilhas nas cinzas.

O príncipe se aproximou da desconhecida, tomou-a pela mão e dançaram. De fato, ele não quis dançar com mais ninguém e em nenhum momento largou a mão da moça. Se alguém se aproximava e a convidava para dançar, ele dizia: "Ela é o meu pai."

Borrallheira dançou até anoitecer, e então quis se retirar, mas o príncipe disse:

— Vou acompanhá-la a sua casa.

Ele queria ver a quem a bela moça pertencia. Mas Borrallheira escapou do príncipe e correu para o pombal.

Então o príncipe esperou o pai dela chegar em casa e lhe contou que a moça desconhecida desaparecera no pombal.

O velho pensou: "Seria Borrallheira?" E mandou trazer um machado para demolir o pombal, mas não havia ninguém lá dentro.

Quando chegaram em casa, lá estava Borrallheira com suas roupas sujas no meio das cinzas e um lampião a óleo brilhando fracamente a um canto do fogão. Ela descera do pombal sem fazer barulho e corra de volta à aveleira. Ali despira seus belos trajes, estendera-os sobre o túmulo e um passarinho os levava embora. Em seguida ela se acomodara no borralho do fogão com sua roupa velha e cinzenta.

No segundo dia, quando começou a festa e seu pai, a madrastra e as filhas já haviam saído, Borrallheira dirigiu-se à aveleira e disse:

— Balance e trema, arvoretá amada,
e me cubra toda de ouro e prata.

Então o passarinho lhe atirou roupas ainda mais bonitas do que as do dia anterior. E quando ela apareceu na festa assim vestida, todos ficaram assombrados com a sua beleza.

O filho do rei aguardava sua chegada e imediatamente tomou-a pela mão, e ela não dançou com mais ninguém. Quando os outros se aproximavam para convidá-la a dançar ele dizia: "Ela é o meu pai."

Ao anoitecer Borrallheira quis se retirar, mas o príncipe a seguiu na esperança de ver em que casa entrava, mas ela correu para o quintal de sua casa. Ali havia uma grande árvore da qual pendiam peras deliciosas. A moça subiu

por entre os galhos com mais agilidade que um esquilo, e o príncipe não conseguiu imaginar onde teria desaparecido.

Mas ele esperou até o pai dela chegar em casa e disse:

— A moça desconhecida fugiu de mim e acho que subiu na pereira.

O pai pensou: "Seria Borrallheira?" E mandou vir o machado e pôs abaihar a pereira, mas não havia ninguém ali.

Quando entraram em casa e espiaram na cozinha, lá estava sua filha no borralho como sempre; ela descera pelo outro lado da árvore, devolvera as roupas ao passarinho na aveleira e tornara a vestir seu vestido velho e cinzento.

No terceiro dia, quando o pai, a madrastra e as irmãs partiram, Borrallheira tornou a se dirigir ao túmulo da mãe e disse:

— Balance e trema, arvoretá amada,
e me cubra toda de ouro e prata.

Então o passarinho lhe atirou um vestido tão magnífico como ninguém nunca vira igual e um par de sapatos inteiramente dourados. Quando ela apareceu na festa nesses trajes, os convidados ficaram mudos de assombro. O príncipe dançou somente com ela e, se mais alguém a convidava para dançar, dizia: "Ela é o meu pai."

Quando anoiteceu e Borrallheira quis se retirar, o príncipe desejou ainda mais fortemente acompanhá-la, mas ela saiu correndo tão depressa que o deixou para trás. Mas dessa vez ele usara um stratagemema, mandara cobrir a entrada com cera de sapateiro. Assim, quando a moça desceu correndo, seu sapato esquerdo ficou preso em um degrau. O príncipe apanhou-o. Era pequeno e delicado e inteiramente dourado.

Na manhã seguinte, ele procurou o pai de Borrallheira e disse-lhe:

— Nenhuma outra moça será minha esposa a não ser aquela em que este sapato dourado couber.

As duas irmãs ficaram encantadas, pois as duas tinham belos pés. A mais velha entrou na sala para experimentar o sapato e a mãe postou-se ao seu lado. Porém, o dedão do seu pé impediu que ela o calçasse, seu pé era longo demais.

Então a mãe lhe entregou uma faca e disse:

— Corte o dedão; quando você for rainha não precisará mais andar.

A moça cortou o dedão, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe. Então ele a ergueu para montá-la em seu cavalo como sua noiva e partiu.

Mas, no caminho, tiveram de passar pelo túmulo e lá estavam na aveleira dois pombos, que cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
há um rastro de sangue em seu caminho,
porque o sapato é por demais pequenino,
e sua noiva ainda o aguarda em casa, verá.

Ele olhou para o pé da moça e viu o sangue que escorria. Deu meia-volta e tornou à casa com a falsa noiva dizendo que não era a moça certa: a segunda irmã devia experimentar o sapato.

Então ela entrou na sala e conseguiu enfiar os dedos no sapato, mas seu calcanhar era grande demais.

A mãe lhe entregou uma faca e disse:

— Corte um pedaço do calcanhar; quando você for rainha não precisará mais andar.

A moça cortou o calcanhar, fôrgou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe.

Ele a ergueu, montou-a no cavalo acreditando que fosse sua noiva e partiu.

Ao passarem pelo túmulo, os dois pombos que estavam na aveleira cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
há um rastro de sangue em seu caminho,
porque o sapato é por demais pequenino,
e sua noiva ainda o aguarda em casa, verá.

Ele olhou para o pé da moça e viu que escorria sangue e havia manchas escuras em suas meias. Então deu meia-volta e levou a falsa noiva para casa.

— Esta também não é a moça certa — disse ele. — O senhor não tem outra filha?

— Não — disse o homem. — Só resta uma filha da minha falecida esposa, uma servicial insignificante e mirrada, mas não é possível que seja a moça que procura.

O príncipe disse que deviam trazê-la.

Mas a madrastra respondeu:

— Ah, não, ela está muito suja; não pode ser vista em hipótese alguma.

Mas ele estava absolutamente decidido a ter o seu pedido atendido; e eles foram obrigados a chamar Borrallheira.

Depois que lavou as mãos e o rosto, ela foi à sala e fez uma reverência ao príncipe que lhe entregou o sapato dourado.

Ela se sentou em um banco, tirou os tamancos de madeira e calçou o sapato que coube certinho em seu pé.

Quando se levantou o príncipe olhou bem o seu rosto, reconheceu a filha moça com quem dançara e exclamou:

— Esta é a noiva certa!

A madrastra e suas filhas ficaram desoladas e brancas de tanta raiva: mas ele montou Borrallheira em seu cavalo e partiu.

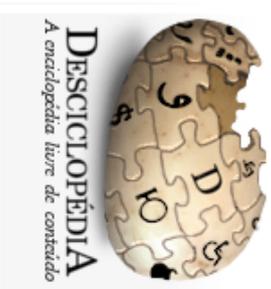
Ao passarem pela aveleira os pombos brancos cantaram:

— Olhe para trás, lhe pedimos, olhe para trás,
não há um rastro de sangue em seu caminho,
o sapato *nao* é pequenino demais,
para o palácio a noiva certa levará.

Ele dizendo isso os dois desceram e pousaram nos ombros de Borrallheira, um no direito, outro no esquerdo e ficaram empoleirados ali.

Na hora do casamento, as duas falsas irmãs apareceram para adular Borrallheira e participar de sua boa sorte. Quando o cortejo nupcial se dirigiu à igreja, a mais velha se sentou à sua direita e a mais nova à esquerda, e os pombos furaram um olho de cada uma.

Mas, na saída da igreja, a mais velha ficou à esquerda e a mais nova à direita, e os pombos furaram o outro olho de cada uma. Assim a maldade e a falsidade delas foram punidas para o resto da vida com a cegueira.



Contos de Fada



Pirilimpimpi! Esse artigo é encantado!

E veio de "Tão, Tão Distante".
 "Que todos tenham um final feliz!"



Regras de Como Fazer um Conto de Fada

[editar]

Pega-se uma pimenta, uma lantejoulá, uma coroa de ouro, um pote de tinta Têmpera, um vestido da Barbie e não obrigatoriamente, uma ou mais fadas, criando-se instantaneamente uma história, com começo, meio e fim. Mas não adianta nada tentar inventar um conto de fada se você não tiver talento como mentiroso. Portanto, se você não souber mentir, nem adianta continuar lendo esse artigo, pois você não vai conseguir criar um conto de fada. Caso você seja um excelente mentiroso do tipo Tom Cavalcante ou Adamastor Pitaco, basta seguir as 3 Regras de Criação de Contos de Fada:

- **1ª Regra de Criação de Contos de Fada:** Todo conto de fada deve conter as frases "Era uma vez..." e "... viveram felizes para sempre". Não necessariamente nessa ordem.
 - **2ª Regra de Criação de Contos de Fada:** Todo conto de fada deve conter aleatoriamente no mínimo 4 dos seguintes itens (sendo que 1 personagem deve ser órfão) = 1 Princesa, 1 Príncipe, 1 Sapo, 1 Bruxa, 1 *Fada Madrinha*, 1 Palácio, 1 Anão, 1 Rei, 1 Rainha, 1 *Varinha de Condão*, 1 *Festa* ou *Baile*, 1 *Lâmpada Mágica* ou *Abóbora*, 1 Duende ou *Gnomo* ou *Hobbit*, 1 Unicórnio, 1 Centauro, 1 Floresta, 1 Lenhador, 1 Cavalo, 1 *Poção Mágica* ou *Feitiço*. Não necessariamente nessa ordem.
 - **3ª Regra de Criação de Contos de Fada:** Todo conto de fada deve ter uma **Moral da História**, que consistirá em uma pequena frase sem impacto que contará o que conta o conto que foi recém-contado. Ou seja, a moral da história é que ela é parte mais imoral da invenção, porque depois de contar uma baita mentira que é um conto de fada, se o autor ou contador de conto de fada resolver incluir no final a moral da história, é porquê realmente têm muita cara de pau e não têm vergonha nem senso moral nenhum, e portanto está legalmente autorizado a inventar contos de fadas e incluir nestes uma moral da história. Não necessariamente nessa ordem.
- Prontol! Seguindo essas três regras, praticamente na ordem fornecida, você conseguirá criar um bem mentiroso conto de fada que vai divertir e imbecilizar muita gente!

Fonte: <http://dicionariowiki.com/Contos-de-Fada>

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Turma 81

Florianópolis, Outubro de 2011.

OS CONTOS DE FADA

O que são conto de fadas?

Os contos de fadas são uma variação do conto popular, fábulas ou lendas. Tem sua origem na tradição oral, e por isso são narrativas curtas e povoadas de aspectos mágicos e miraculosos. Geralmente, sua estrutura é composta pela luta do herói ou heroína contra o mal. Alguns exemplos: _____; _____; _____.

Como surgiram os contos de fada?

A origem dos contos de fada está nas narrativas orais folclóricas da Europa Ocidental. Esses contos populares foram recolhidos principalmente por estudiosos como Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm e Hans Christian Andersen, mas existem inúmeras outras fontes. A evolução dos contos de fada passou desde as histórias contadas oralmente, até os romances de cavalaria, romances preciosos, tornando-se uma “febre” nos séculos XVIII e XIX.

Os contos de fada sempre foram histórias para crianças?

Não. Os contos de fada foram transformados em histórias para crianças somente por idos do século ???. Antes disso, os contos de fada já foram histórias de assustar, alertando as moças sobre os perigos das cidades, com temas de estupro, violência e mutilação, já foram histórias para divertir os adultos, contadas em volta de fogueiras, já foram literatura muito apreciada nas cortes dos reis, até serem recolhidas, suavizadas e destinadas a divertir as crianças e adultos com histórias de sonho, romance e fantasia. Mas até hoje ainda se conservam algumas histórias com finais tristes e chocantes.

Como os contos de fada são tratados hoje?

Os contos de fada fazem parte da nossa identidade, da nossa cultura. Todos os dias, escutamos músicas, vemos filmes, propagandas, ouvimos e lemos histórias que contam, recriam ou citam essas narrativas.

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Turma 81

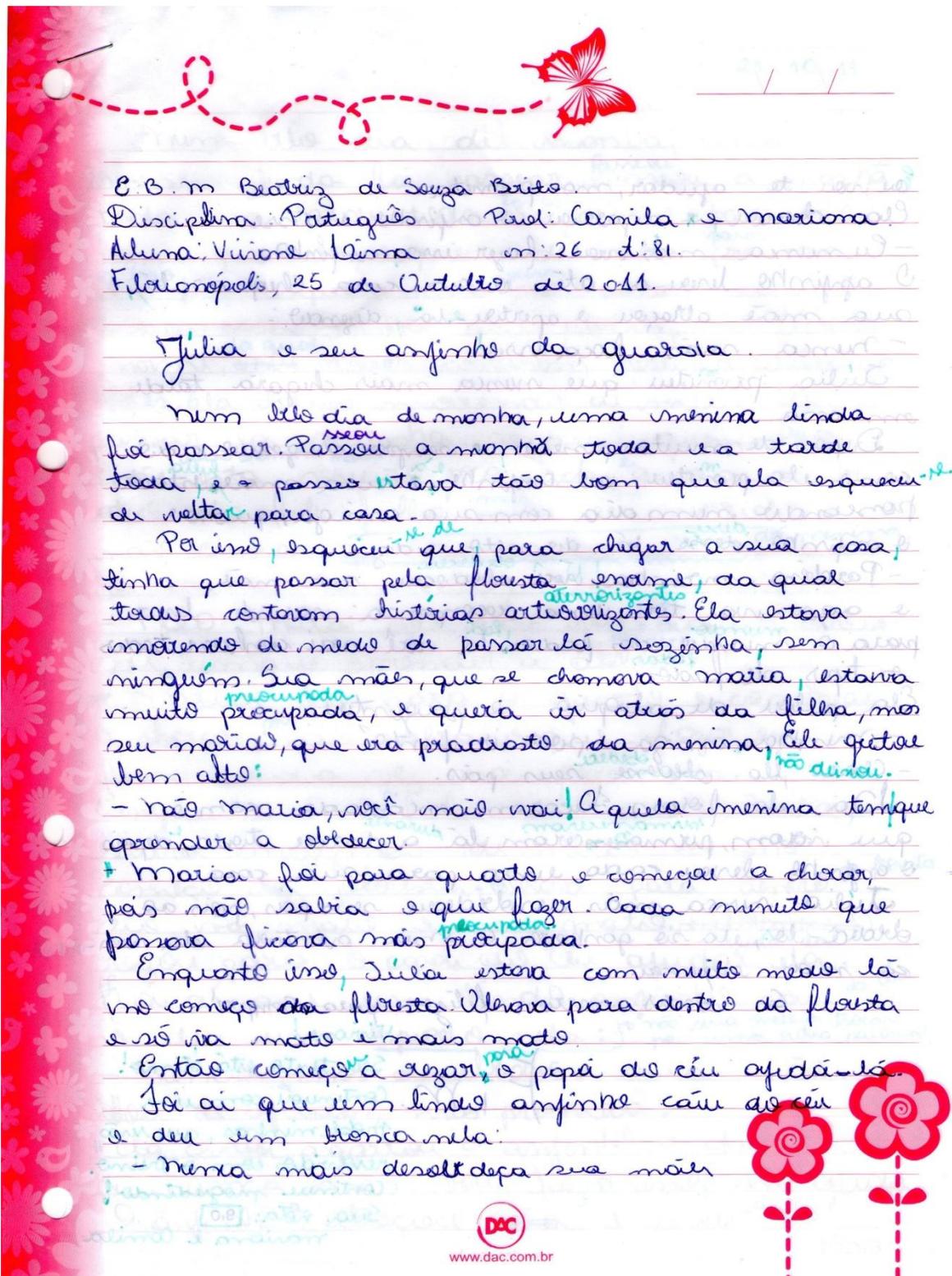
Florianópolis, Outubro de 2011.

ROTEIRO

As perguntas abaixo servem para orientar sua produção de um pequeno texto (10-15 linhas) sobre as características do texto lido.

- ✓ Quem é o personagem principal dessa história?
- ✓ Por quais infortúnios o personagem principal passa?
- ✓ Há elementos mágicos nessa história? Quais? A tarefa deles é para o bem ou para o mal?
- ✓ Você acha que o texto traz algum tipo de mensagem, ou moral da história? Se sim, qual?
- ✓ Você consegue identificar outras histórias (literatura, cinema, música, novela, etc.) Que contenham elementos da história que lemos?
- ✓ Com base em todas as suas respostas, como você classificaria o tipo do texto que lemos? Por quê?

7.9 AMOSTRA DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS



E.B.M Beatriz de Souza Brito.
Disciplina: Português. Pael: Camila e Maxiana.
Aluna: Viviane Lima. m: 26 d: 81.
Florianópolis, 25 de Outubro de 2011.

Julia e seu anjinho da guarda.

Num belo dia de manhã, uma menina linda foi passear. Passou a manhã toda e a tarde toda, e o ^{seu} passeio estava tão bom que ela esqueceu de voltar para casa.

Por isso, esqueceu que para chegar a sua casa, tinha que passar pela floresta encantada, da qual todos contam histórias maravilhosas. Ela estava com medo de passar lá sozinha, sem ninguém. Sua mãe, que se chamava Maria, estava muito preocupada, e queria ir atrás da filha, mas seu marido, que era sacerdote da menina, Ele ficou bem alto:

- Não Maria, não não vai! Aquele menina tem que aprender a obedecer.

✦ Maria foi para quarto e começou a chorar, pois não sabia o que fazer. Cada minuto que passava ficava mais preocupada.

Enquanto isso, Julia estava com muito medo lá no começo da floresta. Ulhou para dentro da floresta e só via matos e mais matos.

Então começou a rezar, e papai do céu ajudá-la.

Foi aí que um lindo anjinho caiu do céu e deu um beijo nela.

- Menina mais desobedeça sua mãe.

DAC
www.dac.com.br

Eu vou te ajudar, mas prometa.

Ela obedeceu, e apareceu o anjinho e disse:

- Eu nunca mais vou fazer isso, anjinho.

O anjinho levou-a até a sua casa. Chegando lá, sua mãe abraçou e apertou-a, dizendo:

- Nunca mais faça isso!

Julia prometeu que nunca mais chegaria tarde em casa.

Depois de muitos passeios, e sempre chegando cedo como ela prometeu ao anjinho, e sua mãe estava pensando num dia com sua amiga, quando o anjinho disse lá de alto e diz:

- Perdão, mãeinha! Vou obedecer sua mãe

e agora vai ter uma recompensa: vou te levar para o mundo dos fados. Lá você vai conhecer todos os tipos de fados.

Ela pulou de alegria e perguntou:

- minha amiga pode ir junto?

- Claro, ela obedecerá seus pais.

Lá eles foram. Ficaram encantados com o que viam, permaneceram lá a tarde toda, depois o anjinho levou cada uma para sua casa.

Julia nunca mais desobedeceu seus pais, pois se dedicou-lhes, ela só ganhava. E essa aventura ela nunca mais esqueceu.

E todos viveram felizes para sempre!

Vivione!

Seu texto está ótimo!

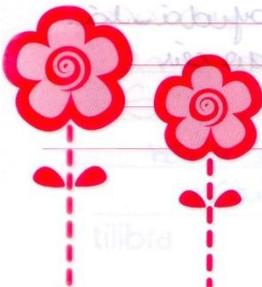
Continuu com um preleminhas, que não

resolvidos com o trino.

Continue pesquisando!

Sua nota: 9,0

maiora e comila



26/10/14

E. B. M. Beatriz de Souza Brito.

Disciplina: Português

Data 26/10/14

Aluno: Elieir Costa da Silva e Wallyson Neres

Os Lurcoitos Mágicos.

Era uma vez um padeiro que morava em uma cidadezinha chamada Pãozinho Doce. Nessa cidade também morava uma bruxa que desejava destruir a cidade, pois ^{ela} havia sido banida do ^{seu} mundo por tentar tomar o poder.

Um certo dia, o padeiro estava lá, fazendo seus lurcoitos, quando a bruxa sentiu o cheiro e tentou roubar os lurcoitos. Quando o padeiro percebeu, ele botou a bruxa para correr, mas a bruxa não desistiu, pois queria muito destruir a cidade e estava determinada a pegar os lurcoitos.

Mais tarde, naquela noite, a bruxa voltou à padaria determinada a dar vida aos lurcoitos e assim pôs o seu plano maligno ^{em ação}.

No dia seguinte, o padeiro chegou cedo e percebeu que alguém ^{estava} ali à noite e seus lurcoitos haviam desaparecidos. Logo pensou na bruxa, pois ela vinha tentando roubar seus lurcoitos. Mas, sem provas, ele não podia acusar a bruxa. ~~De~~ De repente,

tilibra

21/01/25

ele abriu um buraco que tinha das fundas da padaria e foi olhar o que estava acontecendo. Ele abriu e viu uma noz, então ele saltou até a balcão e pegou uma espátula e perguntou: "Quem está aí?"

Ele abriu uma noz que tinha de dentro de um armário. Quando ele abriu o armário, os luscritos pularam em cima dele e saíram correndo pela floresta. O padreiro, muito assustado, chamou um grupo de pessoas para caçá-los, pois sabia que era uma artimanha da bruxa para destruir a cidade.

Quando o grupo de caçadores avistou os luscritos, viu que eles estavam crescendo e que seria muito difícil derrotá-los. Foi aí que o padreiro teve uma ideia: jogar um tonel cheio de leite nos luscritos.

Assim, o padreiro e seus amigos derrotaram os luscritos e também cuidaram da bruxa, empurrando ela da cidade. E assim, ficaram todos felizes para sempre...
- do mal dos bruxos.

Memórias, ficou ótimo lugar a
É uma história fofa, mas adorável
Anexo a grande melhora da 1ª versão do texto para
as 2ª e 3ª versões que foram melhoradas com a
ajuda da produção textual (foi o máximo que
seu nome: 10,0)

tlibra

Carmita e Mariana

7.10 JORNAL PRODUZIDO NO PROJETO EXTRACLASSE

REPORTAGEM:

10ª SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFSC É CONTEMPLADA POR TODO O ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA BEATRIZ

Gabriela Felix, turma 63

A semana

Neste ano de 2011 a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito teve a oportunidade de, novamente, levar os alunos a contemplar a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

A 10ª SEPEX, que ocorreu de 19 a 22 de outubro, é considerada a maior feira de divulgação científica do estado, expondo projetos que envolvem comunicação, tecnologia, saúde, cultura, meio-ambiente, além de muitas outras atrações.

De quarta a sexta-feira, o evento iniciou o período de visitação às 9h e encerrou às 19h. Já no sábado, apesar de também ter iniciado às 9h, terminou às 13h.

Tradicionalmente, desde a primeira edição da feira, ela ocupa o pátio da reitoria da UFSC. Debaixo de uma grande estrutura de lona é que ficam os estandes dos projetos da mostra.

Assim como nas edições anteriores, a 10ª SEPEX recebeu cerca de 50 mil visitantes em seus mais de 200 estandes.

Entrevista com professora da escola esclarece importância da semana

Numa entrevista feita com a professora Lidiane Ângela Scariot, da disciplina de ciências, no dia 07 de novembro de 2011, podemos entender como foi importante a visita da escola à feira.

J.: De onde surgiu a ideia de levar os alunos da escola para visitar a SEPEX?

L.: Como a escola é muito próxima à Universidade Federal de Santa Catarina, a visita à feira é indispensável para os alunos. Ela é importante para todas as áreas escolares. Apesar de a maioria das pessoas pensar na *ciência* apenas como componente da disciplina escolar de

Ciências, isto não é verdade. A ciência é tudo, engloba todas as áreas do conhecimento. Assim, a visita a SEPEX se torna importantíssima para todas as disciplinas. É um evento gratuito, disponível a toda a comunidade. É impossível deixar de ir!

J.: Quais turmas foram? Quantos alunos? Como foram? Quantos professores acompanharam?

L.: Todas as turmas da escola foram visitar a feira, tanto do turno vespertino quanto do matutino, realizando a visita com o acompanhamento de seus professores regentes. Alguns poucos não puderam ir, mas em torno de 500 alunos contemplaram a visita em diferentes dias. Todos os alunos foram a pé para a feira, saindo da própria escola. Inclusive, num dos dias choveu, e os professores acompanhantes tiveram de encontrar um ônibus para transportar as crianças menores de volta para a escola. Como as turmas foram acompanhadas pelos professores regentes, dá para dizer que também todos os professores contemplaram a mostra.

J.: Que tipos de atividades surgiram nas disciplinas escolares a partir da visita?

L.: Foi realizada, depois de cada visita, uma discussão com os alunos sobre a feira em si. O que eles acharam, quais foram as suas impressões sobre os projetos, o que mais lhes agradou, etc. Como atividade para exposição na escola, cada aluno teve de elaborar um texto sobre a feira, tal como na discussão, apontando pontos positivos e negativos. Os alunos entregariam (alguns já entregaram) estes textos para os professores para a construção de um cartaz, por turma, referente à feira. Além do texto de opinião, cada aluno também deveria fazer um desenho em uma folha tamanho A4, a respeito do projeto da feira que mais chamou atenção. Serão escolhidos cinco desenhos para ilustrar o cartaz da turma. Depois de todos os cartazes elaborados e desenhos selecionados, eles serão expostos na escola.

J.: Foi a primeira vez que os alunos foram à SEPEX? Como repercutiu a visita?

L.: A escola já realizou a visita pelo menos duas vezes, e, geralmente quem organiza a visita é a professora Gladis – também da disciplina de ciências. A minha turma já fez o cartaz proposto como atividade a ser feita depois da visita a SEPEX, e está apenas aguardando para ser exposto na escola. Foi bem interessante ler os textos dos alunos: a maioria, como ponto positivo, destacou a possibilidade de ver a ciência acontecendo, colocando toda a praticidade da feira. Alguns alunos também criticaram um pouco, colocando que a feira foi bastante

repetitiva em relação a do ano passado. Não havia tantos projetos diferenciados. Os alunos foram bem críticos!

J.: Qual a importância desse tipo de visita?

L.: A visita à feira é de extrema importância, pois é o local onde os alunos verão a teoria relacionada à prática. É impossível deixar de frequentar a feira que é aberta à comunidade e gratuita, além de se classificar como evento nacionalmente conhecido e respeitado. Os trabalhos apresentados na feira não são apenas dos campi da UFSC que se localizam em Florianópolis, mas de todos os campi do estado.

O que achei interessante foi o serpentário! (Flávia Malagoli Félix, turma 62)

Com certeza o túnel do tempo foi a coisa mais interessante da SEPEX. (Pedro Manuel de Abreu, turma 62)

Achei legal, interessante, aprendi coisas que eu não sabia. (Maria Eduarda Rodrigues, turma 62)

Bia na tecnologia: Games no Beatriz

Caio Souza

E aí galera, galera? Vamos falar sobre games?

Todo mundo sabe que os jogos estão ficando mais populares, e na escola Beatriz não é diferente, pois tem sempre alguém jogando ou comentando a respeito de algum dos milhares jogos de computador e vídeo game que, todos os dias, aparecem no mercado.

Durante o recreio da escola, entrevistamos alguns alunos e descobrimos os jogos mais populares entre eles. E tivemos algumas surpresas: a galera do Beatriz é muito viciada!!! Alguns jogam até oito horas por dia! Os jogos mais populares são de violência, como GTA, Black, Call Of Duty (COD), Counter strike (CS), Combat Arms (CA) e Medal Of Honor. As outras preferências do público do Beatriz são os jogos de corrida, como Need For Speed e Midnight Club, futebol e The Sims III. Alguns desses jogos são pra computador, outros para vídeo game, e muitos rodam nos dois consoles.

Para agradar cada vez mais o público, que se interessa principalmente por jogos de ação (como vimos no Beatriz), a cada filme que é lançado, em seguida surgem jogos inspirados nessas histórias. É o caso da saga Harry Potter e do jogo para PS3, Xbox, Nintendo DS e Nintendo Wii **Thor – God of Thunder** que foi lançado no primeiro semestre de 2011. Uma novidade quente é o Call of Duty® ELITE, lançado em 07/11/2011 para Xbox e PS3.

Nós sabemos que jogar é muito legal, e que se pudermos, ficamos horas seguidas jogando, mas temos que ficar atentos com a postura, com a visão, e dar uma folga de vez em quando para se alongar, para o corpo não sofrer em função dos movimentos repetitivos. Também devemos tirar um tempo para praticar esportes e estudar.

